

**O REI ESTÁ NU**



**APOLa**  
**Apertura para Otro Lacan**  
**Sociedade Psicanalítica**

**O REI ESTÁ NU**  
**Revista para a psicanálise por vir**  
**Primeira edição em português**

**Ano 1 Nº 1**  
**Novembro 2021**

**COMITÊ EDITORIAL**

COLARES, KARIME  
DUTRA, FLÁVIA  
RODRIGUEZ SCIUTTO, CARINA  
MASCHERONI, GABRIELA  
MONTESANO, HAYDÉE



## ÍNDICE

Editorial.....	7
Os mergulhos do nó borromeano..... PEDRO HENRIQUE BEDIN AFFONSO	9
Formação em psicanálise..... FLÁVIA DUTRA	33
Debate sobre a formalização do discurso e a clínica psicanalítica..... ALFREDO EIDELSZTEIN	49
A formalização da psicanálise como uma dialética. A Primeira Clínica de Lacan e o grafo de 953..... JAIME IVÁN HERNÁNDEZ ESPAÑA	61
O estatuto do inconsciente: entre a fragilidade ôntica e a fortaleza ética ..... MARTÍN MEZZA	85
Sobre a recomendação de Lacan para estudar a escrita poética chinesa e o mal-entendido: "há que se fazer poesia"..... GABRIELA MASCHERONI	103
<i>Parlêtre</i> , um dispositivo do discurso da psicanálise..... HAYDÉE MONTESANO	129
Pontuações sobre a realidade na obra de Jacques Lacan..... CARINA RODRIGUEZ SCIUTTO	141
O estatuto do sujeito na psicanálise como sujeito dividido entre saber e verdade..... ROSANA VELLOSO	167



## **EDITORIAL**

É com satisfação que publicamos este primeiro número da revista “O rei está nu”, depois de 2 anos de fundação da APOLa no Brasil, hoje com sedes em Brasília e Salvador, contando com sócios e aderentes em diversos estados.

A revista pretende dar sequência, agora em nossa língua materna, à tradição já alcançada pelas 18 edições de “El rey está desnudo” na Argentina, qual seja: a de materializar, na forma escrita, a Abertura Para Outro Lacan que está no próprio nome (e propósito) que nos reúne.

Os artigos são fruto de investigações conduzidas na trilha definida pelo PIC – Programa de Investigação Científica, nosso marco formal de articulação de conceitos, em linha com o passo epistemológico necessário para desambiguar a obra de Lacan do discurso freudolacanianano.

Nesta edição contamos com artigos originais em português e traduções do espanhol de artigos originais ou já publicados em “El rey está desnudo”. É notável, nos artigos, a prevalência da questão acerca da formação do analista, presente em grande parte deles, assim como o direcionamento para uma proposta de formação.

Que essas páginas inaugurais possam ecoar numa psicanálise por vir.

Boa leitura!

Comitê Editorial





## **Os mergulhos do nó borromeano.**

### **Borromean ring embeddings.**

PEDRO HENRIQUE BEDIN AFFONSO

#### **RESUMO:**

Este artigo visa apresentar sucintamente os resultados de uma extensa investigação acerca do nó borromeano. Na contramão da ortodoxia lacaniana, apresenta uma articulação entre topologia das superfícies e dos nós, resgatando a noção de estrutura. Desta forma, opõe-se às leituras que cogitam: uma suposta clínica borromeana ou nodal como superação do paradigma estrutural; a declinação da investigação lógico-topológica em poesia; o sinthoma entendido como invenção singular, noção vaga e individualista, empregada como panaceia universal; a mostração topológica como espetáculo do manejo de cordas substancializadas. À diferença deste movimento hegemônico, caracterizado pelo emprego imaginário ou metapsicológico da topologia, o que se propõe é uma investigação das propriedades dos mergulhos do nó borromeano no toro triplo. Os resultados obtidos indicam que se trata de uma via profícua, até então inexplorada, a qual possibilita uma rearticulação de diversas problemáticas suscitadas por Lacan, fazendo surgir conjunções lógicas onde se encontravam somente disjunções exclusivas, tais como: topologia das superfícies e dos nós; o nó como escrita e como consistência tórica; estrutura trinitária e quaternária; relação simétrica e dissimétrica.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicanálise — Jacques Lacan — topologia — nó borromeano — estrutura.

#### **ABSTRACT:**

This brief article aims to briefly present the results of an extensive investigation about the Borromean rings. Against Lacanian orthodoxy, it presents an articulation between topology of surfaces and knots, rescuing the notion of structure. Thus, it is opposed to the readings that are considering: a supposed Borromean or nodal clinic as a way to overcome the structural paradigm; the declination of logical-topological investigation in poetry; the sinthome understood as a singular invention, a vague and individualistic notion, used as an universal panacea; the topological showing as a spectacle of the handling of substantialized ropes. Unlike this hegemonic movement, characterized by the imaginary or metapsychological use of topology, what is proposed is an investigation of the properties of the Borromean rings embeddings in a triple torus. The results obtained indicate that it is a fruitful path, still unexplored, which allows a rearticulation of several problems raised by Lacan, giving rise to logical conjunctions where only exclusive disjunctions were found, such as: topology of surfaces and knots; the knot as writing and as toric consistency; trinitarian and quaternary structure; symmetrical and dissymmetrical relationship.

**KEYWORDS:** psychoanalysis — Jacques Lacan — topology — borromean rings — structure.

## Introdução

A opção metodológica pelo recurso à topologia configura o campo de investigação próprio da psicanálise lacaniana, visando o estabelecimento do que Lacan chamou de campo do gozo. No entanto, a topologia permanece recôndita não somente do público mais geral alcançado pelas ideias de Lacan, como de grande parte dos psicanalistas lacanianos, dentre os quais se verifica não haver consenso acerca do estatuto da topologia lacaniana.

Em um extenso levantamento bibliográfico das publicações que propõem novas abordagens e empregos da topologia lacaniana, se constata que a maioria dos autores leva em conta somente um dos aspectos do amplo arcabouço topológico explorado por Lacan.<sup>1</sup> A principal objeção a ser feita ao modo de proceder empregado pelos psicanalistas reside em dois pontos fundamentais: o primeiro está na adoção restrita de um recorte da topologia lacaniana; o segundo se refere à redução da topologia a um mero instrumento de descrição psicopatológica em função da relação entre Real, Simbólico e Imaginário, configurando estruturas clínicas ou vagas formalizações de casos clínicos.

A despeito do que se verifica factualmente, supõe-se haver um consenso entre os analistas de que a topologia do nó borromeano inaugura um novo paradigma clínico consolidado por Lacan, ao mesmo tempo em que se admite uma variedade de empregos e interpretações particulares. Em todo caso, parece ser inadmissível a ignorância, dispensando uma investigação acerca do que de fato foi desenvolvido por Lacan e o que estaria colocado no horizonte de sua busca pela fundamentação do campo do gozo.

O emprego da topologia dos nós instaura um amplo campo de investigação, o qual deve necessariamente articular questões fundamentais da clínica que não se resumem a versão simplificada das relações de RSI, implicando em outras problemáticas, tais como a localização dos significantes, a fantasia inconsciente, as identificações, o sujeito-suposto-saber, a repetição e o ato analítico como modificação da estrutura.

Deve-se insistir na irredutibilidade da topologia a uma ferramenta classificatória ou ordenatória, pois, do contrário, se recai em um emprego puramente imaginário do nó. A tentativa de aplicação de um recorte parcial da topologia no âmbito clínico, com o

---

1 Cf. Affonso, P. H. B. (2020) *O revirar do avesso: a estrutura topológica da identificação na psicanálise de Jacques Lacan*. Campinas, SP. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

propósito de diagnosticar psicopatologias, categorizar intervenções ou formalizar casos, recai inevitavelmente em uma postura similar àquela dos pós-freudianos com a adoção cega à segunda tópica —escolha que foi vastamente criticada por Lacan, tendo optado por seguir no sentido contrário a esse movimento. A adoção incauta do referencial teórico ulterior de Lacan, geralmente apartado do conjunto de seu ensino, reflete uma apropriação equivocada de seus discípulos, culminando em uma metapsicologia do Real, Simbólico e Imaginário.<sup>2</sup>

A topologia dos nós introduzida por Lacan no início dos anos setenta é incessantemente reelaborada no período que se estende até seu falecimento. Nesse período a topologia desenvolvida por Lacan apresenta diversos aspectos, aparentemente incompatíveis: se apresenta como uma cadeia com a propriedade brunniana de se desfazer caso de retire um de seus componentes, identificada com a cadeia significante, sendo a cadeia borromeana a mais simples cadeia cuja propriedade brunniana não é trivial;<sup>3</sup> constitui uma escrita que permite articular as dimensões do Real, Simbólico e Imaginário e delimitar distintas modalidades de gozo, assim como o tríptico freudiano da angústia, sintoma e inibição, com referência às intersecções entre os registros;<sup>4</sup> é uma cadeia brunniana composta por quatro registros, RSI mais um, angústia, sintoma ou inibição, de acordo com sua posição na cadeia composta por dois pares opostos;<sup>5</sup> apresenta uma lógica temporal composta por ao menos dois tempos, primeiramente com o lapso que produz um erro na constituição da cadeia, fazendo com que um dos elos se solte, e, em seguida, de uma suplência realizada por um novo elo;<sup>6</sup> é uma cadeia composta por toros, seja por uma dupla de toros entrelaçados, por uma cadeia borromeana ou por cadeias brunnianas de quatro ou cinco toros que são articuladas em termos de sucessivos reviramentos tóricos;<sup>7</sup> é generalizada, primeiramente em termos de uma propriedade borromeana inédita, referida ao número de elos que precisam ser retirados para a cadeia se desfazer e, posteriormente, a partir da classificação milnorianna de cadeias, sendo identificada a uma cadeia específica, a qual é composta pela colocação em continuidade dos dois elos medianos de uma cadeia brunniana de

---

2 Crítica semelhante ao que indica Eidelsztein, A. (2020). Conferencia: Por el tamiz y con la fuerza de gravedad de Sigmund Freud. *El rey está desnudo*. Año 13, nº 16.

3 Lacan, J. (1972-1973). *Le Séminaire XX*. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).

4 Lacan, J. (1974). La troisième. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).

5 Lacan, J. (1974-1975). *Le Séminaire XXII*. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).

6 Lacan, J. (1975-1976). *Le Séminaire XXIII*. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).

7 Lacan, J. (1976-1977). *Le Séminaire XXIV*; (1977-1978). *Le Séminaire XXV*. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).

quatro elos e possui a propriedade de se desfazer por homotopia através de três auto-atravesamentos do elo mediano.<sup>8</sup>

O presente artigo visa apresentar os resultados de uma extensa investigação acerca da topologia lacaniana que culmina na proposição da hipótese de que haveria uma única estrutura subjacente aos diversos desenvolvimentos topológicos posteriores de Lacan, a qual só se evidencia, no entanto, por referência a topologia das superfícies. Essa abordagem da questão referente ao estatuto da topologia lacaniana se destaca do panorama atual de estudos sobre o tema.

Lacan é explícito ao afirmar em 1972 que a topologia é a estrutura.<sup>9</sup> A hipótese aqui apresentada consiste na afirmação de que essa correspondência não é algo cuja validade pretensamente teria se esgotado nos últimos anos do ensino de Lacan, culminando em um suposto abandono da estrutura pela adoção de uma topologia que inauguraria um novo paradigma, em ruptura com aquele da estrutura que o precede. Pelo contrário, os desenvolvimentos topológicos posteriores de Lacan, ao serem levados às últimas consequências, configuram uma estrutura que apresenta condições de articular a cadeia significante em sua covariância.

Trata-se de uma proposta que ambiciona a rearticulação de diversas problemáticas suscitadas por Lacan, fazendo com que onde se encontravam somente disjunções exclusivas apareçam conjunções lógicas, tais como entre: topologia das superfícies e dos nós; o nó como escrita e como consistência tórica; estrutura trinitária e quaternária; relação simétrica e dissimétrica.

### **Uma escrita bidimensional do nó borromeano**

Os desenvolvimentos topológicos apresentados a seguir buscam uma apreensão do espaço no qual os nós e cadeias se inscrevem, configurando uma alternativa mais adequada do que a escrita planificada apresentada por Lacan. Propõe-se escrever o nó borromeano sobre uma superfície de gênero três, superfície tórica mínima necessária para que o nó possa ser mergulhado, ou seja, para que não haja intersecções entre os elos. Topologicamente, se distingue entre mergulho e imersão, o primeiro para os

---

8 Lacan, J. (1978-1979). *Le Séminaire XXVI*. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).

9 Cf. Lacan, J. (1972) L'étourdit. E, especificamente acerca do nó borromeano como estrutura, cf. Lacan, J. (1977) "Propos sur l'hystérie".

procedimentos que não criam intersecções e o segundo para os que criam, como, por exemplo, nos casos do cross-cap e da garrafa de Klein, que só podem ser imersos no espaço tridimensional.

O toro triplo bidimensional, superfície de gênero três, é representado pelo diagrama plano de um polígono de doze arestas, um dodecágono. A figura a seguir mostra a colagem do dodecágono, formando o toro triplo:

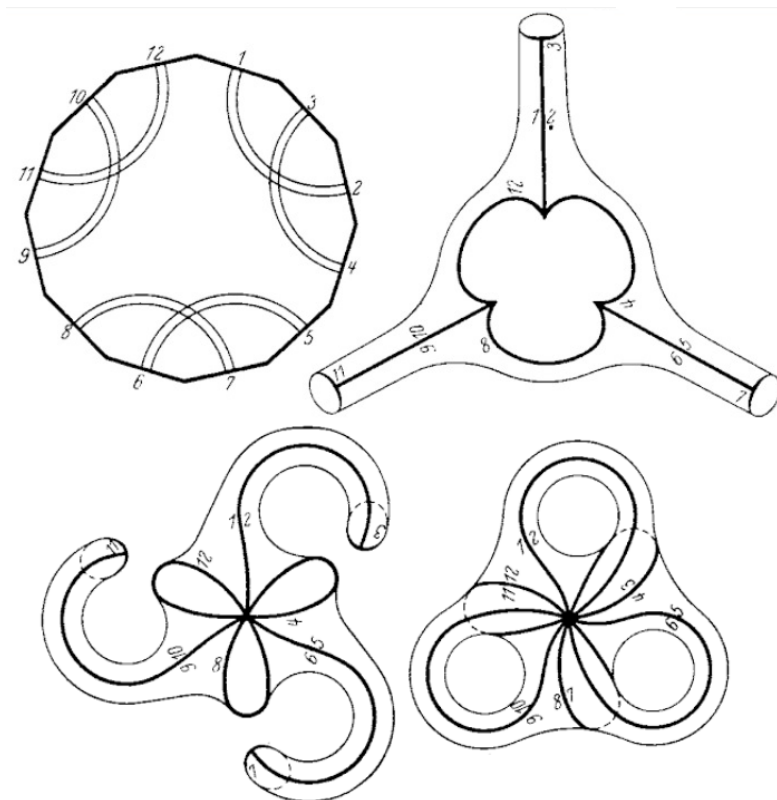


Figura 1: Montagem do dodecágono em superfície fechada de gênero três.<sup>10</sup>

A seguir se apresenta a escrita do nó borromeano sobre o dodecágono e seu fechamento resultando no toro triplo mergulhado em três dimensões:

<sup>10</sup> Figura extraída de Hilbert, D.; Cohn-Vossen, S. (1999). *Geometry and the imagination*. Providence, R.I.: AMS Chelsea Pub, 2nd ed, p. 301.

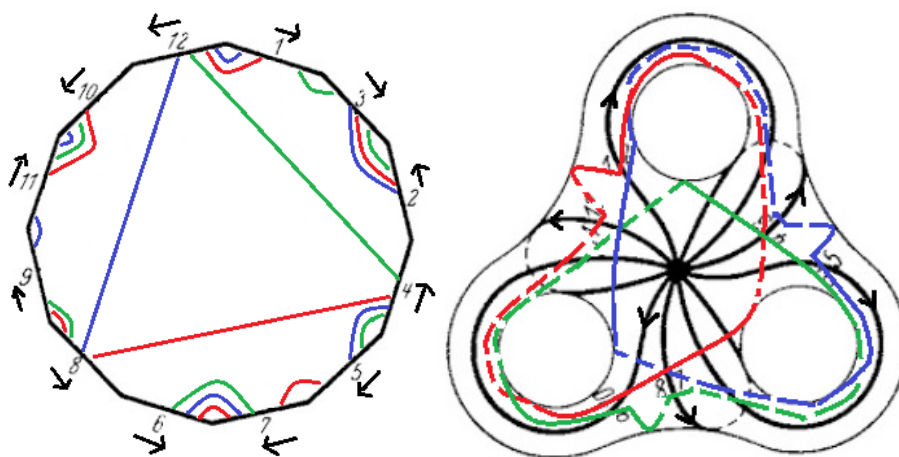


Figura 2: Nó borromeano escrito no dodecágono e sobre o toro triplo.

A escrita do nó no mapa bidimensional se mostra um suporte mínimo mais adequado para a escrita do nó borromeano do que o triskel, o qual Lacan identificou ao traço unário. Ademais, a abordagem do toro como superfície bidimensional, sem furos, é indicada por Lacan em seu texto “O aturdido”, no qual afirma que “o toro só tem furo, central ou circular, para quem o olha como objeto, não para quem é seu sujeito”.<sup>11</sup> Essa afirmação de Lacan contrasta com aquela referente ao toro ser uma estrutura cujo centro se situa fora de si, portanto, furada, apresentando uma extimidade.

O conceito de extimidade é caro à Lacan para indicar a excentricidade do sujeito do inconsciente –no sentido de estar descentrado, desalojado de si mesmo– o que faz com que o reconhecimento de seu íntimo venha de fora, tal como no infamiliar de Freud, em oposição ao indivíduo concêntrico do conhecimento, cujo centro é coincidente consigo mesmo. A contradição é somente aparente na medida em que no primeiro caso se trata do toro bidimensional, enquanto no segundo se trata do toro mergulhado no espaço tridimensional. Desfeita a aparente paradoxalidade da questão nos resta indagar sobre qual estado da estrutura topológica do toro se trata em psicanálise.

Duas variáveis permeiam a questão: a primeira é de que somente pode haver desejo e demanda, como equivalentes aos eixos central e periférico, respectivamente, na medida em que o toro é tridimensional, pois, enquanto superfície bidimensional não há distinção que permita saber qual dos eixos é do desejo e qual é da demanda; a segunda diz respeito à extimidade, pois, com o toro simples tridimensional se cai facilmente no engodo de que o ponto central da superfície se encontra necessariamente em seu

11 Lacan, J. (1972) L’ étourdit. Tradução livre.

exterior —o tal ponto êxtimo— porém, quando se trata do toro triplo, a ilusão se dissipa, revelando que o ponto central da estrutura, supostamente o mais íntimo, não se situa necessariamente em um dos furos que a atravessam, podendo muito bem ser simplesmente localizado em seu interior —o que retroativamente indica que o mesmo é válido mesmo para o toro simples, se for figurado como uma esfera munida de uma alça.

Em uma tentativa de resolver esse impasse, parece possível pensar que em um primeiro momento o sujeito está identificado à superfície bidimensional, mas, a partir de sua articulação ao objeto *a* pela fantasia, passa a ser tomado como superfície mergulhada no espaço tridimensional. Essa passagem do toro triplo bidimensional, apresentado pelo dodecágono, ao toro triplo mergulhado no espaço tridimensional seria equivalente ao terceiro modo de identificação, a identificação histórica, também conhecida como identificação ao desejo do Outro. É somente a partir do mergulho do toro triplo bidimensional no espaço de três dimensões que surgem os furos centrais e periféricos do toro triplo, ainda que já estivessem dados pelas coordenadas simbólicas da superfície. A identificação ao desejo do Outro é tributária da articulação do vazio dos eixos periféricos ao ‘nada’ dos furos centrais.

Essa hipótese apresenta uma solução ao primeiro problema, porém não resolve a questão da extimidade. É aí que entra a problemática do reviramento. No seminário sobre a identificação, o furo do toro coincidia com o ponto mais íntimo da estrutura e por aí entrava o toro complementar do Outro com o qual estabelece uma relação especular totalmente simétrica.<sup>12</sup> Quando se infere que não há necessariamente extimidade alguma colocada pelo toro triplo, faz-se necessário recorrer ao reviramento, pois somente por essa operação o centro mais íntimo da estrutura se alterna com um ponto em seu exterior. Essa questão será abordada mais adiante, mas antes, apresenta-se a proposta de transposição da formalização de 1974 para a estrutura do nó borromeano mergulhado no toro triplo.

---

12 Ainda que Lacan utilize o termo “dissimetria” ao se referir a diferença entre o circuito que se estabelece entre demanda e desejo nos dois toros, há que se reconhecer que se trata de uma relação especular, completamente simétrica entre sujeito e Outro.

### Transposição da escrita da relação entre os registros de “A terceira”

A escrita proposta por Lacan em “A terceira”, na qual se vislumbram as relações entre Real, Simbólico e Imaginário —o que se convencionou chamar de modalidades de gozo—, se escreve pela planificação do nó borromeano, ou seja, por sua projeção, o que se mostra problemático, pois a variação da disposição tridimensional do nó afeta a escrita. O estatuto dessa escrita jamais foi explicitado por Lacan, carecendo de maior detalhamento, dado que não é certo que se trate propriamente de um diagrama de Euler-Venn.

O mergulho do nó borromeano no toro triplo permite uma rearticulação dessa escrita, situando as dimensões do Real, Simbólico e Imaginário nos furos centrais e concebendo as modalidades de gozo como saldo do percurso pulsional —lacanianamente entendido como trajetória topológica ao redor do objeto  $a$ , formalizada como  $\mathbb{Z}\mathbb{Z}D$ , ou seja, como corte— em torno dos registros, tomados dois a dois.

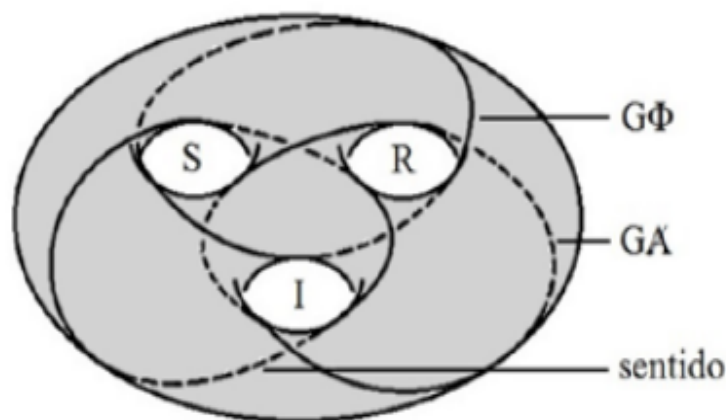


Figura 3: Nó borromeano mergulhado em toro triplo com escrita dos registros e das modalidades de gozo

Nota-se que esta abordagem topológica privilegia a articulação das diferentes modalidades de gozo, na medida em que propõe uma leitura topológica rigorosa em oposição a uma apreensão meramente geográfica do nó permitida pela sua escrita planificada empregada usualmente.<sup>13</sup>

Emprega-se o método analítico de desvinculação entre certas propriedades topológicas e conceitos para propor novas articulações que modificam sua configuração original: os três registros são separados de suas consistências para serem designados somente por

<sup>13</sup> Affonso, P. H. B. (2016). *Contribuições à topologia lacaniana*. São Paulo: Zagodoni.



---

furos de uma mesma consistência e a delimitação das modalidades de gozo, não mais realizada projetivamente, é reformulada em termos da ação de um corte ao contornar os furos dois a dois.

O nó borromeano mergulhado na superfície multitórica possibilita uma reconsideração do estatuto de sua escrita ao ser tomado como corte, modificando a estrutura que o acolhe, e subsistindo como cicatriz mediante a sutura posterior à sua ação. Isso leva a um problema, pois, havendo corte, os furos centrais não mais existiriam para a contagem das voltas. Encontra-se uma resolução para esta questão ao se admitir uma resistência imaginária que suportaria a ação do corte, fazendo com que a topologia não se reduza a sua estrutura simbólica, necessariamente mantendo sua consistência.

Quanto à problemática da articulação das modalidades de gozo pela escrita do nó borromeano, apresenta-se a seguir um exame das propriedades da estrutura do mergulho do nó borromeano no toro triplo que contribui para uma melhor apreensão da questão.

### **A estrutura tetraédrica do toro triplo**

O toro triplo mergulhado no espaço tridimensional é uma superfície de genus-3, a qual pode assumir diferentes configurações, desde sua forma usual, empregada aqui até o momento, mas também como uma esfera com três alças, como uma superfície de Lawson composta por quatro colunas unidas em dois polos ou como um tetraedro, denominado “Tetrus”.

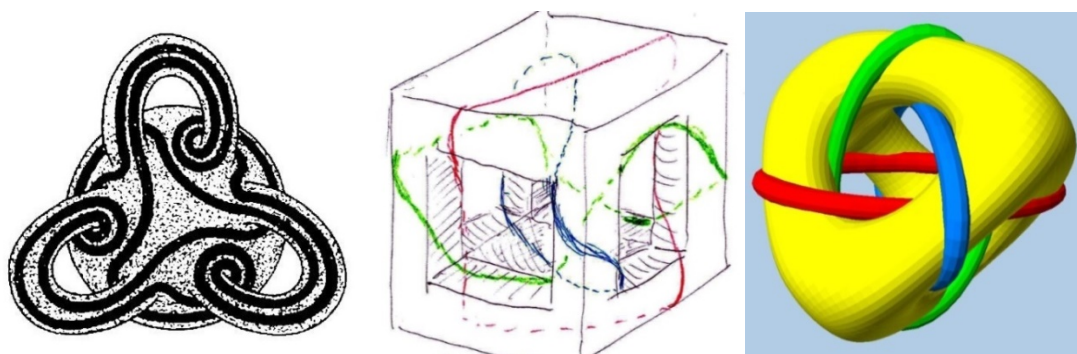


Figura 4: Nó borromeano mergulhado nas diferentes configurações de uma superfície de genus-3: esfera com três alças<sup>14</sup> (esq.), superfície de Lawson (meio) e “Tetrus” (dir.).

O homeomorfismo entre essas configurações da superfície de genus-3 mostra a importância da distinção realizada por Lacan entre forma e estrutura, sendo essas diferentes formas topologicamente deformáveis umas nas outras, pois se trata da mesma estrutura. Ao ser disposta de forma simétrica no espaço tridimensional, esta superfície apresenta uma configuração tetraédrica, sendo composto não por três, mas por quatro furos. A apresentação usual do toro triplo, embora não esteja incorreta, configura uma espécie de escrita planificada de uma estrutura mais complexa, uma perspectiva que ignora a presença irreduzível de um quarto elemento em sua composição.



Figura 5: Deformação do Tetrus em toro triplo.

Como a passagem entre essas diferentes disposições da mesma superfície é feita através de deformações contínuas que não alteram os invariantes da estrutura, a cadeia borromeana mergulhada tampouco é modificada, não sofrendo nenhuma ruptura. A apresentação do nó borromeano mergulhado no toro triplo indicada previamente se mostra como apenas uma de quatro perspectivas possíveis da mesma estrutura. Assim,

<sup>14</sup> Figura extraída de Vappereau, J-M. (1997). *Estofa: Las superficies topológicas intrínsecas*. Ediciones Kliné.

obtém-se as seguintes configurações do nó borromeano mergulhado no toro triplo, considerando a presença implícita do quarto furo:

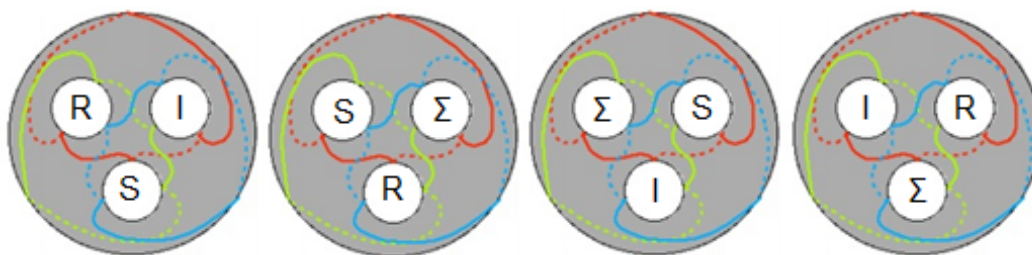


Figura 6: Múltiplas apresentações do nó borromeano mergulhado

O trajeto que delimita a intersecção entre Real e Imaginário, o que resultaria na produção do gozo do Outro barrado, a partir de outra perspectiva, delimita os dois registros que exclui, Simbólico e o quarto registro implícito, o Sinthoma. Isso vale para a conjunção do Simbólico com o Imaginário e do Simbólico com o Real, que produzem o sentido (*j'oui sense*) e o gozo fálico, respectivamente, mas também realizam a conjunção do Real ao Sinthoma para o primeiro par e do Imaginário ao Sinthoma para o segundo.

Essa estrutura permite articular a apresentação do nó aberto da conferência “A terceira” em que figura a tríade freudiana no seio do nó borromeano com os desenvolvimentos realizados por Lacan no seminário “R.S.I” acerca da necessidade de um quarto elo a ser acrescentado, formando pares opostos, como Nominção Real, Simbólica ou Imaginária, designados como Angústia, Sintoma e Inibição, respectivamente.

A estrutura mostra que, embora o quarto registro exista de forma simétrica aos três primeiros, não havendo *a priori* nenhuma relação de pares opostos com a introdução deste quarto elemento, ele se faz presente, não pela adição de um elo a mais, mas pela substituição de um dos três primeiros que passa a ocupar a posição de quarto registro implícito. Essa operação de substituição já está dada pela estrutura do nó borromeano mergulhado no toro triplo, mantendo as relações apresentadas pelo esquema do nó “aberto”, no qual a tríade freudiana aparece ligada a intersecção entre os registros, articulada sincronicamente com a definição ulterior dessas categorias como derivadas da conjunção de cada um dos três registros originais ao quarto registro, o mais-um.

Opta-se por manter a denominação de Sinthoma, notado pelo símbolo  $\Sigma$  (Sigma), para o quarto registro, e para as conjunções entre Sinthoma e Real ( $\Sigma R$ ), Sinthoma e Simbólico ( $\Sigma S$ ) e Sinthoma e Imaginário ( $\Sigma I$ ) se utiliza as definições de Lacan que os identificam à tríade freudiana de angústia, sintoma e inibição, respectivamente. Apresenta-se a seguir uma tabela com as modalidades de gozo para cada uma das configurações possíveis dos quatro registros.

	<b>RSI</b>	<b>RΣS</b>	<b>SIS</b>	<b>RIΣ</b>
<b>Elo Verde</b>	Gozo fálico	Gozo fálico	Inibição	Inibição
<b>Elo Azul</b>	Sentido	Angústia	Sentido	Angústia
<b>Elo Vermelho</b>	Gozo do <del>Outro</del>	Sintoma	Sintoma	Gozo do <del>Outro</del>

Tabela 1: Modalidades de gozo para cada uma das configurações de RSIΣ

Nota-se que a angústia ( $\Sigma R$ ) é produzida no lugar do sentido (SI), a inibição ( $\Sigma I$ ) no lugar do gozo fálico (RS) e o sintoma ( $\Sigma S$ ) no lugar do gozo do Outro barrado (IR). Há uma tensão entre o par de elementos, de forma que um surge na ausência do outro. A inibição tomaria o lugar do gozo fálico, por exemplo, impedindo-o de se exercer. Outra forma de colocar a questão seria dizer que a produção de uma modalidade de gozo implica na produção de seu par, por exemplo, de que o sintoma comportaria o gozo do Outro barrado.

Sem a pretensão de prover uma resposta definitiva para as hipóteses aqui levantadas, destaca-se o quanto essas articulações topológicas constituem um operador de leitura que permite realizar conjunções acerca de propostas de Lacan onde só podiam ser vistas disjunções, como no caso apresentado da tríade freudiana escrita na cadeia borromeana simples ou na composição de uma cadeia de quatro elos. Essa escrita incide na articulação de conceitos de grande relevância para a psicanálise e exige uma revisão crítica de suas implicações clínicas.

A estrutura do ‘três mais um’, presente desde o esquema R de Lacan, no qual a realidade do sujeito é foracluída,<sup>15</sup> se revela no seio da topologia do nó borromeano mergulhado no toro triplo, com a possibilidade de que, ao propor uma desvinculação entre espaço, lugar e posição, permite colocar em jogo o quarto elemento em

15 Cf. Eidelsztein, A. (2016). *Las estructuras clinicas a partir de Lacan* [Volumen I]. 3ª ed. Buenos Aires: Letra Viva.

substituição a um dos três primeiros. Ou seja, mantém-se que há um quarto lugar foracluído, mas o que ocupa esse lugar é intercambiável na estrutura.

A estrutura tetraédrica do toro triplo é a articulação de um furo cernido, limite interior, à borda externa. Trata-se do revelamento —no sentido de uma operação fugaz que no mesmo instante em que mostra o que estava velado reafirma o velamento— daquilo que resiste a ser delimitado, evidenciando a insuficiência da formalização algébrica nesta topologia.

A contribuição fundamental da apresentação da estrutura tetraédrica do toro triplo e da combinatória que dela se depreende para o conjunto da obra lacaniana é de suportar a hipótese de que se trata de uma topologia do não-todo, pois, embora seja possível visualizar a presença dos quatro furos estruturais, sua dinâmica só pode ser obtida pela consideração parcial que ‘achata’ o toro triplo. Diferentemente da teoria dos discursos, na topologia do nó borromeano mergulhado sempre há um elemento que fica de fora na composição das quatro disposições possíveis da combinatória.

A borda externa do toro triplo é identificável ao não-lugar, ou ainda, ao um-a-mais, o que fica de fora. Embora sua função possa ser assumida por qualquer um dos quatro furos que compõem a estrutura do toro triplo, conforme se explorou sua combinatória, se trata da exclusão interna, do lugar que resiste a ser delimitado. O recurso de Lacan à reta infinita como um dos registros que compõem o nó borromeano, identificando-a ao Real sem, contudo, delimitá-lo, trata desta mesma questão e encontra aqui uma melhor resolução em articulação com os demais problemas suscitados pela estrutura em questão.<sup>16</sup>

Um exame detalhado das propriedades desta estrutura permite dar um encaminhamento absolutamente original à questão do reviramento, vastamente explorada por Lacan em relação ao nó borromeano.

### **O reviramento do toro triplo e seu efeito sobre o nó borromeano mergulhado**

O reviramento tórico apresentado por Lacan nos seminários 24 e 25 é equivalente à aplicação de uma função involutiva pela qual o toro passa a seu avesso. Na ocasião, este

---

16 Cf. Lacan, J. (1979-1980). *Le Séminaire XXVII*, conferência de 12 de julho de 1980 em Caracas: “*Certamente, meu nó não diz tudo. Sem o que eu não teria mesmo a chance de me repetir nisso que há: pois não há, digo-eu, não-todo. Não-todo certamente no real, que abordo a partir de minha prática. Notem que no meu nó, o real resta constantemente figurado pela reta infinita, como círculo não-fechado que ela supõe. Se mantém que só possa ser admitido como não-todo*”. Tradução livre.

procedimento é articulado ao binômio envelopado-envelopante, a partir de dois toros entrelaçados, mas também de outras cadeias, inclusive a cadeia borromeana. O que não é explicitado por Lacan acerca do reviramento tórico é sua semelhança com o que ele já havia desenvolvido no seminário de 1961-1962 acerca da identificação, com o par de toros entrelaçados. Ao inscrever um percurso tórico qualquer em um toro simples, o procedimento de reviramento o transforma em seu inverso em termos de voltas em torno do furo central e periférico, ou seja, se transforma no percurso que seria obtido pelo decalcamento no toro complementar.

Se no seminário de 1961-1962 era necessário um toro complementar para a obtenção do percurso tórico inverso através de um decalcamento, com a noção de reviramento o nó-tórico inverso pode ser obtido sem a necessidade de um toro complementar, pois se efetua a partir de uma operação de inversão sobre si. Essa operação precisa levar em conta o tempo, pois enquanto a inversão por decalcamento acontece como por um espelhamento, ou seja, coexistente no espaço e simultâneo no tempo, no reviramento é necessária uma escansão temporal para passar ao avesso.

A estrutura do nó borromeano mergulhado no toro triplo permite retomar o que estava em jogo para Lacan no início dos anos sessenta acerca da dialética da frustração, da relação entre demanda e desejo, porém, não mais opondo sujeito e Outro ou pressupondo a complementaridade entre ambos, mas a partir da imissão do sujeito no campo do Outro, procedimento irreversível. Tal ponto é de extrema relevância para a clínica, pois formaliza a asserção de que o sujeito recebe do Outro sua mensagem invertida,<sup>17</sup> a qual se articula a concepção do inconsciente como avesso do discurso.<sup>18</sup>

Apresenta-se a seguir o resultado do procedimento de reviramento do toro triplo no qual está mergulhado o nó borromeano. O reviramento operado através de um furo, o qual é homólogo a um corte redutível a um ponto na superfície, realiza uma inversão dos eixos centrais e periféricos do multitoro. Utiliza-se como primeiro exemplo o reviramento de uma superfície de Lawson de genus-3 na qual se encontra o nó borromeano mergulhado.<sup>19</sup>

---

17 Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

18 Lacan, J. (1972). L'Étourdit.

19 Essa operação foi realizada através de um modelo físico, construído com sacos plásticos, pelo prof. Carlo Séquin, a quem mais uma vez agradeço publicamente pela longa e generosa colaboração na pesquisa acerca dos reviramentos tóricos. As figuras também são de sua autoria. Cf. Séquin, C. H. (2020). Everted embeddings. In: Yackel, C. et al. (ed.) Proceedings of Bridges 2020: Mathematics, Art, Music, Architecture, Education, Culture. Tessellations Publishing, pp. 57-66.

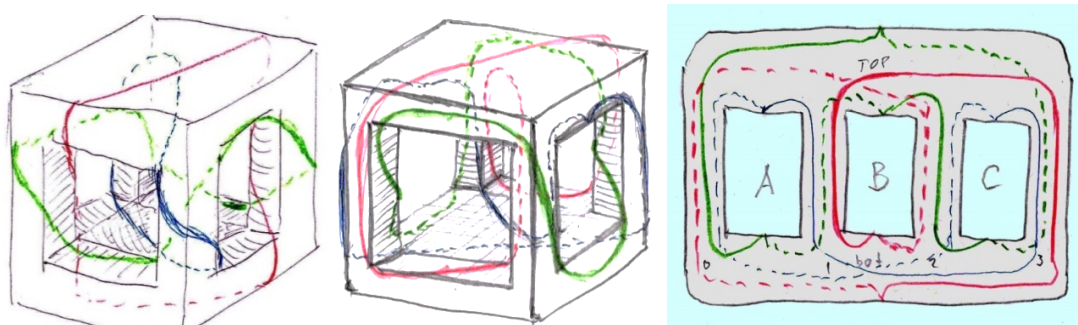


Figura 7: Reviramento da superfície de Lawson através de um furo e sua deformação em um toro triplo.

Nessa forma de reviramento o mergulho do nó borromeano resultante é bastante distinto do mergulho original, apresentando uma simetria entre dois elos (vermelho e azul) enquanto um terceiro elo (verde) aparentemente protagoniza um papel diferenciado. No entanto, com o reviramento efetuado a partir do toro triplo obtêm-se dois resultados aparentemente distintos da mesma operação:

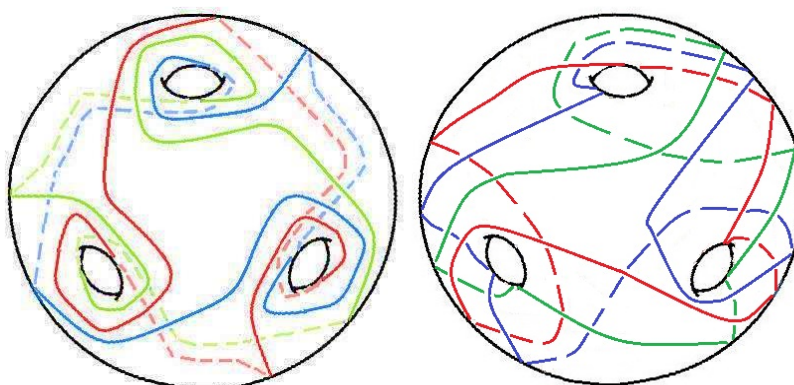


Figura 8: Dois resultados do reviramento do nó borromeano mergulhado no toro triplo.

Estes três aparentemente distintos mergulhos do nó borromeano na realidade são diferentes disposições do mesmo mergulho, sendo possível passar de uma configuração à outra através de deformações contínuas da superfície.

O problema de saber qual destas disposições seria a mais simples permanece em aberto, pois necessitaria de critérios precisos para poder definir uma classificação das diferentes disposições do mesmo mergulho. Enquanto a primeira disposição conserva maior simetria em relação ao número de elos que atravessa cada furo, incluindo a borda externa, as outras duas disposições apresentam uma relação simétrica entre os elos, ausente na primeira, assim, há uma dissimetria que insiste, se colocando ou na relação

entre os elos ou na relação dos elos aos furos. Entre as duas últimas configurações, a primeira parece mais simples por apresentar um menor número de passagens pela borda externa e de cruzamentos dos elos, considerando seu achatamento, porém, ambas apresentam uma dissimetria radical em relação às diferentes perspectivas da estrutura, ausente no mergulho original. Atenta-se que é em relação a uma dissimetria semelhante, referente aos elos de uma cadeia, que Lacan articula a não-equivalência como condição para que possa haver relação ao *sinthoma*, suplência à não-relação sexual.<sup>20</sup>

No mergulho original do nó borromeano, a permutação dos quatro registros não altera a relação entre as conjunções que estabelece pela delimitação dos furos pelos percursos. A lógica do “três mais um” está posta pela possibilidade de inversão dos furos, porém funciona em total simetria, havendo equivalência entre os registros. Já no caso do mergulho pós-reviramento, optando por uma disposição que conserve a simetria entre os elos-cortes, o mesmo não ocorre, pois um dos furos é colocado em jogo de forma dissimétrica, o qual seria identificado ao *sinthoma*, fazendo com que se inscreva como  $RSI + \Sigma$ , sendo os três primeiros permutáveis entre si, não o *sinthoma*. A maneira como o *sinthoma* é abordado por Lacan apresenta a mesma duplicidade: equivalente às outras dimensões num primeiro momento, e, posteriormente, situado em sua relação de não-equivalência.

### **Reviramento por homotopia regular**

Conforme apresentado, o reviramento pode ser realizado por uma via substancialista através de um ou mais furos na superfície, procedimento que cria uma descontinuidade, a qual é em seguida reparada por uma sutura. Há outra forma de realizar o reviramento, a partir uma abordagem estritamente topológica, insubstancialista, através de deformações contínuas da superfície.

Esta forma de reviramento de uma superfície multitórica é realizada através de deformações por auto-intersecções que são permitidas pela imersão do toro bidimensional no espaço tridimensional, sendo, portanto, feito por continuidade, através

---

20 Lacan, J. (1975-1976). Le Séminaire XXIII. Classe de 17 de fevereiro de 1976. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).



de sucessivas torções que respeitam os limites da estrutura original, ou seja, que se realizam sem necessidade de uma ação que cause ruptura ou descontinuidade.

O reviramento por homotopia regular deriva de um problema topológico desenvolvido por Smale no final dos anos cinquenta acerca do reviramento da esfera feito por meio de homotopia regular, através de deformação contínua da superfície que permite atravessar a si mesma para operar a inversão interior/exterior, porém sem criar nenhum tipo de descontinuidade como furos ou rasgos.<sup>21</sup> Há ao menos duas formas conhecidas de realizar o reviramento por homotopia regular do toro, o de Phillips<sup>22</sup> e o de Cheritat.<sup>23</sup>

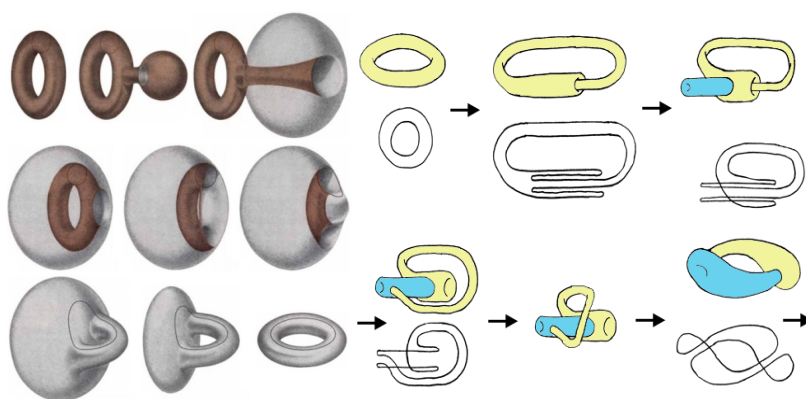


Figura 9: Reviramento tórico por homotopia regular de Phillips (à esq.) e de Cheritat (à dir.).

No reviramento operado por Phillips, ocorre a inversão entre os eixos centrais e periféricos, sendo homólogo ao reviramento operado através de um furo. Neste procedimento, primeiramente se faz uma esfera que seja maior que a parte propriamente tórica, para que posteriormente possa, por auto-atravesamento, fazer passar a parte tórica para seu interior e então puxá-la para o exterior, efetivando o reviramento que causa a inversão dos eixos central e periférico do toro. Já no procedimento de Cheritat é feito um movimento que passa por uma dupla garrafa de Klein, de forma que não ocorre inversão entre os eixos do toro, porém, considerando o nó-corte mergulhado, resulta na obtenção de sua imagem especular.

21 Cf. Sullivan, J. M. (2002). Sphere Eversions: from Smale through “The Optiverse”. In: Bruter C.P. (eds) *Mathematics and Art. Mathematics and Visualization*. Springer, Berlin, Heidelberg.

22 Phillips, A. (1966). Turning a surface inside out. *Scientific American*, vol. 214, no. 5, pp. 112–121.

23 Cf. Séquin, C. H. (2011). Torus immersions and transformations. UCB Tech Report. Em virtude do caráter sintético de nossa exposição, não nos deteremos nesses procedimentos, o que fizemos detalhadamente em outra ocasião, cf. Affonso, P. (2020) Op. Cit. Cabe indicar que essas formas de reviramento por homotopia regular permitem a composição de um grupo de Klein das transformações do mergulho do nó. Os quatro mergulhos obtidos pela combinação dessas operações podem ser obtidos pelas quatro formas de colar o mapa bidimensional que apresentamos neste artigo, conforme a escolha dos eixos centrais/periféricos e da face interior/exterior.

A escolha por uma topologia do nó borromeano mergulhado, em detrimento de uma escrita planejada do nó fundada na projeção do objeto, ao permitir o reviramento por transformação contínua do multitoro imerso na terceira dimensão, expurga completamente qualquer resquício de uma metafísica que poderia ser atribuída ao nó borromeano. Se o mergulho do nó acaba com a ilusão da identificação dos registros às consistências individuais, realocando-os nos furos de uma única consistência, o reviramento permitido pela imersão do toro triplo na terceira dimensão mostra que os furos não têm a menor condição de configurar um reduto onde se pudesse fixar uma identidade permanente, pois são intercambiáveis com os eixos periféricos do multitoro.

Resumidamente, os desenvolvimentos topológicos propostos visam alcançar o verdadeiro estatuto estrutural, cujo fundamento é a covariância dos elementos que compõem a estrutura. Estando posto o contínuo intercâmbio entre interior-exterior, tanto da superfície quanto dos eixos centrais e periféricos, e, mais ainda, do furo à borda externa, o percurso do nó-corte se torna instável, sujeito às modificações, e os elementos, entendidos como a designação dos registros, não podem ser seguramente alocados nos furos.

As inversões e reviramentos desenvolvidos a partir da topologia do nó borromeano mergulhado permitem avançar na proposição de que a topologia lacaniana não trata somente da alternância entre operações descontínuas (cortes) e àquelas restabelecedoras de continuidade (sutura), mas principalmente da ação de transformação contínua como dissolução da descontinuidade. Ao dessubstancializar a consistência que confere a intransponibilidade entre dentro e fora do toro triplo no espaço tridimensional, essa oposição é então desafixada, passando a se sustentar apenas pelo tempo que leva para transpô-la através do procedimento de reviramento.

Se o procedimento de mergulho em alguma medida restringe a movimentação do nó borromeano, essa restrição não deve ser confundida com rigidez, pois, mediante as deformações contínuas da superfície, o nó permanece à deriva. O reviramento por homotopia regular vai ainda mais além nessa direção, permitindo passar de um mergulho a outro, passagem intransponível apenas por deformação da superfície mergulhada no espaço tridimensional.

### O mergulho herético do nó borromeano

No decorrer da investigação acerca das propriedades do mergulho do nó borromeano, encontrou-se um distinto mergulho dessa cadeia, nomeado de mergulho “herético”<sup>24</sup> — em oposição ao mergulho canônico, empregado até o presente momento. Esse mergulho pode ser facilmente obtido ao se escrever cada um dos elos do nó borromeano em uma das alças da esfera, na condição das últimas estarem entrelaçadas como um nó borromeano.

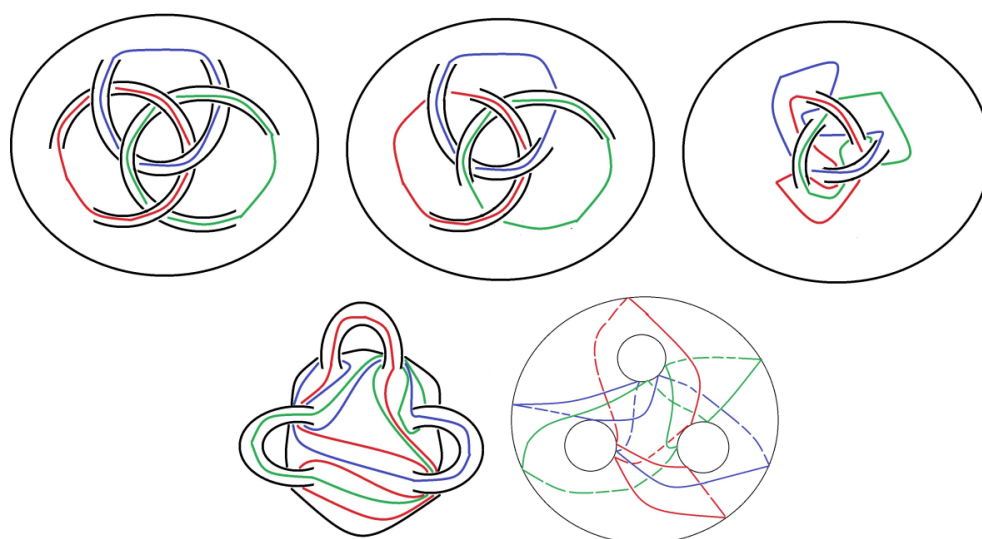


Figura 10: Mergulho herético do nó borromeano a partir de uma esfera com três alças entrelaçadas (em cima, à esq.) e sua deformação até chegar ao triplo toro (abaixo, à dir.).

O mergulho “herético” é o mais simples de um conjunto composto por infinitos mergulhos distintos do nó borromeano, caracterizados por terem apenas uma curva por alça —ou uma curva atravessando cada furo, nos casos dos mergulhos que correspondem a seu avesso por reviramento. Assim, há um número virtualmente infinito de variações do mergulho herético e do seu avesso por reviramento, em ambas as orientações, compostos por um número qualquer de voltas excedentes de cada um dos elos-cortes em torno de um dos eixos do multitoro, realizadas em uma ou outra direção, de forma independente, ou seja, um elo pode apresentar  $n$  voltas levogiras enquanto outro apresenta  $m$  voltas para dextrogiras.

24 Cf. Affonso, P. H. B. (2020) *O revirar do avesso*, op. Cit.

O mergulho herético do nó borromeano permitiria articular topologicamente a problemática referente ao lado feminino das fórmulas da sexuação de Lacan. A negação do universal no cerne do “não-toda” submetida a ordem fálica em seu caráter suplementar e dissimétrico —evidenciando a sua não complementaridade e não-equivalência em relação a posição masculina—, converge em direção a uma abordagem da multiplicidade.

Ao dizer que uma mulher é um *sinthoma* para o homem, mas que o homem seria algo como uma devastação para uma mulher, Lacan realizaria uma sobreposição de duas dissimetrias distintas: a do *sinthoma* como revelação do quarto furo que causa dissimetria no mergulho do nó e da posição feminina que se mostra dissimétrica, tanto em relação à posição masculina —como mergulho canônico—, quanto em relação a si mesma —como a série de mergulhos heréticos. Por isso, arrisca-se dizer que, enquanto o sujeito na posição masculina tem um *sinthoma* como furo do recalque irreduzível, uma mulher seria um *sinthoma* para o homem, como enigma homólogo por sua dissimetria.

### **Considerações Finais**

O aporte maior desta contribuição se refere a aspectos conceituais homólogos às questões abordadas topologicamente, nomeadamente, ao trabalhar com a topologia do nó borromeano mergulhado no toro triplo, incidindo como corte, em detrimento de uma escrita de sua projeção, se distancia de uma concepção metafísica ou metapsicológica do nó para aceder a uma escrita mais adequada, que, menos do que descrever invariantes apriorísticos do nó, permita articular propriedades que só surgem com o próprio procedimento empregado de mergulho em uma superfície, inapreensíveis pela escrita planificada. A passagem da escrita planificada à incorporação do nó implica na mudança de perspectiva de uma concepção do nó como objeto dado no espaço tridimensional, ao qual só há acesso a sua sombra ou representação, ou seja, como imersão a ser reconstituída para se chegar ao “verdadeiro objeto”, para a hipótese do nó como fissura em uma estrutura constituída *a partir* da escrita bidimensional.

Trata-se, portanto, de uma revisão do estatuto dos registros fundamentais, situando-os em furos de uma única consistência, o que se faz passando de uma escrita projetiva do nó como objeto dado para uma topologia do nó mergulhado na superfície do toro triplo, na qual objeto (nó) e escrita são inextricáveis. Com isto, busca-se abranger o alcance da

opção metodológica pela topologia como forma de investigação psicanalítica, contrapondo à impossível apreensão estática do sujeito uma estrutura dinâmica que se articule em termos de posição. O procedimento de mergulho do nó borromeano, a deformação contínua do triplo toro em um *Tetrus* e a operação de reviramento por homotopia regular são homólogos à delimitação da relação entre elementos, ao deslocamento dos elementos permitido pela “casa vazia” e às substituições geradoras de dissimetria na estrutura.

Mais do que buscar uma validação dos desenvolvimentos topológicos realizados para o escopo da psicanálise lacaniana, esta exposição visa redobrar a aposta de Lacan de que o nó borromeano poderia constituir uma via de investigação e articulação conceitual crucial para a psicanálise, sem recair em um emprego metapsicológico, assim instigando a retomada das investigações topológicas esboçadas por Lacan e por aqueles que o acompanharam nessa última empreitada.

---

**BIBLIOGRAFIA**

1. Affonso, P. H. B. (2016). *Contribuições à topologia lacaniana*. São Paulo: Zagodoni.
2. Affonso, P. H. B. (2020) *O revirar do avesso: a estrutura topológica da identificação na psicanálise de Jacques Lacan*. Campinas, SP. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/345603>
3. Eidelsztein, A. (2016). *Las estructuras clinicas a partir de Lacan* [Volumen I]. 3ª ed. Buenos Aires: Letra Viva.
4. Eidelsztein, A. (2020). Conferencia: Por el tamiz y con la fuerza de gravedad de Sigmund Freud. *El rey está desnudo*. Año 13, nº 16.
5. Hilbert, D.; Cohn-Vossen, S. (1999). *Geometry and the imagination*. Providence, R.I.: AMS Chelsea Pub, 2nd ed.
6. Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. pp. 238-324.
7. Lacan, J. (1961-1962). *Le Séminaire IX*. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).
8. Lacan, J. (1972-1973). *Le Séminaire XX*. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).
9. Lacan, J. (1974-1975). *Le Séminaire XXII*. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).
10. Lacan, J. (1975-1976). *Le Séminaire XXIII*. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).
11. Lacan, J. (1976-1977). *Le Séminaire XXIV*. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).
12. Lacan, J. (1977-1978). *Le Séminaire XXV*. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).
13. Lacan, J. (1978-1979). *Le Séminaire XXVI*. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).
14. Lacan, J. (1979-1980). *Le Séminaire XXVII*. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).
15. Lacan, J. (1972). L'étourdit. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).
16. Lacan, J. (1974). La troisième. Disponible en: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).
17. Lacan, J. (1977). Propos sur l'hystérie. Disponible en: [ecole-lacanienne.net/bibliolacan/pas-tout-lacan/](http://ecole-lacanienne.net/bibliolacan/pas-tout-lacan/)
18. Phillips, A. (1966). Turning a surface inside out. *Scientific American*, vol. 214, no. 5, pp. 112–121. Disponível em: [www.jstor.org/stable/24930941](http://www.jstor.org/stable/24930941).
19. Séquin, C. H. (2011). Torus immersions and transformations. *UCB Tech Report*.
20. Séquin, C. H. (2020). Everted embeddings. In: Yackel, C. et al. (ed.) *Proceedings of Bridges 2020: Mathematics, Art, Music, Architecture, Education, Culture*. Tessellations Publishing. pp. 57-66. Disponível em: <http://archive.bridgesmathart.org/2020/bridges2020-57.pdf>

21. Sullivan, J. M. (2002). Sphere Eversions: from Smale through “The Optiverse”. In: Bruter C.P. (ed.) *Mathematics and Art. Mathematics and Visualization*. Springer, Berlin, Heidelberg.
22. Vappereau, J-M. (1997). *Estofa: Las superficies topológicas intrínsecas*. Ediciones Kliné.

### **PEDRO HENRIQUE BEDIN AFFONSO**

Psicanalista, membro da Sociedade Psicanalítica “Apertura Para Otro Lacan” (APOLa Internacional). Graduado em psicologia pela PUCC (2012), mestre em filosofia pela UNICAMP (2020) e doutorando em psicologia pela FFCLRP-USP.

pedrohenriqueaffonso@yahoo.com.br





## **Formação em psicanálise.**

### **Psychoanalytic educational program.**

FLÁVIA DUTRA

#### **RESUMO:**

Este artigo pretende analisar alguns problemas frequentemente encontrados na formação em psicanálise. E, a partir da consideração dos obstáculos que tais problemas impõem, busca fundamentar uma direção possível para essa formação.

**PALAVRAS-CHAVE:** formação – tripé - formalização – transmissão impossível – investigação – responsabilidade

#### **ABSTRACT:**

This article aims to analyze some problems frequently found in psychoanalytic educational program. And, from the consideration of the obstacles that such problems impose, it seeks to support a possible direction for this formation..

**KEYWORDS:** formation – tripod – formalization – impossible transmission – investigation – responsibility

Para evitar as dubiedades de um tema tão amplo, devemos localizar com mais precisão à qual psicanálise nos referimos. O que se entende por psicanálise e por psicanalista é pré-condição na consideração da formação, que pode assumir distintas conformações, a depender da concepção desses temas. A psicanálise em questão, aqui, advém do modelo teórico de Lacan – a partir do qual pode-se depreender uma concepção específica de clínica e do tipo de formação que ela exige.

Na concepção de clínica de Lacan, analista e analisante existem em condição intervalar, num espaço cuja construção é, já, fruto de trabalho analítico. Trabalho que se impõe de saída – mais especificamente a partir do estabelecimento da demanda. A demanda não chega pronta, não deve ser confundida com a queixa; assim como o sujeito (tema) da análise não deve ser confundido com a pessoa que a busca. Como bem adverte Lacan,<sup>1</sup> o analista não lida com uma unidade, são dois em jogo: o indivíduo que chega e o sujeito em análise. Seria um equívoco confundi-los. Se ocorre de o inconsciente ser entendido como uma propriedade do indivíduo,

---

1 Lacan, J.(2010). *Seminário 20*. Aula 26/06/1973. Rio de Janeiro: Escola da Letra Freudiana.

---

situado dentro de seu aparelho psíquico, esses dois (indivíduo e sujeito) já estão confundidos e partida, vigorando em unidade. Pode parecer um detalhe, entretanto é uma distinção fundamental, que tem amplas consequências – inclusive na formação em psicanálise.

Se analista e analisante se constituem naquele espaço intervalar, como dito, devemos concluir que o analista não se rende a uma categoria de ser, mas deriva da colocação em ato de uma função. A rigor, a questão não poderia ser pensada em termos de ser ou não ser analista: declarar “eu sou psicanalista” não faz da experiência em curso uma análise. Se considerarmos que o ato analítico só se confirma enquanto tal a partir de seus efeitos, como é que podemos afirmar, a respeito de uma experiência clínica ainda inicial, tratar-se de uma análise? Simplesmente porque quem a conduz é um analista? Seria um contrassenso. Mais que isso, postular análise e analista, já de entrada, seria negar ou anular, no mesmo ato, aquilo que se quer afirmar – ou seja: que “isso é uma análise, sou um analista”. Ao declarar isso, revelo desconhecer o estatuto do ato analítico e, conseqüentemente, não se tratar de uma análise, ali.

A concepção de análise e de analista, segundo Lacan, refuta a auto sustentação desses conceitos.

Uma análise acontece a partir de operações conduzidas por um analista. Opa! Então, quer dizer que há analista antes da análise? Sim, há alguém formado para o exercício dessa função, que precisa ser recriada a cada análise. A operatividade da função analista é confirmada a partir dos efeitos do ato analítico. É essa função em curso que possibilita a constituição do espaço intervalar de uma análise, assim como também da divisão do Sujeito.<sup>2</sup> Então, temos: analista e sujeito são frutos do trabalho de análise. Nem a análise, nem seu sujeito, nem o psicanalista estão postos. O analista precisa se colocar num determinado lugar para o exercício da função que opera o corte produtor do sujeito do inconsciente. O analista não opera com um sujeito dividido: o sujeito dividido é produto da análise. Um mesmo corte engendra sujeito e analista a cada experiência.

Em conformidade ao que foi dito há pouco, somos levados a concluir que tampouco podemos considerar o analista como uma unidade. Por um lado, há o psicanalista como função que faz operar uma análise e, por outro, o psicanalista enquanto papel social, uma profissão como qualquer outra. Declarar-se psicanalista funciona feito um localizador, situando alguém na sociedade a partir de seu ofício.

---

2 Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

---

O modelo teórico freudiano, em contrapartida, é essencialista. O inconsciente – que existe dentro de cada indivíduo – tem um núcleo herdado filogeneticamente, razão pela qual o Édipo é um programa hereditário e universal. Se o paciente falar livremente, o inconsciente vai aparecer porque está dentro dele. Com o afrouxamento da censura, a qualquer momento pode escapar uma manifestação do inconsciente e o analista a captura, apontando a enunciação quando ela aflora no enunciado. Na concepção essencialista o inconsciente já está lá, cabe criar as condições para que apareça. Nesse modelo, é possível aquela formulação “eu sou psicanalista, então isso é uma análise”; ela não entra em choque com seus princípios fundamentais: o que um analista conduz é, necessariamente, uma análise.

Isto posto, podemos perguntar: em que consiste uma análise?

A análise não consiste em que alguém esteja liberado de seus sintomas [...] A análise consiste em que se saiba porque se está enredado [...]³

A análise consiste em saber. O saber é uma articulação significativa e, assim como produz sintoma, pode produzir também sua liberação.

Passo seguinte: se a análise consiste em saber, o analista corresponderia ao sujeito suposto saber, certo? Claro, os defensores da intersubjetividade diriam: o analista é o sujeito suposto saber por um outro sujeito: o analisante!

Aqui, o levitante da intersubjetividade mostrará sua finura ao indagar: sujeito suposto por quem, senão por outro sujeito? Uma lembrança de Aristóteles, uma pitada das categorias, por gentileza, para desenlamear esse sujeito do subjetivo.<sup>4</sup>

Lacan não nos poupa de sua ironia transbordante: vamos tirar a lama da subjetividade desse sujeito que não tem nada de subjetivo. E ainda: um sujeito não supõe nada, ele é suposto. O sujeito é o suposto. Suposto pelo quê? Pelo significativo que o representa para outro significativo.

Considerando que o saber é uma cadeia de significantes, concluímos que se há saber, há sujeito (suposto). E isso não tem nada a ver com a pessoa do analista.

---

3 Lacan, J. *Seminário 25*. Aula 4 10/01/1978. Versão de Ricardo Rodriguez Ponte para a E.F.B.A. (Tradução nossa).

4 Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. P.253. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

... embora a psicanálise consista na manutenção de uma situação combinada entre dois parceiros [analista e analisado], ela só pode se desenvolver ao preço do constituinte ternário, que é o **significante introduzido no discurso que se instaura, aquele que tem nome: o sujeito suposto saber... Temos de ver o que habilita o psicanalista a responder a essa situação que percebemos não envolver sua pessoa.** [...] Isso não autoriza o psicanalista, de modo algum, a se dar por satisfeito com saber que nada sabe, pois o que se trata é do quê ele tem de saber.<sup>5</sup>

O sujeito suposto saber é o significante introduzido no discurso que se instaura a partir de uma situação combinada entre analisado e analisante. Não se trata da pessoa do analisado. Ainda que a princípio esse equívoco se coloque, para o curso de uma análise é necessário desfazê-lo.

E o que é mesmo que o psicanalista tem que saber? O que ele tem de saber é o que lhe permite formular a hipótese com a qual trabalha, a saber, seu sujeito. A noção de sujeito para Lacan tem o estatuto de uma hipótese. Dizer que há um sujeito quer dizer que há uma hipótese. Insistindo em miúdos: o sujeito é uma hipótese. O que o analisado tem que saber é o que lhe permite operar logicamente com o texto clínico. O saber é textual e a análise corresponde a um trabalho de leitura e escrita com o texto clínico.

A finalidade do ensino de Lacan é, declaradamente, fazer psicanalistas à altura da função sujeito.<sup>6</sup> A análise pessoal seria insuficiente para produzir esses analisados. Por esta razão, Lacan se dedicou à chamada reforma do entendimento e assumiu a tarefa de comprometer os psicanalistas com o mesmo empreendimento. Tal reforma exigia a subversão do conceito vigente de sujeito, o que implicava em considerar o sujeito como efeito do significante. E Lacan é radical em relação a isso, quando afirma que só é possível funcionar no campo psicanalítico outorgando ao sujeito um estatuto correto<sup>7</sup> – que seria, justamente, considerar o sujeito como efeito do significante. Não é possível aceder ao inconsciente estruturado de outra maneira. Sua ideia era refazer o questionamento de Freud a partir desta subversão.<sup>8</sup> É disso que trata a clínica, para Lacan: questionar os conceitos freudianos, com a pré-condição de considerar o sujeito como efeito do significante.

---

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> Lacan, J. (2006). Lugar, origem e fim do meu ensino. In *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>7</sup> Lacan, J. (2008). *Seminário 16*. Aula, 8/01/1969. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>8</sup> Lacan, J. (2003). A psicanálise. Razão de um fracasso. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Isto posto, podemos perguntar: o que cabe a um analista? Ou: o que é de sua responsabilidade? O analista é responsável pela concepção de sujeito que propõe<sup>9</sup> e é esta concepção que sustenta sua prática. Destaco a responsabilidade do analista em dois aspectos:

1) Na reforma conceitual. A começar pela concepção de sujeito, carregada que está pela acepção do senso comum, assim como pelo senso comum psicanalítico, em que sujeito se equivale à agência e ao eu<sup>10</sup> e cuja consequência – não menos problemática – é equivalência entre ato e ação.

2) Na formalização do ato analítico. O analista é responsável pelo que estabelece como o sujeito em cada análise e por dar conta do que faz na clínica.

Se os analistas somos responsáveis pela concepção de sujeito que propomos e se consideramos o sujeito como uma hipótese, onde apoiar essa hipótese? Na teoria. A hipótese sujeito é determinada pela teoria.

## **A formação**

Freud propôs um modelo de formação ancorado num tripé constituído pela análise pessoal, pela supervisão e pelos estudos teóricos. Não me deterei numa análise detalhada desse tema, que presumo ser bem conhecido de todos, tendo em vista que a formação nas instituições psicanalíticas tradicionalmente se baseia nesse tripé. Apenas destaco os aspectos fundamentais dessa proposta para avaliar a pertinência de sua sustentação na formação em psicanálise.

A formulação do tripé aparece, pela primeira vez, no texto “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades” (1919). É também a primeira vez que surge a palavra “controle” para designar a supervisão. Palavra bem sugestiva porque denota a preocupação de Freud com a preservação de seu legado, através do controle de sua descendência. Foi a partir da fundação a Policlínica de Berlim que se estabeleceu a supervisão como necessária aos novos analistas. E ela foi tornada obrigatória por Max Eitingon em um congresso da IPA (instituição fundada por Freud) em 1925. Nessa ocasião, a supervisão se tornou uma obrigação institucional. Em um relatório sobre as atividades da Policlínica de 1920, Max Eitingon afirma o seguinte:

---

9 Lacan, J.(1998). A Ciência e a verdade Op.Cit.

10 Trabalhei o tema no artigo “Sujeito e responsabilidade” publicado na Revista *El rey está desnudo*, n.8. <https://elreyestadesnudo.com.ar/portfolio/el-rey-estadesnudo-n-8/>

Confiamos aos estudantes que já estão avançados nos estudos teóricos e em sua análise pessoal um ou dois casos [...] que convêm a iniciantes. Por meio de anotações detalhadas que eles devem redigir, seguimos rigorosamente as análises e podemos detectar facilmente uma quantidade de enganos que o analista iniciante comete.<sup>11</sup>

O analista experiente não os cometeria?

Nós protegemos os pacientes que são confiados aos iniciantes pelo controle que exercemos sobre seus tratamentos e estando sempre prontos a retirar o caso do estudante para continuar nós mesmos o tratamento [...]. Podemos então estar igualmente satisfeitos pelo lado formador de nossa Policlínica [...].<sup>12</sup>

Indicativo do que estava em jogo na transmissão: zelar pelo legado de Freud e pela boa prática, através da formação controlada.

Conrad Stein, em 1985, num colóquio sobre o tema, pergunta se as coisas mudaram desde 1920 até então. Foi um colóquio bem importante sobre a supervisão, reunindo psicanalistas expressivos da época, em que o uso do termo controle foi extensamente discutido e criticado. Creio que ali foi seu funeral – o do termo, não o de sua significação, que sobrevive na ideia da supervisão.

Outro pé do tripé, além da supervisão, é a análise pessoal, lugar consagrado da transmissão na tradição do freudolacanismo.

Porque a análise pessoal assumiu essa dimensão fundamental, prioritária, compulsória, na formação? “A formação do analista se dá no divã” – provavelmente já escutaram o chavão. Que a experiência da análise seja colocada como compulsória para quem quer se tornar psicanalista, se traduz num impasse, justo porque uma análise depende do desejo de quem a demanda.

Para Freud o real é a substância viva do corpo biológico de onde derivam as pulsões, sensações, vivências, que só passam à palavra parcialmente. A teoria descreveria esses fenômenos dispostos num alinhamento cronológico. A sensação, a experiência, vêm antes da

---

11 Stein, C. & outros (1992). Em que lugar, em que enquadre, para que fins falar de seus pacientes? In *A supervisão na psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Escuta. p. 20.

12 Ibidem.

---

palavra – que as recobre deficitariamente. Essa concepção tem como consequência a promoção da experiência da análise à condição fundamental, prioritária e de maior relevância que os outros dois pés do tripé na formação do analista. O real, para Freud, tem um substrato biológico, invariável. Assim é entendida a pulsão: substrato irreduzível do sintoma, que persevera na constância da sua força. Eis o essencial.

Lacan, ao contrário, propõe a gênese como discursiva, e o Real como o impossível lógico matemático, proveniente das ciências formais – incorporadas por ele ao saber da psicanálise. O vetor do ensino de Lacan vai do dizer ao ser – como indica o seu falasser – contra o viés biologizante. Em linha com essa ideia, temos que a teoria cria a prática. Sentido epistemológico a contrapelo da teoria freudiana. Assim, a clínica psicanalítica advém de uma hipótese teórica. Consequência disso é que a análise pessoal não se sobrepõe à formalização teórica na formação em psicanálise.

A teoria freudiana, por sua vez, é representacionista, consequência de seu essencialismo. O representacionismo cai por terra com o conceito de significante de Lacan, que também abole a noção de essência.

*Universitas litterarum* era a proposta de Freud para a formação teórica que, além da literatura, englobava o estudo de história, mitologia e religião.<sup>13</sup>

Para elevar a análise pessoal à condição de farol da formação, também contribuiu a ideia da impossibilidade da transmissão, apoiada em dois pilares, pelo menos:

1) A preocupação de Freud com a manutenção integral de seu pensamento foi crucial na formação de um grupo de jovens psicanalistas – herdeiros do legado de Freud – cuja missão era zelar pela manutenção de suas ideias. Esse grupo, que se transformou na IPA, nasceu sob a égide do controle. A psicanálise estava fadada a não poder mudar – como usualmente acontece com as ciências –, destinada assim a se confirmar como uma mitologia. Esse traço de origem da instituição psicanalítica deixou uma aura de ocultismo em relação à transmissão e à formação, que ficou marcada pela crença na precariedade da teoria – justamente de onde vinha a ameaça de mudança – incapaz de dar conta da tarefa. A formação em psicanálise ficava subsumida à transmissão de uma práxis, através de uma práxis, à qual o candidato à formação teria que se entregar para estar à altura do legado, para aceder à sua verdade; passando, com o acúmulo da experiência, a responsável por sua preservação e transmissão.

---

13 Freud, S. (2014). A questão da análise leiga. In *Obras Completas*. Vol. 17. São Paulo: Companhia das letras.

2) A ideia ultra disseminada pelo freudolacanismo sobre o “impossível de transmitir”.

Transmitir é desejar transmitir e encontrar um impossível de transmitir.  
Transmitir é transmitir o impossível de transmitir.<sup>14</sup>

Tal ideia tem como uma de suas fontes mais prolíficas a seguinte declaração de Lacan no encerramento do 9º Congresso da Escola Freudiana de Paris:

Eu, devo dizer, me indaguei sobre isso,

O assunto referido, explicitado no parágrafo anterior de sua fala, é a pergunta sobre o que acontece numa análise. O que faz com que depois de ter sido analisante alguém se torne psicanalista? Sigo com a citação:

... e é por isso que fiz minha Proposição, aquela que instaura o que chamamos o passe, em que confiei à alguma coisa que se chamaria transmissão, se havia uma transmissão da psicanálise.

Tal como agora chego a pensar, a psicanálise é intransmissível.

Refere-se à análise pessoal e a transmissão dessa experiência através do dispositivo do passe.

É bem chato que cada psicanalista seja forçado –pois é preciso que ele seja forçado– a reinventar a psicanálise.”<sup>15</sup>

---

14 Porge, E. (2009). *Transmitir a clínica psicanalítica. Freud, Lacan, hoje*. Campinas S.P: Editora Unicamp. p. 54.

15 Lacan, J. (1979). *Lettres de l'École*.Nº 25. Versão em português da APPOA. Disponível em: [https://apboa.org.br/correio/edicao/246/a\\_transmissao\\_encerramento\\_do\\_9\\_congresso\\_da\\_escola\\_freudiana\\_de\\_paris/222](https://apboa.org.br/correio/edicao/246/a_transmissao_encerramento_do_9_congresso_da_escola_freudiana_de_paris/222)



---

A pergunta de Lacan se dirige à análise pessoal, à análise do analista. Pretende saber como se transmite o que se passa aí. Parece ser intransmissível. Não se refere ao corpo teórico da psicanálise. A declaração de que a psicanálise é intransmissível acabou ganhando grande abrangência: se o suprassumo da psicanálise reside na experiência analítica e ela não se rende facilmente à transmissão, então a psicanálise é intransmissível. Para saber em que consiste uma análise é necessário analisar-se. Considerar a psicanálise como impossível de transmitir pode levar o analista a se desobrigar da formalização de seu ato, assim como a se desobrigar de estudar, investigar, pesquisar – afinal, a teoria não deve servir para muita coisa, tendo em vista que jamais alcança a verdade fundamental da experiência, o cerne da coisa. A teoria ganharia alguma relevância e sentido porque tentaria comunicar, representar, algo daquela experiência. Assumindo um caráter informativo e não formativo. Segundo essa lógica, não seria possível entender o Real, ou o objeto *a*, ou qualquer outro conceito, sem passar pelo divã.

A pergunta de Lacan se desdobra:

Então, como pode que, pela operação do significante, existam pessoas que se curam?<sup>16</sup>

A pergunta é pela forma. A forma pela qual a operação significante pode produzir uma cura. Convoça os psicanalistas à formalização do ato analítico e seus efeitos.

A essa altura cabe perguntar: sobre que base se assentaria a formação na psicanálise proposta por Lacan, se abrímos mão da estabilidade do tripé? Onde apoiar essa formação se abolirmos a pertinência do controle institucional e a condição *sine qua non* da análise pessoal?

Lacan parte de um diagnóstico, renovado o tempo todo ao longo de seu ensino. Diagnostica a degradação teórica dos psicanalistas, a degradação do progresso científico das instituições psicanalíticas; chegando à constatação do fracasso de seu ensino.

---

16 Ibidem.

---

Seguem algumas amostras da atualização do diagnóstico sobre o estado da psicanálise feito por Lacan ao longo de seu ensino:

O que considero o mais desejável é lançar uma voz de alarme que tenha, no terreno científico, uma significação muito precisa: que seja um chamado a uma exigência primordial no que concerne à formação do analista.<sup>17</sup> (1957)

Atualmente a psicanálise está certamente no caminho de se tornar uma mitologia das mais confusas... Isto não quer dizer que o freudismo não caminhe por todas as partes. Vê-se suas manifestações absolutamente claras em toda classe de ciências humanas.<sup>18</sup> (1957)

Segue afirmando, com toda a convicção, que o trabalho dos analistas está muito atrasado, a reboque:

Não se voltará a tomar a dianteira a menos que haja gente suficientemente formada para fazer o que necessita qualquer trabalho científico, qualquer trabalho técnico; qualquer trabalho em que o gênio pode abrir um sulco, requer em seguida um exército de trabalhadores para recolher a colheita.<sup>19</sup> (1957)

Propõe a teoria como direção da formação:

Drama cotidiano onde se lembra que este ensino, que a todos abre sua teoria tem como promessa a formação do analista.<sup>20</sup> (1966)

Relaciona os desvios e a pane na psicanálise com a hierarquia:

Existe uma solidariedade entre a pane ou os desvios mostrados pela psicanálise

---

17 Lacan, J. (1957). Entrevista ao jornal L'express em maio de 1957. (Tradução nossa).

18 Ibidem.

19 Ibidem.

20 Lacan, J. De um desígnio. In *Escritos*. Obras Completas versão digital. Psikolibro. (Tradução nossa).

---

e a hierarquia que nela impera –e que designamos com benevolência, como hão de reconhecer, como a de uma cooptação de doutos.<sup>21</sup> (1967)

A prática da psicanálise: seu objeto, seu objetivo e seu término,

...revelam-se inarticuláveis, após pelo menos meio século de experiência ininterrupta. Remediar isso [...] deve ser feito pela constatação da falha [...] longe de pensar em encobri-la. [...]

Os psicanalistas responderiam ao sentimento de que estão falhando com um enquistamento do pensar. Ou seja: não há reflexão sobre a falha.

... Eis onde nos demitimos daquilo que nos faz responsáveis, ou seja, da posição em que fixei a psicanálise em sua relação com a ciência.

... uma sociedade que só tenha fins científicos não precisa da regra de grado implícita na escola.<sup>22</sup> (1967)

... a psicanálise está em toda parte, e os psicanalistas, em outro lugar.<sup>23</sup> (1971)

A psicanálise fica por demais à espera.<sup>24</sup> (1971)

A espera dos analistas, claro!

E os psicanalistas se desviaram na formação do analista.<sup>25</sup> (1971)

---

21 Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro. Op. Cit. p. 250

22 Ibidem. p. 251.

23 Lacan, J. (2003). Ato de fundação. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 243

24 Ibidem. p. 244.

25 Ibidem.

---

Qual terá sido o desvio?

... essa definição do discurso analítico [...] não lhes parece combinar com as condições do consultório analítico.<sup>26</sup> (1971)

Freud inventou essa história, é preciso dizer, um pouco maluca que chamamos o inconsciente; e o inconsciente é, talvez, um delírio freudiano. O inconsciente, isso explica tudo, mas, como articulou muito bem um chamado Karl Popper, isso explica demais. É uma conjectura que não pode ter refutação.<sup>27</sup> (1978)

É clara aqui – e poderia ser tomado pelos psicanalistas como uma convocação – a necessidade de revisar o conceito de inconsciente de Freud.

Seu diagnóstico o leva a uma proposta – afirmada desde o início de seu ensino:

Certamente a formação do psicanalista seria inconcebível sem uma autêntica participação nas investigações que fundam as categorias da experiência analítica.<sup>28</sup>

A experiência analítica é fundada pela investigação teórica – e não o contrário – num direcionamento científico. A constante revisão do estado da psicanálise é condição para que a psicanálise evolua.

Isto posto: seria pertinente continuar sustentando a transmissão como proposta de formação em psicanálise? É da transmissão de um *savoir faire* que se trata?

A transmissão consiste numa passagem aos descendentes: transferência geracional de um saber acumulado pela experiência. Trata-se da transmissão de uma práxis por uma práxis. Consequentemente, a análise pessoal ganha um protagonismo na formação, e tem como coadjuvante o atendimento a pacientes. A teoria espia das coxias, relegada à função de um

---

26 Lacan, J. (2009). *Seminário 18*. Aula 17/02/1971. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 58

27 Lacan, J. (1979). *Lettres de l'école freudienne*, n° 25. Op. Cit.

28 Lacan, J. (1977). Estatutos propuestos para el instituto del psicoanálisis, enero 1953. In *Escisión, excomunió, disolución. Escanción 1* (nueva serie) E.F.B.A. n° 7. (Tradução nossa).

veículo eficitário da transmissão do que se passa na cena. Não consegue fazer jus à práxis que pretende comunicar.

A concepção da formação via transmissão tende a levar quem recorre a ela a um estado de espera, uma passivação. Espera pela consumação disso que seria transmitido, até que, de repente: “cataplum”, um analista! Tal postura se opõe ao que é exigido por uma “autêntica participação nas investigações” que funda a clínica. É possível encontrar aí um desvio na formação: o desvio das investigações.

A transmissão – e os pressupostos sobre os quais se assenta – requer a “regra de gradus implícita na escola”,<sup>29</sup> o que contribui para a hierarquização da formação e a pane da psicanálise.

Por que, então, prevaleceu a hierarquia, o formalismo, em detrimento da investigação de orientação científica, nas instituições psicanalíticas?

De pronto arrisco um palpite, ou dois:

1º) o rechaço à intelectualidade, ao pensamento racional, que redundava em rechaço à teoria – diagnosticado por Lacan.<sup>30</sup>

2ª) a busca por conforto dos “sapatinhos apertados”<sup>31</sup> – assim se referia Lacan, debochadamente, aos candidatos a psicanalistas. Explico: seguir a formalidade institucional, com seus graus, hierarquias, nomeações, dá uma ideia de consistência à formação. A formalidade, que expõe a imaginarização da formação – daí consistência! como bem o imaginário saber fazer! – pode parecer atraente e asseguradora ao candidato a psicanalista. Então os sapatinhos – incomodamente apertados – podem sonhar com um número mais confortável ao admitirem os gradus, a hierarquia e a formalidade institucional; posto que um dia serão eles – os nomeados analistas – a calçá-los e a se encarregarem, por sua vez, da proteção do legado e de sua transmissão.

---

29 Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro. p. 250 Op. Cit.

30 Trabalhei o tema no artigo “O rechaço ao pensamento” publicado na Revista *El rey está desnudo*, n.º.12.

<https://elreyestadesnudo.com.ar/portfolio/el-rey-estadesnudo-n-12/>

31 Lacan, J. (1998). A situação da psicanálise em 1956. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

A proposta geral do ensino de Lacan tem um direcionamento epistemológico e clínico: “partir de novo sobre um certo ponto, um certo terreno, como se nada tivesse sido feito.”<sup>32</sup> Temos aqui uma convocação à reinvenção que cada analista teria que enfrentar; e não a reinvenção que viesse suplementar uma transmissão impossível.

É forçoso concluir que a formação em psicanálise está do lado da formalização e não da formalidade; da investigação e não da transmissão. Para Lacan, o pensamento se torna interessante quando é responsável, quando chega a uma solução o mais formalizada possível.<sup>33</sup> O psicanalista sem teoria é governado por referências por ele ignoradas.

Formalizar o ato analítico é uma reivindicação ética.

---

32 Lacan, J. (2006). *Meu ensino*. Op. Cit.

33 Ibidem.

**BIBLIOGRAFIA**

1. Freud, S. (2014). A questão da análise leiga. *Obras Completas*. Vol. 17. São Paulo: Companhia das letras.
2. Lacan, J. (1957). Entrevista ao jornal L'express em maio de 1957.
3. Lacan, J. (1977). Estatutos propuestos para el instituto del psicoanálisis, enero 1953. Em: *Escisión, excomunió, disolució. Escanción 1* (nueva serie) E.F.B.A. nº 7.
4. Lacan, J. (1979). Lettres de l'École. Nº 25. Versão em português da APPOA.
5. Lacan, J. (1998). Ciência e verdade. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
6. Lacan, J. (1998). De um desígnio. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
7. Lacan, J. (1998). A situação da psicanálise em 1956. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
8. Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
9. Lacan, J. (2003). Ato de fundação. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
10. Lacan, J. (2003). A psicanálise. Razão de um fracasso. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
11. Lacan, J. (2006). Lugar, origem e fim do meu ensino. *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
12. Lacan, J. (2008). *Seminário 16*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
13. Lacan, J. (2009). *Seminário 18*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
14. Lacan, J. (2010). *Seminário 20*. Aula 26/06/1973. Rio de Janeiro: Escola de Letra Freudiana.
15. Lacan, J. Seminário 25. Versão de Ricardo Rodriguez Ponte para a E.F.B.A.
16. Porge, E. (2009). *Transmitir a clínica psicanalítica. Freud, Lacan, hoje*. Campinas S.P: Editora Unicamp.
17. Stein, C.& outros (1992) Em que lugar, em que enquadre, para que fins falar de seus pacientes? Em Stein, C. *A supervisão na psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Escuta.

**FLÁVIA GOMES DUTRA**

Psicanalista sócia de APOLa

fgdutr@gmail.com





## **Debate sobre a formalização do discurso e a clínica psicanalítica.<sup>1</sup>**

### **Debate on the formalization of discourse and the psychoanalytic clinic.**

ALFREDO EIDELSZTEIN

Editado por Haydée Montesano

#### **RESUMO:**

Diante do evidente rechaço, por parte dos seguidores de Lacan, à formalização na psicanálise proposta por ele e considerando o desuso da topologia como exemplo disso, considero necessário propor uma mudança fundamental num conjunto de ideias, conceitos e teorias que precisam ser repostas para que a topologia ocupe seu devido lugar na psicanálise. Rever, inclusive, concepções que são consideradas de Lacan e como tal são difundidas: é preciso modificar a maneira pela qual a psicanálise é conhecida na sociedade, como é referida, citada, como é criticada e usada. Proponho um conjunto mínimo de ideias que dizem respeito a: o tempo, o espaço, a energia e a substância. Estas quatro substituições, que são as mínimas para começar, produzem uma concepção diferente do real.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formalização - Topologia - Psicanálise - Real - Ciência

#### **ABSTRACT:**

Facing the evident rejection of Lacan's proposal on formalization in psychoanalysis by his followers and, taking topology as an example, it would be necessary to propose a fundamental change in the set of ideas, concepts, and theories that must be replaced so that topology has a justified place in psychoanalysis. Even more, those that are considered Lacan's conceptions, as they are spread, it is necessary to modify that which configures the psychoanalysis known in society, as it is referred to, cited, as it is criticized and the way it is used. I propose a minimum set of ideas about: time, space, energy, substance. These four substitutions, which are the minimum to start, produce a different conception of the real

**KEY WORDS:** Formalization - Topology - Psychoanalysis - Real - Science

---

<sup>1</sup> Este artigo foi baseado na transcrição do discurso proferido por Alfredo Eidelsztein durante atividade convocada por membros da APOLa residentes na cidade de Barcelona, coordenado por Ana María Flores. Embora a ideia original fosse a realização de um encontro presencial, devido à pandemia decidiu-se por um debate por videoconferência entre Alfredo Eidelsztein e Carlos Bermejo Mozas, com coordenação de Ana María Flores. O link para ver a atividade completa é: <https://www.youtube.com/watch?v=ZmJS7vAOURs&t=16s>.

---

Conduzirei minha apresentação a partir de uma perspectiva diferente daquela apresentada por Carlos Bermejo Mozas, mas antes destacando que ele é – pelo menos esta é minha apreciação de seu trabalho – um dos poucos conhecedores da topologia de Lacan. O que quero propor acerca de “Para que a topologia pode nos servir?” é, em primeira instância, a outra face da moeda do que Carlos propôs.

O problema é este: Lacan introduz, numa visada indiscutivelmente sua, a relação entre a topologia e a psicanálise em 1953, com avanços quantitativos e qualitativos importantíssimos em 62, e em 72, e continua desenvolvendo esta articulação até seu falecimento.

Note-se que é de Kurt Lewin que Lacan adota a possibilidade de associar a topologia com os campos de estudo dos problemas do sujeito, e não da obra de Freud nem de sua prática analítica. E o problema que quero destacar – diferentemente do que Carlos destacou – é que, dentre os seguidores do seminário de Lacan e dos membros de sua ex-escola e da nova, menos de 1% continuou com o trabalho sobre a topologia, após o seu falecimento. Esta proporção continua a mesma até hoje e, embora haja muitos psicanalistas se apresentando como lacanianos ou freudolacanianos, os estudos sistemáticos e as práticas sistemáticas que associam topologia e psicanálise continuam sendo menos de 1%. Lacan, entretanto, se dedicou a este tema com uma determinação muito evidente e esta é a incongruência que quero ressaltar.

Venho estudando esse tema há muitos anos. No começo, pensava que havia um "abandono" da topologia. Agora, penso-o como uma "rejeição" por parte dos seguidores de Lacan – e não haveria problema algum se não fossem seguidores de Lacan, seria outra orientação na psicanálise. Mas a rejeição, justamente pelos seguidores de Lacan, daquilo que foi um dos trilhos fundamentais dele na formalização da psicanálise que propôs, é algo que chama atenção. Costumo usar a topologia como exemplo porque, sendo representada com gráficos, torna tudo mais evidente: se alguém folhear as páginas dos seminários e escritos de Lacan, estas estarão repletas de gráficos de questões topológicas; mas se fizer o mesmo com autores lacanianos, verificará que não. Haverá, talvez, algum emblema, o brasão de armas da cadeia borromeana, mas não passará disso.

Então reflito há muitos anos sobre esse problema e uma forma de pensá-lo, ao menos, se não de respondê-lo. Penso que a topologia, no ensino de Lacan, é apenas um dos elementos que fazem parte de uma articulação mais ampla e, se não fazemos a reposição de toda esta cadeia conceitual em lugar daquela na qual se baseia a psicanálise que rejeita a topologia, esta (a topologia) é tomada por desnecessária. Ou até mesmo como um obstáculo, por quem a percebe como extemporânea, visto que implica num trabalho enorme.

Portanto, considero necessário propor uma mudança fundamental num conjunto de ideias, conceitos e teorias que precisam ser repostas para que a topologia ocupe seu devido lugar na psicanálise. Rever, inclusive, concepções que são consideradas de Lacan e como tal são difundidas: é preciso modificar a maneira pela qual a psicanálise é conhecida na sociedade, como é referida, citada, como é criticada e usada.

Proponho um conjunto mínimo de ideias que dizem respeito a:

- 1- O *tempo*: é necessário substituir a flecha do tempo – que parte do passado para o presente e se direciona ao futuro – por um tempo circular, o que Lacan chamou de futuro anterior.
- 2- O *espaço*: é necessário substituir o espaço tridimensional, de acordo com as concepções da geometria euclidiana nas quais somos formados, por um espaço bidimensional topológico.
- 3- A *energia*, tida como montante ou quantidade, deve ser substituída por algo como uma cifra, tal qual Lacan sugere adotar da proposta de Richard Feynman – um cânone da Física.
- 4- A *substância*: substituir nossa concepção de substância tangível e divisível pela insubstância, como Lacan a chama, da materialidade das letras.

Essas quatro substituições, que são as mínimas necessárias para começar, produzem uma concepção diferente do real. Se não substituimos estas quatro concepções, ficamos com o cânone psicanalítico que defende que o real é o que é experimentado com o corpo anatômico e, especialmente, o que se experimenta de modo penoso. Entretanto, considero ser fundamental pensar o real como um impossível lógico-matemático.

Creio que o devido contraponto a essa concepção do real como vivência fenomenológica da dor da insatisfação ainda não está estabelecido. É preciso opor-lhe uma outra: um real da índole do impossível lógico-matemático.

Nos últimos anos, já no decorrer deste século, no mundo da psicanálise lacaniana ou não lacaniana, a vivência fenomenológica desprazerosa, dolorosa, é chamada de acidente; então as duas versões do real seriam: o real como impossível lógico-matemático e o real como acidente, entendido como aquilo com o que alguém se depara dolorosamente.

No ensino de Lacan há uma série de referências<sup>2</sup> nas quais ele estabelece o real em termos de um impossível lógico-matemático. Não encontraremos este critério em Freud, Melanie Klein,

---

2 Referências de Lacan para o real como impossível:

Seminário 9: aula 21-3-1962

Seminário 17: aula 8-3 y 9-4 de 1970

Seminário 19: aula 9-2-1972

Seminário 22: aula13-5-1975

---

Winicott, tampouco nas produções de Jacques-Alain Miller ou Colette Soler. É por isso que reinam na psicanálise, especialmente na lacaniana e na freudolacaniana, as metáforas do real como pedra no sapato ou osso do real: porque se trabalha com uma ideia de energia, que faz concluir que o real é algo com o que alguém pode se bater; algo como um osso, por exemplo. E me parece que, em Lacan, há uma ideia muito diversa (e precisa) do real. Quero confrontar esses dois modelos.

Os que estão escutando – talvez nem tanto aqueles da APOLa, porque já os aturdi com essas questões, mas os que não estejam tão familiarizados com os desdobramentos delas – devem estar pensando que Lacan defende que a psicanálise não é ciência, que é uma prática e, assim sendo, por que teríamos que utilizar modelos de tempo, espaço, substância, massa, energia, tais como a equação de energia e massa que Einstein propõe, o seu espaço-tempo ou a função de onda de Schrödinger? Quero lembrá-los de que Lacan disse apenas uma vez, categoricamente, que "a psicanálise não é ciência, mas sim uma prática": foi em Massachusetts, no ano de 1975, diante de Quine, que estava presente no público. Depois, disse mais duas ou três vezes que ela "não é ciência se tem que ser irrefutável", ou que não é ciência se tem que ser exata – isso foi dito na *Apertura de la sección clínica* e em Bruxelas. Entretanto, Lacan disse vinte e oito vezes, entre 1953 e 1975, que sim, psicanálise é ciência. Em outras dezesseis oportunidades, entre 1953 e 1971, disse que deveria ser considerada ciência. Lacan concebe, inclusive – obviamente com base na epistemologia – o desenvolvimento das ciências conjecturais, de modo a outorgar um lugar à psicanálise, e eu encontrei pelo menos outras oito ocasiões em que tratou disso, entre 1958 e 1970. Por conseguinte, se somamos as vezes em que disse “sim, é ciência”, que deveria ser ciência, ou que está inscrita como ciência dentro do campo das ciências conjecturais, temos cinquenta e duas ocasiões nas quais Lacan se posicionou positivamente e apenas uma em sentido contrário. Portanto, é necessário abordar o problema a partir daí, senão as formalizações não possuem lugar algum. Se a psicanálise for rejeitada enquanto ciência e logo de partida considerada uma prática que se obtém da experiência, de que serviria nos dedicarmos ao complexo estudo das formalizações?

Minha impressão é a de que essa questão ficou condicionada ao fracasso de Freud em fundamentar a psicanálise, na biologia. Ele fracassou nisso, a meu ver, totalmente; apesar de existirem autores, como Eric Candell, que se apoiam nessa fundamentação, que defendem que ele

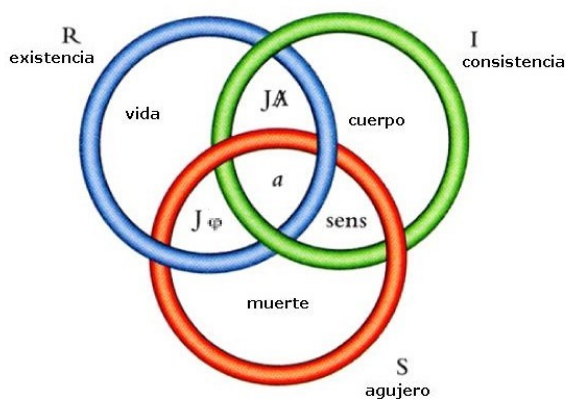
---

Seminário 23: aulas 9-12-1975 e 16-3-1976  
Radiofonia: Respostas II e IV  
O aturdido.

não fracassou de maneira alguma e que seria necessário continuar por esse caminho. Toda a obra – importantíssima – de Candell propõe justamente retomar o inconsciente de Freud e o Isso a partir das neurociências e ele realizou um caminho muito próspero. Muitos psicanalistas continuam partindo deste ponto, tentam fundamentar a psicanálise em uma biologia – e nesse sentido, acredito, ela fracassa. Como Freud fracassou nessa tentativa, dizem que a psicanálise não é uma ciência.

Minha impressão é a de que assim se perde toda uma possibilidade que Lacan oferece: a de tentar apoiar a psicanálise na física teórica e na matemática pura, sem que isto suponha fazê-la equivaler a elas. A psicanálise não é nem física teórica nem matemática pura, mas, apoiando-se nesses discursos, é possível defender um real de estatuto lógico-matemático.

#### CADEIA BORROMEANA



A cadeia borromeana – muito conhecida – permite destacar o que Lacan propõe com esta escritura: o imaginário como consistência, o real como ex-sistência e o simbólico como furo. Queria abordar, justamente, o real como ex-sistência, porque o critério do choque entre duas substâncias tridimensionais (por exemplo, minha cabeça contra o batente de uma porta) pode ser entendido como o golpe, o acidente, o que costuma ser proposto como "encontro com o real". Mas Lacan propõe o real como ex-sistência, o que é algo muito diferente.

---

Quero apresentar uma versão sobre esta concepção da ex-sistência e por que o real impossível lógico-matemático poderia ser proposto como ex-sistência. Vamos partir de cinco citações.

A primeira, de Kasner e Newman, em *Matemáticas e imaginación*. Trata-se de um texto que Lacan nunca cita, mas na coletiva de imprensa que dá em Roma, em 1974, parece citar quase literalmente, quando critica Comte. Esta conferência foi publicada por Miller como *El triunfo de la religión*, um título inventado por Miller. Essa atividade foi uma coletiva de imprensa com jornalistas italianos.

Kasner e Newman, apresentando Cantor, dizem:

Nestes termos mais simples, esta controvérsia, no momento em que se refere ao infinito, centraliza-se em torno da pergunta: existe infinito? Existe alguma coisa como um conjunto que seja infinito? Uma pergunta deste tipo pode ter pouco significado, a menos que se explique, antes, o termo matemático *existência*. [...] *Existência*, na acepção matemática, é completamente diferente da existência de objetos no mundo físico.<sup>3</sup>

Agora, passo a uma citação de Koyré, em *Estudios de historia del pensamiento científico*. Na página 195, fala do nascimento da ciência moderna, de Galileu e Copérnico, e diz:

Curiosa caminhada do pensamento [...] trata-se, propriamente falando, de explicar o que *é* a partir do que *não é*, do que *não é* nunca. E, inclusive, a partir do que *não pode nunca ser*. Explicação do real a partir do impossível.<sup>4</sup>

Com isso já temos uma base de existência matemática e uma base para começar a pensar o real como impossível, nos termos da Física.

Passo a Kasner e Newman:

As proposições sobre a impossibilidade, na matemática, são de um caráter completamente diferente. Na matemática, um problema que não pode ser resolvido nos séculos vindouros não é sempre impossível. *Impossível*, na

---

3 Kasner, E. y Newman, J. (1985) *Matemáticas e Imaginación*. Argentina: Hyspamérica. p.70 (Tradução nossa)

4 Koyre, A. (1987) *Estudios de historia del pensamiento científico*. España: Siglo XXI. p.195 (Tradução nossa)

---

matemática, significa *teoricamente* impossível e não tem nada a ver com o estado atual de nossos conhecimentos. *Impossível*, na matemática, *caracteriza* a tentativa de demonstrar que 7 vezes 6 são 43.<sup>5</sup>

Caso estejam cansados, 7 vezes 6 são 42, logo é impossível demonstrar que 7 vezes 6 são 43. Mais modernamente, agora, vou a um livro do ano de 2004, de Roger Penrose, *El camino a la realidad*. Ele diz:

É melhor pensar em  $3/8$  como uma entidade com um tipo de existência (platônica) própria. [...] uma noção tal qual  $3/8$  como algo que tem seu próprio tipo de existência [...] Para os matemáticos [...] a matemática não é apenas uma atividade cultural que nós mesmos criamos, mas tem vida própria, e boa parte dela está em surpreendente harmonia com o universo físico. Não podemos ter uma compreensão profunda das leis que regem o mundo físico sem entrar no mundo da matemática.<sup>6</sup>

Continuo com o mesmo livro de Roger Penrose. Neste caso, na página 54, ele diz:

Embora seja preciso atribuir algum tipo de *existência* ao próprio modelo, então, dita existência está localizada dentro do mundo platônico das formas matemáticas. [...] Entendo essa *existência* apenas como a objetividade da verdade matemática.<sup>7</sup>

Ainda mais modernamente, uma citação de 2012, do livro de Max Tegmark, *Nuestro universo matemático*:

Todas as partículas elementares são descritas mediante sua própria série de números quânticos [...] Então, de que estão feitos os números quânticos, como

---

5 Op. Cit. Kasner, E. e Newman, J. (1985) *Matemáticas e Imaginación*. (Tradução nossa)

6 Penrose, R. (2014) *El camino a la realidad*. España: Debate. p.26 (Tradução nossa)

7 Idem. p.54

---

a energia e a carga? De nada: não passam de números! [...] as partículas elementares são descritas em sua totalidade mediante seus números quânticos.<sup>8</sup>

Entendem para onde vou? Não na direção de equiparar a psicanálise com a matemática – e não sei por que teria de fazê-lo, apesar de uma íntima comunhão. Tampouco seria necessário equiparar a matemática com a lógica, embora não haja possibilidade, no século XXI, de pensar uma fundamentação da matemática que não seja lógica. Nem sequer equiparar a matemática e a lógica com a física teórica. Não são a mesma coisa, mas talvez Lacan, quando propõe o real como ex-sistência, não está se referindo ao real do choque entre duas substâncias tridimensionais: se fosse assim, a topologia seria desnecessária, todas as formalizações seriam desnecessárias, e me dá a impressão de que, no mundo psicanalítico, neste século XXI, há o consenso de que as formalizações de Lacan não são necessárias. De fato, nem Eric Laurent, nem J-A. Miller, nem Colette Soler, nem nenhum dos grandes mestres da psicanálise moderna, discípulos diretos, analisantes e supervisionados por Lacan, utilizam as formalizações de Lacan, elas já desapareceram. Parece que o problema é como concebemos o real: se o real é um osso, uma pedra, o osso do real ou uma pedra no sapato, então, as formalizações de Lacan foram seu gosto pessoal – como diz o psicanalista argentino Juan Bautista Ritvo –, uma transferência de Lacan com a matemática.

Para concluir, trago uma citação de Lacan, da coletiva de imprensa de Roma, de 1974, no Centro Cultural Francês, que já mencionei, e foi publicada por Miller como o *Triunfo de la religión*. Todos os títulos oriundos dessa coletiva também foram criados por Miller, muito caprichosamente, a meu ver. Está na página 92:

Mas o real real, se posso dizer assim, o verdadeiro real, é esse que podemos acessar por um caminho completamente preciso que é o caminho científico, o caminho das pequenas equações.<sup>9</sup>

---

8 Tegmark, M. (2014). *Nuestro universo matemático*. España: Antoni Bosch. p.185. (Tradução nossa)

9 Lacan, J. (2007). *El triunfo de la religión*. Conferencia de prensa, Roma, 29-10-1974. Buenos Aires: Paidós. p.92. (Tradução nossa)



Diante disso, tenho a impressão de que todas as ressalvas que Carlos Bermejo apresentou com tanta exatidão neste debate, que são indiscutíveis – eu não tenho mais que reconhecer que seus argumentos são irrepreensíveis, perfeitos, pelo menos no meu pouco conhecimento desses temas, dos quais Carlos é muito mais conhecedor do que eu –, constituem uma perspectiva do problema. Uma perspectiva que, se apresentada sozinha, e diante do estado atual em que se encontra a psicanálise, convenceria o público, que não possui os conhecimentos de Carlos Bermejo, de que a psicanálise não é ciência, é outro raciocínio... E eu seguiria tranquilo, fazendo poesia.

Mas me parece que o problema com o qual temos que nos deparar, inexoravelmente, é aquilo que concebemos como real. É certo que o real da física teórica, o real da física de laboratório, o real da matemática pura, o real da matemática aplicada, obviamente, não participa do mesmo contexto que o nosso participa.

Talvez, tampouco, seja possível propor estritamente que o real dessas disciplinas esteja encadeado com uma cadeia de quatro: imaginário, simbólico, real e *sinthome*. Obviamente, haverá ressalvas com relação a isso. Mas o problema crucial para pensar as formalizações na psicanálise que Lacan desenvolveu, e que depois de Lacan praticamente desapareceram do âmbito da psicanálise, é estabelecer o real.

Fora da psicanálise, ninguém conhece a psicanálise como um desenvolvimento tão vasto, apoiada em formalizações; salvo, claro, a obra de Carlos Bermejo Moza, a de Jean-Michel Vappereau e, sejamos sinceros, mais quatro, cinco ou seis pessoas que trabalham com topologia, dos possíveis trinta mil psicanalistas lacanianos ou freudolacanianos.

A mim parece que o problema de pensar as formalizações deve incluir o que entendemos por real, e avalio que há duas acepções. Uma, a do choque da *res extensa*, aquilo que Descartes propôs como a impossibilidade da interpenetração da substância extensa (duas bolas de bilhar se batendo sobre uma mesa), que é o *partes extra partes*, tão citado por Lacan. Essa *versus* a outra: um real impossível lógico-matemático teórico que precisa ser estabelecido. Isto é: em cada caso, tem de se fazer um intenso e sério trabalho –o que é difícilimo– para estabelecer, em cada caso, o que será impossível. Mas eu argumento, seguindo essa vertente de Lacan, que esse impossível participará necessariamente de formalizações lógico-matemáticas, com toda a

insuficiência que elas tenham. Entretanto, se não se argumenta assim, pode-se restar em uma argumentação que não precisa da topologia para nada.

**BIBLIOGRAFIA**

- 1- Kasner, E. e Newman, J. (1985) *Matemáticas e Imaginación*. Madrid: Hyspamérica
- 2- Kaku, M. (2012) *Física de lo imposible*. Barcelona: Debolsillo.
- 3- Koyre, A. (1985) *Estudios galileanos*. Argentina: Siglo XXI.
- 4- Koyre, A. (1987) *Estudios de historia del pensamiento científico*. Espanha: Siglo XXI.
- 5- Lacan, J. (2007) “Conferencia de prensa, Roma, 29-10-1974” en *Triunfo de la religión*. Buenos Aires: Paidós.
- 6- Penrose, R. (2014) *El camino de la realidad*. Barcelona: Debate.
- 7- Tegmark, M. (2014) *Nuestro universo matemático*. Barcelona: Antoni Bosch.

**DR. ALFREDO EIDELSZTEIN**

Psicanalista. Presidente da APOLa (Apertura Para Otro Lacan)

Exerceu a docência universitária durante trinta anos.

Autor dos seguintes livros: *Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan*; *O grafo do desejo*; *La pulsión respiratoria* (em colaboração); *Las estructuras clínicas a partir de Lacan* (Vol. I e II); *La topología en la clínica psicoanalítica*; *El origen del sujeto en psicoanálisis* e *Otro Lacan*.

Vários dos títulos foram traduzidos para o inglês, português e italiano.

Escreveu em torno de 200 artigos, publicados em revistas especializadas em psicanálise.

Ditou cursos de pós-graduação e doutorado em associações científicas e universidades de: Argentina, Chile, Uruguai, Colômbia, Costa Rica, Bolívia, Brasil, México e Espanha.



## **A formalização da psicanálise como uma dialética. A Primeira Clínica de Lacan e o grafo de 1953.**

**The psychoanalysis formalization as a dialectic. Lacan's first clinic and the 1953's graph.**

JAIME IVÁN HERNÁNDEZ ESPAÑA

### **RESUMO:**

Este trabalho propõe apresentar um avanço da investigação que temos realizado nos últimos anos sobre os antecedentes do ensino de Jacques Lacan. Denominamos "Primeira Clínica" à formalização da experiência psicanalítica que Lacan propõe como consequência de tais antecedentes, o que implica a correção dos conceitos do campo freudiano a partir da teoria da intersubjetividade e da noção de sujeito com a qual trabalhava naquela época. Desta clínica, deriva uma *primeiríssima* formalização, em uma chave dialética, conhecida como *O grafo de uma análise*.

**PALAVRAS-CHAVE:** o grafo de uma análise; primeira clínica; dialética; formalização; intersubjetividade; reconhecimento; desejo; inconsciente; campo freudiano; introspecção.

### **ABSTRACT:**

This paper pretends to present an advance of the research we have been developing over the last years about the antecedents of Jacques Lacan teaching. We have denominated as "First Clinic" the psychoanalytical experience formalization proposed by Lacan as a consequence of such antecedents, implying the correction of concepts of the Freudian field, from the intersubjectivity theory and the subject notion of that time. A first formalization derives from this clinic, in a dialectical code, known as the *Graph of an analysis*.

**KEY WORDS:** Graph of an analysis; first clinic; dialectic; formalization; intersubjectivity; recognition; desire; unconscious; Freudian field; introspection.

Utilizaremos, para este trabalho, a noção de *campo freudiano* para fazer referência àquele campo que Sigmund Freud construiu para a ação do psicanalista. Enquanto o conceito de "inconsciente" será aquele que consideramos renovado e reconstruído, isto é, *reinventado*, por Jacques Lacan. Como ele mesmo afirma em *Abertura da sessão clínica*, de 1977:

---

Então, o inconsciente não é de Freud, é necessário dizer, é de Lacan. Isso não impede que, o campo, ele, seja freudiano.<sup>1</sup>

Portanto, o campo é freudiano, e o inconsciente é de Lacan.<sup>2</sup> Baseados no anterior, propomos a seguinte declaração de método: *a partir do ensino de Lacan, explicaremos os fenômenos do campo freudiano.*

De sua parte, Erik Porge propõe uma divisão do ensino de Lacan para que este seja estudado em quatro partes:

Iª parte: Um sujeito recíproco (1945)

IIª parte: O sujeito das escansões significantes (1966)

IIIª parte: A relação [*relation*] incomensurável dos sujeitos (1973)

IVª parte: A relação-proporção [*rappor*t] não complementar entre os sujeitos (depois de 1973).<sup>3</sup>

O que denominaremos, a partir de agora, de "Primeira Clínica", corresponde à Iª parte desta divisão: "um sujeito recíproco".<sup>4</sup> Consideraremos esta clínica como a formalização da experiência psicanalítica que Lacan propôs como consequência de todo o trabalho realizado desde 1928, a partir de seus primeiros comunicados em psicopatologia e

---

1 Lacan, J. (2007). *Apertura de la sección clínica*. México: Me cayó el veinte. p. 12. (Tradução nossa).

2 Cronologicamente, o inconsciente é introduzido por S. Freud no campo freudiano que ele funda e na prática que inventa, a psicanálise. No entanto, logicamente, o inconsciente é de Lacan quando introduz sua noção do significante. Como ele mesmo afirma na conferência de 1977, *Abertura da sessão clínica*: "Devo dizer que, embora quisessem fazer de Freud um escritor, a *Traumdeutung* [*A interpretação dos sonhos*] é excessivamente confusa. Inclusive, é tão confusa que não é possível dizer que seja legível. Gostaria de saber se alguém a leu de cabo a rabo. Por dever, eu me obriguei a isso. De qualquer forma, traduzida para o francês, não tem as mesmas qualidades que em alemão. Em alemão, isso se sustenta, mas não torna, contudo, mais clara a noção de inconsciente, do *Unbewußte*" (tradução nossa), Idem, p. 8. E mais adiante: "Se falei de 'retorno a Freud', é para que se convençam de até que ponto é capenga. E me parece que a ideia do significante explica, apesar de tudo, como isso caminha" (tradução nossa), Idem, p. 10. Lacan já o tinha antecipado onze anos atrás, na contracapa de seus *Escritos*, declarando que: "o inconsciente procede do lógico puro; dito em outras palavras: do significante" (tradução nossa), Lacan, J. (1984). Contratapa, em *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. De forma retrospectiva, em 1977, diz que o inconsciente é seu, consequência de que em 1966, defendeu que o inconsciente é explicado pelo significante que ele mesmo introduziu na psicanálise. Portanto, *o inconsciente*, como procedente do lógico puro e para a clínica psicanalítica sustentada em seu ensino, *é de Lacan*.

3 Porge, E. (1989). *Se compter trois: le temps logique de Lacan*. Toulouse: éditions érès. p. 7. (Tradução nossa).

4 As datas entre parênteses obedecem ao critério de Porge sobre seu estudo do sujeito e do tempo, que, no caso do sujeito recíproco, data da publicação original de "El tiempo lógico y el aserto de certidumbre anticipada. Un nuevo sofisma", em 1945; enquanto o sujeito das escansões significantes, a publicação dos *Escritos*, em 1966. E assim sucessivamente. Para mais detalhes, consultar a magnífica obra de E. Porge citada anteriormente.

gnosologia,<sup>5</sup> até 1953, com a conferência *O simbólico, o imaginário e o real*,<sup>6</sup> que marca o início de seu ensino na psicanálise. Desse *quarto de século* de árduo trabalho intelectual, Lacan realizou uma seleção de artigos<sup>7</sup>, que incluiu em seus *Escritos*, sob o nome de “De nossos antecedentes”.<sup>8</sup>

O próprio Lacan nos indica o modo de trabalhar com esses antecedentes de seu ensino:

Acontece que **nossos alunos se enganam** ao descobrir ‘já ali’ aquilo ao que nosso ensino nos levou depois. Não é coincidência suficiente que o que está ali não tenha bloqueado o caminho? Considere o que aqui se desenha em termos de **uma referência à linguagem como fruto da única imprudência que nunca nos enganou**: a de não confiarmos em nada a não ser nessa experiência do sujeito que é a matéria única do trabalho psicanalítico.<sup>9</sup>

Lacan já estava advertido de que seus alunos procuravam – e muitos continuam fazendo isso hoje em dia –, em seus primeiros trabalhos, o que desenvolveu depois: “gozo”, “objeto a”, “sinthome”, etc. No entanto, ele nos adverte que esta manobra é uma ilusão; não sem nos mostrar, por sua vez, o caminho correto: *o que está ali, em seus antecedentes, não bloqueou o caminho do que veio depois*. Neste sentido devemos nos perguntar como encontrar, nessas primeiras elaborações, as condições de possibilidade dos próximos desenvolvimentos. Ou também, como, conforme avançava em suas pesquisas, resultados e conclusões, foram aparecendo novas perguntas que, naquele momento, não tinham

---

5 Cf. De Frutos Salvador, Á. (1994). *Los Escritos de Jacques Lacan. Variantes textuales*. Madrid: siglo veintiuno de españa editores. p. 302: “Neste grupo [*L'Évolution Psychiatrique*], Lacan começa em 1928 o que chama de «l'ordre de sa participation», seus comunicados, que resumirá em 1938, sob a denominação «Théorie de la connaissance paranoïaque (contribution de la psychopathologie à la gnoséologie)»”.

6 Lacan, J. (2009). *Lo simbólico, lo imaginario y lo real. Conferência pronunciada no Anfiteatro do Hospital Psiquiátrico de Sainte-Anne, Paris, em 8 de Julho de 1953, por ocasião da primeira reunião científica da recentemente fundada Société Française de Psychanalyse, e posterior discussão* (R. Rodriguez Ponte, Trad.). Buenos Aires: EFBA.

7 Os textos incluídos são: “Para além do ‘Princípio de realidade’” (1936), “O estádio do espelho como formador da função do eu” (1949), “A agressividade em psicanálise” (1948), “Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia” (1951), “Formulações sobre a causalidade psíquica” (1947), “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. Um novo sofisma.” (1945) e “Intervenção sobre a transferência” (1952). Registramos, entre parênteses, o ano da publicação original e respeitamos sua ordem de aparecimento nos *Escritos*.

8 Foram publicados outros textos dessa época, não incluídos nos *Escritos*, em diversas fontes. Por exemplo: Lacan, J. (1986-88). *Intervenciones y textos* (2 Vols.). Buenos Aires: Manantial; Lacan, J. (2001). *Pas-tout Lacan (1926-1981)*. ELP: <https://ecole-lacanienne.net/es/bibliolacan/pas-tout-lacan-3/>; Lacan, J. (2013). *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós; Lacan, J. (2016). *O primeiríssimo Lacan: 40 primeiras intervenções (1933-1953)*. Non Liqueur Ediciones: <https://nonliqueur.weebly.com/>

9 Lacan, J. (1984). De nuestros antecedentes. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 61. (Tradução nossa).

solução; mas que, felizmente, não por isso foram fechadas, mas sim motivaram novas respostas.

Portanto, é errôneo se perguntar e tentar situar o gozo ou o objeto a no esquema L,<sup>10</sup> por exemplo, pois suporia que "isso" sempre esteve ali e só foi representado de forma diferente ao longo do tempo. Pelo contrário, para evitar este obstáculo epistemológico,<sup>11</sup> podemos nos perguntar como, do que ali não se responde, mas tampouco se obstaculiza, levou-nos às formulações posteriores, como as do grafo do desejo – onde estão trabalhados tanto a *jouissance*, o gozo, como o objeto a.

De nossa parte, parece-nos muito mais adequado perguntar pelo que pode responder cada formalização do ensino de Lacan,<sup>12</sup> reconhecendo, por sua vez, seus limites – isto é, o que não podem responder –, sem abandonar a referência à linguagem, sempre presente como aquela "imprudência" que nunca nos enganou.

Para começar a pensar a formalização do analista, proponho a seguinte citação do seminário 22, da aula do dia 10 de dezembro de 1974:

Naturalmente, incluso no era seguro que ellos mismos se percataran de que era eso el **fenómeno lacaniano**, a saber que tengo efectos para un público que sólo ha escuchado así, por repercusión, desde muy lejos, lo que yo puedo articular en este

sitio que está aquí y donde hago mi enseñanza para desbrozar para el analista el discurso mismo que lo soporta, **si es que es por el discurso, y siempre por el discurso, que padece esa cosa [Chose] que tratamos de manipular en el análisis, por un discurso.**

Naturalmente, inclusive não era seguro que eles mesmos percebessem que era isso o **fenômeno lacaniano**, a saber que tenho efeitos para um público que só escutou assim, por repercussão, de muito longe, o que eu posso articular neste lugar que está aqui e onde faço meu ensino para esclarecer para o analista o discurso que o sustenta, **se é que é pelo discurso, e sempre pelo discurso, que**

---

10 Como o faz J.-A. Miller ao propor uma "imaginação do gozo", do vetor imaginário de a—a', do esquema L. Segundo o autor, este paradigma "acentua a disjunção entre o significante e o gozo" (sic). Cf. Miller, J.-A. (2000). Los seis paradigmas del goce, en *El lenguaje, aparato del goce*. Buenos Aires: Colección Diva. pp. 141-146.

11 Este representacionismo se sustenta no "preconceito substancialista", clara demonstração do problema conhecido como "obstáculo epistemológico". Cf. Bachelard, G. (1993). *La formación del espíritu científico*. México: Siglo Veintiuno editores.

12 Ideia que devemos a Alfredo Eidelsztein.



---

**padece essa coisa [*Chose*] que tratamos de manipular na análise, por um discurso.** <sup>13</sup>

O fenômeno lacaniano consiste em que essa coisa [*Chose*] padece pelo discurso; mas também é manipulável na análise graças ao próprio discurso. A Coisa freudiana [*La Chose freudienne*], no ensino de Lacan, é manipulável pela palavra. Por isso, mais adiante, especifica:

Contudo, é indispensável que o analista seja, pelo menos, dois.

O analista para ter efeitos é {est} o analista que teoriza esses efeitos.<sup>14</sup>

Metodologicamente, o analista é dois: o analista dos efeitos e o analista que os teoriza.<sup>15</sup> No entanto, ambos formam um só bucle, pois também podemos pensar que não há analista sem efeitos, inclusive iatrogênicos; o que implica que há uma posição teórica a respeito, ainda que o analista a desconheça. Portanto, sustentamos que é imperioso que o analista teorize seus efeitos: tanto para ter efeitos em função de uma direção da cura como para evitar os iatrogênicos.

No caso da primeira clínica de Lacan, esta posição metodológica já está presente. Para estudá-la, consideramos que possui uma formalização dialética e uma sintética – para teorizar os efeitos na cura de dois modos diferentes. Neste sentido, aderimos à noção de "formalização" que Badiou — conhecido filósofo, matemático e aluno de Lacan — defende.

O conceito de formalização – **formalizar a experiência, dar forma a ela** – é provavelmente **o operador mais importante**, já que a formalização é algo que não se decanta pela **analítica** ou a **dialética**.<sup>16</sup>

---

13 Lacan, J. (1989). *El seminario 22. R.S.I. 1974-1975* (R. Rodríguez Ponte, Trad.). Buenos Aires: EFBA. p. 7. (Tradução nossa)

14 Idem. (Tradução nossa).

15 Consideramos que esta separação entre um analista que produz efeitos e um analista que os teoriza é metodológica e não se confunde com uma posição epistemológica do problema, nem muito menos com uma ontológica, onde o analista já está presente nos efeitos que produz: sua posição teórica já está presente na coisa analisada.

16 Badiou, A. (2017). *Filosofía y la idea del comunismo. Conversación con Peter Engelmann*. Madrid: Trotta. p. 32. (Tradução nossa).

---

Dar forma à experiência, para Badiou, adquire dois pontos de vista: o *analítico* e o *dialético*, não priorizando a nenhum dos dois. Consideramos que isto é o que acontece na primeira clínica de Lacan: com o esquema L, uma formalização analítica; com o grafo de uma análise, uma formalização dialética. Em que consiste cada formalização? Badiou especifica:

Y para esclarecer este movimiento [del sujeto], para formalizarlo, pueden emplearse a la vez los recursos del análisis dialéctico —**en términos de negatividad, de crítica y de contradicción**— y los elementos analíticos —**en términos de estructura, de elementos dominantes de la estructura**, etc.—, recurriendo a categorías más bien parecidas a diferentes clases de formalización. E para esclarecer este movimiento [do sujeito], para formalizá-lo, podem ser empregados ao mesmo tempo os recursos da análise dialética – **em termos de negatividade, de crítica e de contradição** – e os elementos analíticos — **em termos de estrutura, de elementos dominantes da estrutura**, etc. —, recorrendo a categorias bastante parecidas a diferentes classes de formalização.<sup>17</sup>

A formalização, Badiou nos diz, é o *operador* mais importante; nós acrescentamos: da direção da cura. Ambas as aproximações permitem problematizar a cura a partir de perspectivas muito particulares.

Por sua vez, Alfredo Eidelsztein, em sua obra *Modelos, esquemas e grafos*, aponta o seguinte:

Os modelos, assim como os esquemas e grafos, são formas de apresentar esses conceitos e suas relações de maneira ‘sincrônica’; neles, todos os conceitos em jogo estão dados simultaneamente. Por outro lado, qualquer apresentação discursiva implica necessariamente a ‘diacronia’, já que todo discurso responde a uma estrutura fundamental que consiste em ser uma cadeia de termos, o que produz, como efeito inescapável, que os conceitos e suas articulações sejam expostos primeiramente um, depois o outro, e assim sucessivamente.<sup>18</sup>

---

17 Idem, p. 33. (Tradução nossa).

18 Eidelsztein, A. (2018). *Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan*. São Paulo: Toro editora. (p.13)

Eidelsztein opõe uma apresentação discursiva e diacrônica a outra apresentação simultânea e sincrônica. A primeira é a *comunicação articulada*, requisito de todo progresso científico, como Lacan nos faz lembrar em “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”;<sup>19</sup> a segunda é própria das formalizações. Contudo, ambas se relacionam:

O ensino de Lacan tem, entre outras particularidades, a seguinte: a forma em que se imbricam a sincronia e a diacronia de suas concepções, ou seja, a relação que guardam entre si os conceitos fundamentais em cada etapa do seu desenvolvimento e em seu progresso. O estudo dos modelos, esquemas e grafos é uma excelente via para prosseguir e estudar a articulação entre o que se caracteriza por estar marcado por uma lógica sincrônica e o que se caracteriza por estar em movimento a partir de uma lógica diacrônica.<sup>20</sup>

Encadeamento de argumentos e formalizações. Por fim, para realizar nossa pesquisa sobre o grafo de uma análise, podemos aplicar a indicação que Lacan faz para o esquema I:

Mais valeria, contudo, jogar no lixo esse esquema se, como tantos outros, ajudasse alguém a **esquecer** em uma imagem intuitiva **a análise que a sustenta**.

21

Este é o modo que Lacan propõe para estudar suas formalizações, especialmente aquelas que se apresentam em uma imagem intuitiva e didática: não esquecer a análise que as sustentam; ou, como coloca Eidelsztein, abordar o ensino de Lacan em sua diacronia e sincronia. Por isso, propomos realizar a análise que habilita o desenvolvimento do grafo de uma análise como a formalização da psicanálise tal qual uma dialética.

---

19 Cf. Lacan, J. (1984). “Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956”, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 470: “esses efeitos [imaginários] não são favoráveis à discussão, princípio de todo progresso científico [...] [e] da comunicação articulada”. (tradução nossa). Lacan opõe a comunicação articulada e seu recurso, a discussão científica, à comunhão do grupo sustentada na imagem de um líder idealizado.

20 Eidelsztein, A. (2018). Op. Cit. p.13/14.

21 Lacan, J. (1984). De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 2). México: Siglo Veintiuno editores. p. 555. (Tradução nossa).

## Crítica inicial da noção de inconsciente

Antes de iniciar seu ensino, em 1947, Lacan realiza uma crítica da noção do inconsciente tal qual se encontrava no campo freudiano. Assim, por exemplo, em seu escrito

“Formulações sobre a causalidade psíquica”<sup>22</sup> defende que:

Nenhuma experiência como a da psicanálise terá contribuído para manifestá-lo [a função que tem a imago de instaurar, no ser, uma relação fundamental de sua realidade com seu organismo], e essa necessidade de **repetição** que mostra como efeito complexo – **ainda que a doutrina a expresse na noção, inerte e impensável, do inconsciente** – fala com suficiente clareza.<sup>23</sup>

Nesta citação, Lacan considera o inconsciente uma noção inerte e impensável,<sup>24</sup> tal qual a doutrina psicanalítica a expressa para explicar a *identificação* e a *repetição* — fenômenos fundamentais da experiência psicanalítica. No mesmo sentido, alguns parágrafos adiante, acrescenta:

Basta-me dizer que a consideração destes ["fenômenos elementares" da psicose paranoica] me levava a completar o catálogo das estruturas: simbolismo, condensação e outras explicitadas por Freud como aquelas, direi, do modo

---

22 Lacan lê este escrito no dia 28 de setembro de 1946, nas Jornadas psiquiátricas de Bonneval, no marco do discurso da "psicogênese das psicoses e das neuroses". Posteriormente, é publicado em 1947. Quando incluído em seus *Escritos* de 1966, do qual retiramos as citações que apresentamos neste trabalho, este artigo não sofre nenhuma mudança, de modo que podemos datar as críticas de Lacan à noção do "inconsciente" em 1947, a partir do primeiro texto publicado. Cf. De Frutos Salvador, Á. (1994). *Los Escritos de Jacques Lacan. Variantes textuales*. Madrid: Siglo Veintiuno de España editores.

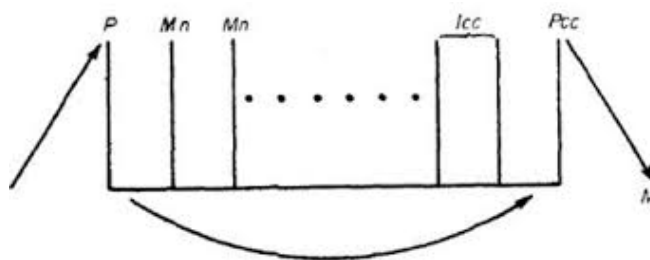
23 Lacan, J. (1984). Acerca de la causalidad psíquica. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: siglo veintiuno editores. p.172.

(Tradução nossa).

24 Anos depois, em 1967, Lacan continuará pensando que ninguém, até o momento, se deu ao trabalho de pensar o que é o inconsciente: "É um fato, um fato novo. Será necessário começar a pensar algo que dê conta de que pode haver pensamentos inconscientes. Não é evidente. / De fato, nunca ninguém se dedicou, de verdade, a isto que é, no entanto, um problema altamente filosófico"(tradução nossa). Cf. Lacan, J. (2007). Lugar, origen y fin de mi enseñanza, em *Mi enseñanza*. Buenos Aires: Paidós. p.18. E é, precisamente, porque o inconsciente é um *fato novo*, Lacan dirá, em relação à filosofia cartesiana, que nega a possibilidade de existência aos pensamentos inconscientes. O que são, então, essas descontinuidades que a consciência apresenta? Este é o fato novo que deve ser levado em consideração na psicanálise. Lacan tem razão: *não é algo óbvio*.

imaginário. **Porque espero que logo se renuncie ao emprego da palavra ‘inconsciente’ para designar o que se manifesta na consciência.** <sup>25</sup>

Nesta segunda citação, Lacan espera que o uso da palavra "inconsciente", para designar as *descontinuidades* que se manifestam na consciência, seja logo abandonado; tais como os "fenômenos elementares" da psicose ou os fenômenos das neuroses: lapsos, atos falhos, sonhos e sintomas – todos produtos do processo primário: condensação, simbolismo, etc. Lacan rechaça a noção de inconsciente! O que se manifesta na consciência, o catálogo destas estruturas, é explicado muito melhor do *modo imaginário*, isto é, como um efeito do imaginário e do estágio do espelho e não com essa noção *inerte e impensável* de "inconsciente".



Reproduzimos o esquema do pente, que representa a *primeira tópica* freudiana – consciente, pré-consciente e inconsciente –, para notar em que sentido é inerte esse inconsciente do qual Lacan fala — no esquema abreviado como *Icc*. É um inconsciente que se encontra, topicamente, justo antes do pré-consciente, de maneira fixa e em um lugar determinado dentro do aparato, o qual, por sua vez, pertence a um indivíduo. É o inconsciente pensado como *sistema*.

Recordemos a definição do *Dicionário de Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis, do inconsciente como um sistema:

No sentido tópico, a palavra inconsciente designa um dos sistemas definidos por Freud no marco de sua primeira teoria do aparelho psíquico; é

25 Lacan, J. (1984). Acerca de la causalidad psíquica. Op.Cit. p.173.(Tradução nossa).

---

constituído por conteúdos recalcados, cujo acesso ao sistema pré-consciente foi recusado pela ação do recalçamento (recalçamento original e recalçamento subsequente). As características essenciais do inconsciente como sistema (ou *Ics*) podem ser resumidas do seguinte modo:

- a) seus "**conteúdos**" são "representantes" das pulsões;
- b) estes conteúdos estão regidos pelos mecanismos específicos do **processo primário**, especialmente a condensação e o deslocamento;
- c) fortemente catexizados pela **energia pulsional**, procuram retornar à consciência e à ação (retorno do recalcado); mas só podem encontrar acesso ao sistema *Pcs-Cs* pela formação do compromisso, depois de terem sido submetidos às deformações da censura;
- d) são especialmente os **desejos** infantis que experimentam uma **fixação** no inconsciente.<sup>26</sup>

Por essa definição, podem-se observar as notas essenciais deste inconsciente sistemático: ele tem conteúdos, as representações, por isso é continente; é regido pelo processo primário; tem uma energia e os desejos estão fixados. Talvez, neste último aspecto, note-se esse caráter inerte, imóvel e fixo, do qual fala Lacan; que em conjunto com os demais, merece a qualificação de uma maquinaria *impensável* e manca – cabe lembrar que estes caracteres do *Icc* sistemático serão herdados, em sua segunda tópica, pela noção do Isso, e que Lacan, uma vez mais, explicará com uma formalização (o esquema L) como efeito da linguagem.

De onde provêm essas críticas de Lacan? Essas críticas à noção do inconsciente na psicanálise provêm de George Politzer, de sua obra: *Crítica dos fundamentos da psicologia*. Para Politzer, efetivamente, o inconsciente tal como definido por Freud é inerte e peca de certo *realismo ingênuo*, pois, ao ter precisado de categorias metafísicas que o situam em um *mais além* da narrativa dos pacientes, é afastado da experiência dialética da *vida dramática do homem*. Inclusive, sentencia o psicólogo e filósofo húngaro, realiza um passo injustificado:

---

26 Laplanche, J y Pontalis, J.-B. (1993). *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona: Paidós. p. 193. (Tradução nossa).

E este **realismo é ingênuo**, porque precisamente a **passagem** do ponto de vista da **finalidade social à realidade atual** se efetua **sem justificativa alguma**, e com certa espontaneidade. De fato, não há ‘passagem’: **o que este realismo expressa são ‘as exigências da Sociedade’**: o indivíduo não é mais que o cumprimento das exigências sociais; em outros termos, a categoria de ‘Realidade’ não se abre ao princípio, naturalmente, senão **ao aspecto social das coisas**.

A **psicologia clássica**, com o emprego do postulado da significação convencional, **não faz senão prolongar a atitude desse realismo ingênuo**. [...] somente a psicologia [no que diz respeito à ciência] a conservou. Certamente é muito difícil **se livrar das exigências sociais**, e o postulado em questão não é o único exemplo da **transformação dessas exigências em realidades**.<sup>27</sup>

Politzer repreende Freud por ter voltado à psicologia clássica, por ter recuado em direção a ela, tendo retomado seus postulados. Reconhece que ele é o primeiro psicólogo a propor as vias de construção de uma psicologia verdadeira; mas, por outro lado, o repreende por retroceder, em virtude desses *preconceitos*, de sua grande descoberta. O mais prejudicial, quando muito, é este realismo ingênuo: *fazer as demandas sociais passarem por realidade e, inclusive, transformá-las em realidade*. Portanto, Politzer pensa que devemos nos desfazer desta noção de inconsciente, que obstaculiza nosso acesso a uma *verdadeira psicologia*,<sup>28</sup> que é uma psicologia em primeira pessoa.<sup>29</sup> Este realismo ingênuo, portanto, não é necessário para a descoberta freudiana; pelo contrário, a atrapalha.

### **A dialética do desejo *contra* o inconsciente freudiano**

Ainda estamos longe do escrito “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”. Apenas faltam sete anos para sua escrita; mas a distância teórica,

---

27 Politzer, G. (1969). *Crítica de los fundamentos de la psicología*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca. p. 91. (Tradução nossa).

28 Da qual Freud só deu o primeiro passo com a psicanálise. Portanto, esta *Crítica de los fundamentos de la psicología* propõe corrigir o que há de ultrapassado no descobrimento freudiano: os postulados da psicologia clássica. O nome deste projeto para uma psicologia verdadeira, que não chegou a ser realizada, foi a *psicología concreta*.

29 Psicologia em primeira pessoa, porque leva em consideração a narração que o paciente faz em primeira pessoa. Oposta à uma psicologia em terceira pessoa, que objetifica seus pacientes ao lhes dar consistência de coisas pertencentes a uma realidade que não é senão demanda social: o que a Sociedade espera que o homem seja como uma realidade atual.

---

que implica ainda um longo caminho pela frente, coloca vários marcos com relação a esta primeira clínica. Por agora, ainda nos encontramos com o rechaço de Lacan, apoiado em Politzer, no que tange à noção do inconsciente. Segundo Ángel De Frutos Salvador:

Na relação de Lacan com a psicologia, não se deve esquecer a influência do autor de *Critique des fondements de la psychologie* (1928), Georges Politzer.

A situação de Politzer era extraordinária naquela época. Este autor ressaltava que a psicologia nova deve ter por objeto ‘a vida dramática do homem’ e, nesta ordem, apontava dois fatos descobertos por Freud: o complexo de Édipo e a identificação que são ‘não só segmentos da vida de um indivíduo particular, mas também grandes esquemas dramáticos’. Rejeitava, contudo, a libido e o inconsciente. Lacan só o segue na rejeição inicial ao segundo. De Politzer, talvez, Lacan recebe a clara enunciação de que **psicanálise e método da introspecção são antitéticos**. E, finalmente, será Lacan quem realizará o seguinte projeto de Politzer: **liberar a psicanálise dos preconceitos** nos quais se vê envolta tanto por seus partidários como por seus adversários a fim de encontrar sua inspiração verdadeira.<sup>30</sup>

Lacan continua o projeto de Politzer. Podemos ver um sinal disso no rechaço tão firme ao inconsciente sistemático – lembremos: inerte e impensável. Além disso, conta-nos que logo percebeu estes preconceitos.

Talvez, será captado como, atravessando as portas da psicanálise, reconhecemos imediatamente em sua prática **preconceitos de saber** muito mais interessantes, já que são eles que devem ser reduzidos em sua escuta fundamental.<sup>31</sup>

Consideremos este escrito, de 1966, como testemunho da continuação deste projeto politzeriano: *reduzir os preconceitos de saber na escuta do psicanalista*. No entanto, no que estão fundamentados estes preconceitos? Na introspecção:

---

30 De Frutos Salvador, Á. (1994). *Los Escritos de Jacques Lacan. Variantes textuales*. Madrid: Siglo Veintiuno de España editores. p. 305. (Tradução nossa).

31 Lacan, J. (1984). De nuestros antecedentes. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 60. (Tradução nossa).



En el análisis un sujeto se da como pudiendo ser **comprendido** y lo es efectivamente: **introspección** e **intuición** pretendidamente proyectiva no constituyen aquí los **vicios de principio** que una psicología que daba sus primeros pasos en la vía de la ciencia consideró como irreductibles.

Na análise, um sujeito se dá como podendo ser **compreendido**, e de fato o é: a **introspecção** e a **intuição** pretensamente projetivas não constituem, aqui, os **vícios de princípio** que uma psicologia, em seus primeiros passos no caminho da ciência, considerou irreduzíveis.<sup>32</sup>

É estranho que um analista [...] ainda faça uso da **introspecção** na psicanálise.<sup>33</sup>

A introspecção e a intuição são *vícios de princípio* da prática psicanalítica; isto é, são preconceitos de saber da psicologia clássica que devemos reduzir na escuta de nossos pacientes. Por isso Lacan estranha, ironicamente, que os psicanalistas continuem a utilizá-las, quando o de que se trata na análise é que compreendam seu sujeito.<sup>34</sup>

Realizado o diagnóstico, a pergunta mais importante é a seguinte: como reduzir esses preconceitos de saber? Para isso, Lacan precisou de Hegel no enfrentamento do monstro da introspecção:

Das Übersinnliche ist also die *Erscheinung*, als *Erscheinung*  
[O suprassensível é, pois, o fenômeno enquanto fenômeno].<sup>35</sup>

Tanto o interno como o suprassensível partem do próprio fenômeno. Outro grande antecedente no ensino de Lacan foi o seminário de Alexandre Kojève, filósofo hegeliano-marxista que introduziu toda uma geração, da qual Lacan fez parte, na filosofia de Hegel. Kojève interpretou assim o rechaço à metafísica e, por conseguinte, à metapsicologia:

---

32 Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro. Zahar. (p.105)

33 Lacan, J. (1984). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 238. (Tradução nossa).

34 Não confundir com o "Cuidem em compreender!" introspectivo, e não dialético, que Lacan dedica, por um lado, a "Jaspers e sócios", e, por outro, aos analistas que encontraram, na atenção flutuante, "de cinquenta milhões de horas mais ou menos [...] seu conforto e seu desconforto" na busca de um *sentido oculto* nos ditos do paciente. Cf. Lacan, J. (1984). Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 452 e 453.

35 Hegel, F. (2010). *Fenomenología del espíritu* (Edición bilingüe de Antonio Gómez Ramos). Madrid: ABADA/UAM. p. 216, 217.

"Das Übersinnliche ist also die *Erscheinung*, als *Erscheinung* [O suprassensível é, pois, o fenômeno enquanto fenômeno]" (Tradução nossa).

**A realidade verdadeira, absoluta, concreta, ‘divina’ se preferir, é o Mundo, o mundo revelado** (entre outros: mundo sensível) na medida em que este se revela (entre outros: pela sensação). No entanto, **quem revela o Mundo (o Ser) é o Homem**. Depois do Absoluto, é o Mundo natural que inclui o Homem que o sente, o percebe, o pensa e **fala dele** [...] <sup>36</sup>

O homem é quem *revela* o mundo; e o faz sentindo, percebendo, pensando e, sobretudo, falando dele. Esta é a realidade verdadeira. Não é necessário postular um mundo para além deste mundo, seja um mundo suprassensível ou interno ao homem – como sua alma, para o cristão; ou a psique, para o psicólogo. Isto só distorce a realidade ao desdobrá-la. Como afirma Politzer:

Objetivamente, a introspecção não é mais do que um ‘segundo relato’, resultante da aplicação do ponto de vista do formalismo funcional ao relato significativo, e o que a psicologia busca é precisamente a substituição do **primeiro relato, puramente significativo**, por um segundo que nada tem a ver com a **teleologia das relações humanas**, que, deste ponto de vista, é puramente ‘desinteressado’ e deve constituir a descrição de uma realidade *sui generis* [isto é, excepcional: trata-se de uma descrição desalinhada que não coincide com o que designa]. <sup>37</sup>

A metapsicologia freudiana é *sui generis*: uma construção extravagante que se afasta da teleologia das relações humanas, isto é, do relato significativo que encontra seu sentido na realidade social e humana. Nisto consiste a *intersubjetividade* com a qual Lacan trabalha nesta época, para enfrentar o solipsismo do subjetivismo psicologista que, em Freud, desemboca nessa noção de inconsciente sistemático: como um desejo individual e interno a cada pessoa.

A intersubjetividade propõe que *um sujeito é o que é reconhecido por outro sujeito*. Motivo pelo qual não podemos falar em ‘sujeito’ somente, nem muito menos em um desejo individual, sem contemplar outro desejo. É necessário outro sujeito para

---

36 Kojève, A. (2013). *Introducción a la lectura de Hegel*. Madrid: Trotta. p. 88, 89. (Tradução nossa).

“**A realidade verdadeira, absoluta, concreta, “divina” se preferir, é o Mundo, o mundo revelado** (entre outros: mundo sensível) na medida em que este se revela (entre outros: pela sensação). No entanto, **quem revela o Mundo (o Ser) é o Homem**. Depois do Absoluto, é o Mundo natural que inclui o Homem que o sente, percebe-o, pensa-o e **fala dele** [...]” (Tradução nossa).

37 Politzer, G. (1969). *Crítica de los fundamentos de la psicología*. Op. Cit. p. 81. (Tradução nossa).

reconhecê-lo; neste sentido, o ‘autoconhecimento’ é impossível, assim como o desejo próprio e individual. Kojève o diz desta maneira:

**O Desejo humano deve versar sobre outro Desejo.** Para que haja Desejo humano é necessário então que haja, em primeiro lugar, uma pluralidade de Desejos [...]. O homem somente pode aparecer sobre a terra, portanto, no seio de uma manada. [...]. Se a realidade humana é uma realidade social, a sociedade só é humana enquanto conjunto de desejos que se desejam mutuamente como Desejos. [...] **a história humana é a história dos Desejos desejados.** <sup>38</sup>

É inegável encontrar, na obra de Kojève, um dos antecedentes da obra de Lacan:

... **o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro**, não tanto porque o outro detém as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser **reconhecido** pelo outro. <sup>39</sup>

... o desejo do homem se **aliena** no desejo do outro [...]. <sup>40</sup>

Notemos que Lacan ainda não utiliza a distinção entre outro e um grande Outro; neste momento, o outro que o reconhece e diante de quem aliena seu desejo, o sujeito é *outro sujeito*. Neste sentido, retomemos, agora completa, a citação na qual Lacan propõe a verdadeira função da análise a partir da teoria da intersubjetividade e como oposta à introspecção:

**Só um sujeito pode compreender um sentido, inversamente todo fenômeno de sentido implica um sujeito. Na análise, um sujeito se dá como podendo ser compreendido e o é efetivamente: introspecção e intuição** pretensamente projetiva **não constituem aqui os vícios de princípio** que uma psicologia que dava seus primeiros passos na via da ciência considerou como irredutíveis. Isto equivaleria a criar um **beco sem saída** de momentos abstratamente isolados do

---

38 Kojève, A. (2013). *Introducción a la lectura de Hegel*. Madrid: Trotta. p. 54. (Tradução nossa).

39 Lacan, J. (1984). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 257. (Tradução nossa).

40 Lacan, J. (1984). Variantes de la cura tipo. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 330. (Tradução nossa).

diálogo, quando é necessário se entregar ao seu **movimento**: é o mérito de Freud ter assumido seus riscos, antes de dominá-los mediante uma técnica rigorosa.<sup>41</sup>

A psicologia clássica considerou o produto da introspecção como um dado irreduzível – pense no que vem à mente do paciente na associação livre. Mas Lacan destaca que esse dado não é irreduzível, mas, pelo contrário, já se encontra comprometido como um fenômeno de sentido, o qual implica outro sujeito. Politzer chamou a isto de *caráter exógeno da introspecção*:<sup>42</sup>

... Bergson demonstrou que **a introspecção** de seus predecessores **não foi sincera, que seus relatos introspectivos se nutriam da realização de exigências teóricas**. [...] a crítica bergsoniana pode muito bem significar que o **caráter ‘exógeno’ da introspecção** tem sido demonstrado por certo gênero de **‘segundo relato’**, aquele que faz intervir em seu cenário os personagens ‘estáticos’.<sup>43</sup>

### O grafo de 1953: contradição, negatividade e crítica

Por fim, para evitar os becos sem saída da introspecção, que reduzem os conceitos da psicanálise a abstrações, Lacan confia na dialética hegeliana: é necessário pensar os conceitos psicanalíticos inseridos em um *movimento*. Por tais motivos, no dia 8 de julho de 1953, Lacan pronunciou sua conferência “O simbólico, o imaginário e o real”,<sup>44</sup> diante de psicanalistas durante a primeira reunião científica da recém-criada Sociedade Francesa de Psicanálise. Aqui é onde apresenta a seus colegas a primeira formalização de seu ensino: *O Grafo de uma análise*, sua primeira arma contra os preconceitos de saber.

Nesta conferência, Lacan propõe a *formalização do caminho completo de uma análise* do seguinte modo: **rS-rI-iI-iR-iS-sS-sI-sR-rR-rS**. Esta formalização articula dialeticamente os três registros – simbólico, imaginário e real – em duplas. Para seu

41 Lacan, J. (1984). La agresividad en psicoanálisis. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 95. (Tradução nossa).

42 Pensem nesse caractere como um antecedente do neologismo de “extimidade”.

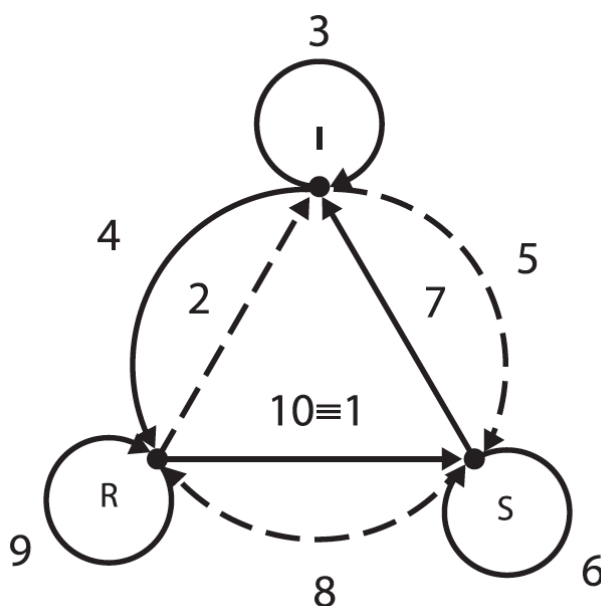
43 Politzer, G. (1969). *Crítica de los fundamentos de la psicología*. Op. Cit. p. 83, 84. (Tradução nossa).

44 Que Lacan denominou “uma sorte de prefácio ou de introdução a certa orientação de estudo da psicanálise”, Cf. Lacan, J. (2009). *Lo simbólico, lo imaginario y lo real. Conferência pronunciada no Anfiteatro do Hospital Psiquiátrico de Sainte-Anne, Paris, em 8 de Julho de 1953, por ocasião da primeira reunião científica da recentemente fundada Société Française de Psychanalyse, e posterior discussão* (R. Rodriguez Ponte, Trad.). Buenos Aires: EFBA. Segundo Lacan, devemos considerar esta conferência como um *prefácio* ou uma *introdução* ao seu ensino. Daí seu valor para uma correta interpretação de sua obra.

estudo, nós a apresentamos numerada — tal como aparece em algumas versões da conferência — do 1 ao 10.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
rS	rI	iI	iR	iS	sS	sI	sR	rR	rS

A partir desta numeração, o grafo apresenta o seguinte caminho:



Não vamos fazer uma apresentação exaustiva do grafo, que reservamos para outro lugar. Mas queremos mostrar uma primeira análise, que deixe patente a correção dos preconceitos de saber que Lacan tentou resolver com ele. Propomos, neste sentido, três operações.

Primeiro, o grafo é uma formalização dialética que, mediante o movimento de momentos *contraditórios* — tese e antítese, que se tornam uma síntese, para depois começar de novo —, apresentará os conceitos freudianos como momentos — e não como abstrações — do diálogo analítico: transferência, inconsciente<sup>45</sup> e realidade, por exemplo.

45 Fenômenos que, lembremos, Lacan explicará nesta clínica do modo imaginário; no grafo como imaginação do símbolo, *iS*. Nesta primeira clínica, Lacan falará do inconsciente, mas de um reinventado. Cf. Lacan, J. (1984). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 249: “O inconsciente é esse capítulo da minha história que está marcado por um branco ou ocupado por um embuste: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser encontrada novamente; na maioria das vezes já está escrita em outro lugar [...]”. (Tradução nossa) O inconsciente já não é um continente de energia e desejos fixados, mas um capítulo censurado da minha história que devo restituir pela interpretação analítica.

---

No grafo, estes momentos aparecem em duas tríades – de tese, antítese e síntese: o caminho completo do grafo dividido em três partes e, por sua vez, cada uma destas partes dividida em outras três partes.

Segundo, apresenta uma espécie de momentos de *negatividade*, isto é, momentos de Outridade, que tiram o sujeito do Mesmo para dirigi-lo ao Outro,<sup>46</sup> alguns conceitos que, se sabemos lê-los nesta chave, iluminamos sua aparente escuridão: narcisismos, como *imagem do outro (rI)*; inconsciente, como *discurso do outro* ou figurabilidade do discurso simbólico (*iS*);<sup>47</sup> e desejo, como *desejo do outro* ou desejo de ser reconhecido pelo outro (*sR*). No grafo, estes conceitos aparecem na linha pontilhada – que denota, em nossa opinião, seu caráter negativo e evanescente. A negatividade é representada como o segundo momento antitético de cada tríade – tanto do percurso completo do grafo, a grande tríade, como de suas partes resultantes, as pequenas tríades; assim, fica implícita a negatividade no *centro* de cada tríade: no centro há *nada*.

Terceiro, oferece uma série de *críticas* ao que, consideramos, serem as distintas posições que o analista pode assumir na direção da cura em relação à transferência/contratransferência (*iI*); o supereu (*sS*) e a neutralidade (*rR*). No grafo, aparecem nas linhas reflexivas, que se voltam sobre si mesmas.

---

46 Cf. Descombes, V. (1998). *Lo mismo y lo otro. Cuarenta y cinco años de filosofía francesa (1933-1978)*. Madrid: Cátedra.

47 Lacan ainda é reticente ao falar do inconsciente nesta conferência de 1953: só há uma menção em toda a conversa, e é para se questionar sobre isso! As descontinuidades da consciência, do *modo imaginário*, serão chamadas por Lacan desta primeira clínica como imaginar o símbolo. É, na aula de 9 de março de 1955, de seu seminário, onde esclarece o que é o inconsciente no grafo de uma análise: "imaginar o símbolo, por o discurso simbólico sob forma figurativa". Cf. Lacan, J. (1983). *El Seminario de Jacques Lacan. Libro 2. El yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós. p. 232.

Na seguinte tabela,<sup>48</sup> apresentamos as relações acima mencionadas:

ANÁLISE dialética	MOMENTOS da experiência freudiana	PROPOSTA intersubjetiva	FORMALIZAÇÃO do grafo			LOCALIZA ÇÃO numerada
			<i>T</i>	<i>A</i>	<i>S</i> <sup>49</sup>	
Contradição	<i>Tese</i>	Mesmo	rS	rI	iI	1-2-3
	<i>Antítese</i>	Outro	iR	iS	sS	4-5-6
	<i>Síntese</i>	Real concreto	sI	sR	rR	7-8-9
Negatividade	Narcisismo	Imagem do outro	rI			2
	Inconsciente	Discurso do outro	iS			5
	Desejo	Desejo do outro	sR			8
Crítica	Transferência e contratransferência	Compreender o jogo	iI			3
	Supereu	Não incorporá-lo, mas simbolizá-lo	sS			6
	Neutralidade	Todo real é racional e vice- versa	rR			9

<sup>48</sup> Esta tabela é nossa conjectura baseada na leitura da conferência de Lacan e seus antecedentes. Em um trabalho futuro, nos empenharemos em esclarecer os elementos das células. Enquanto isso, quem nos lê pode brincar tentando localizar cada um dos elementos no percurso do grafo.

<sup>49</sup> Como o leitor atento poderá notar no nosso desenvolvimento, T-A-S são as iniciais de Tese, Antítese e síntese, que se repete nas pequenas tríades, como o antecipamos no desenvolvimento desta seção.

---

No cruzamento das antíteses, que aparecem sombreadas, da grande tríade na horizontal e as pequenas tríades na vertical, encontra-se a imaginação do símbolo (iS).<sup>50</sup> Deste modo, podemos afirmar que, no centro da experiência freudiana, encontra-se a maior negatividade possível de todo o caminho de uma análise: o inconsciente.

Esta tabela não pretende substituir a leitura da conferência de Lacan; pelo contrário, só quer localizar os momentos dos quais fala e acompanhar o leitor no decifração desta formalização.

Sua finalidade é nos aproximarmos, o máximo possível, da lógica dos momentos dialéticos do percurso de uma análise. Neste sentido, se com ela conseguimos intrigar os leitores, pela condensação de conteúdos que apresenta o grafo, nos damos por satisfeitos.

## Conclusões

Para as conclusões, queremos fazer nossas palavras as de Vincent Descombes:

Um pensamento não dialético se ateria à oposição entre o racional e o irracional, mas um pensamento que se pretende dialético deve, por definição, iniciar um movimento da razão em direção ao que é fundamentalmente alheio, em direção ao *outro*: todo problema reside em saber se é o *outro* o que terá sido reduzido ao *mesmo*, ou se, para abarcar simultaneamente o racional e o irracional, o *mesmo* e o *outro*, a razão terá que se metamorfosear, perder sua identidade inicial, *deixar de ser a mesma e se converter em outra com o outro*.<sup>51</sup>

A psicanálise é um projeto ilustrado. Serve-se da dialética, justamente, para dirigir-se ao outro, ao inconsciente, para que a consciência deixe de ser ela mesma, para ser outra com o outro. A experiência do inconsciente, nesse sentido, é uma experiência da mais

---

50 Cf. Lacan, J. (1984). La cosa freudiana o sentido del retorno a Freud en psicoanálisis. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. Curiosamente, Lacan escolheu este artigo para ser o centro de seus *Escritos*; a este respeito, nos apoiamos nas palavras de Ángel De Frutos Salvador: “o livro, distribuído em sete partes, consta de trinta e três entradas. O lugar central é ocupado por ‘La chose freudienne’ que configura o número dezessete” (Tradução nossa), Cf. De Frutos Salvador, Á. (1994). *Los Escritos de Jacques Lacan. Variantes textuales*. Madrid: Siglo Veintiuno de España editores. p. 345.

51 Descombes, V. (1998). *Lo mismo y lo otro. Cuarenta y cinco años de filosofía francesa (1933-1978)*. Madrid: Cátedra. p. 31, 32. (Tradução nossa).



profunda alteridade e negatividade, uma experiência dialética transformadora, capaz de nos tornar outros em relação a nós mesmos. No entanto, para isso, é preciso romper com os preconceitos de saber que, em vez de colocar no centro essa negatividade transformadora, colocam um centro "real", o psiquismo, com conteúdos que nada mais são do que as demandas de uma dada sociedade.

A dialética ensina a Lacan que o real concreto nada mais é do que uma síntese de momentos contraditórios, que a negatividade está no centro da experiência da análise, e que é necessário fazer uma crítica dos conceitos que os psicanalistas consideram mais seguros. Em suas palavras: continuar com o debate das luzes.

---

**BIBLIOGRAFIA**

1. Bachelard, G. (1993). *La formación del espíritu científico*. México: Siglo Veintiuno editores.
2. Badiou, A. (2017). *Filosofía y la idea del comunismo. Conversación con Peter Engelmann*. Madrid: Trotta.
3. De Frutos Salvador, Á. (1994). *Los Escritos de Jacques Lacan. Variantes textuales*. Madrid: siglo veintiuno de españa editores.
4. Descombes, V. (1998). *Lo mismo y lo otro. Cuarenta y cinco años de filosofía francesa (1933-1978)*. Madrid: Cátedra.
5. Eidelsztein, A. (2010). *Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva.
6. Hegel, F. (2010). *Fenomenología del espíritu* (Edición bilingüe de Antonio Gómez Ramos). Madrid: ABADA/UAM.
7. Kojève, A. (2013). *Introducción a la lectura de Hegel*. Madrid: Trotta.
8. Lacan, J. (1983). *El Seminario de Jacques Lacan. Libro 2. El yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
9. Lacan, J. (1984). Acerca de la causalidad psíquica, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores.
10. Lacan, J. (1984). Contratapa, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores.
11. Lacan, J. (1984). De nuestros antecedentes, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores.
12. Lacan, J. (1984). De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 2). México: Siglo Veintiuno editores.
13. Lacan, J. (1984). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores.
14. Lacan, J. (1984). La agresividad en psicoanálisis, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores.
15. Lacan, J. (1984). Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores.
16. Lacan, J. (1984). Variantes de la cura tipo, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores.
17. Lacan, J. (1989). *El seminario 22. R.S.I. 1974-1975* (R. Rodríguez Ponte, Trad.). Buenos Aires: FBA.

18. Lacan, J. (2007). *Apertura de la sección clínica*. México: Me cayó el veinte.
19. Lacan, J. (2007). Lugar, origen y fin de mi enseñanza, en *Mi enseñanza*. Buenos Aires: Paidós.
20. Lacan, J. (2009). *Lo simbólico, lo imaginario y lo real. Conferência pronunciada no Anfiteatro do Hospital Psiquiátrico de Sainte-Anne, Paris, em 8 de Julho de 1953, por ocasião da primeira reunião científica da recentemente fundada Société Française de Psychanalyse, e posterior discussão* (R. Rodriguez Ponte, Trad.). Buenos Aires: EFBA.
21. Laplanche, J y Pontalis, J.-B. (1993). *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona: Paidós.
22. Miller, J.-A. (2000). Los seis paradigmas del goce, en *El lenguaje, aparato del goce*. Buenos Aires: Colección Diva.
23. Politzer, G. (1969). *Crítica de los fundamentos de la psicología*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca.
24. Porge, E. (1989). *Se compter trois: le temps logique de Lacan*. Toulouse: editions érès.

### **JAIME IVÁN HERNÁNDEZ ESPAÑA**

Psicanalista

Diretor da sede APOLa Xalapa

Licenciado em Psicologia pela Universidad Veracruzana, México

Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Estudios Superiores Guizar y Valencia, México

Atua como psicanalista na Ciudad de Xalapa, Veracruz, México, e online.

Contato: jaimeivanhee@gmail.com



## **O estatuto do inconsciente: entre a fragilidade ôntica e a fortaleza ética.**

**The statute of the unconscious: between ontic fragility and ethical strength.**

MARTÍN MEZZA

### **RESUMO:**

Muitos dos problemas históricos e atuais da psicanálise e do psicanalista – que vão desde o permanente desvio da originalidade da experiência psicanalítica até a reiterada dificuldade dos psicanalistas para dirigir a sua práxis em conformidade com a novidade da sua descoberta – podem ser apreendidos mediante a tensão entre a fragilidade ôntica e a fortaleza ética. Essa foi a formulação que Lacan deu ao problema entre os anos de 1963 e 1965 e que este trabalho pretende tanto resgatar, identificar seus elementos e desenvolver quanto indicar as vias de resolução exploradas.

**PALAVRAS-CHAVE:** inconsciente; psicanálise; ontologia; descoberta psicanalítica; ética.

### **ABSTRACT:**

Many of the historical and current problems of psychoanalysis and the psychoanalyst, ranging from the permanent deviation from the originality of the psychoanalytic experience to the repeated difficulty of psychoanalysts to direct their praxis in accordance with the novelty of their discovery, can be apprehended through the tension between the ontic fragility and the ethical strength. This was the formulation that Lacan gave him to the problem between the years of 1963 and 1965 and that this work intends both to rescue, to identify its elements and to develop and to indicate the ways of resolution explored.

**KEY WORDS:** unconscious; psychoanalysis; ontology; psychoanalytic discovery; ethic.

### **A assombração da psicanálise e o psicanalista assombrado**

Muitos dos problemas históricos e atuais da psicanálise e do psicanalista podem ser comprimidos entre o permanente pavor ao desvio da originalidade da experiência psicanalítica e a reiterada dificuldade dos psicanalistas para dirigir a sua práxis em conformidade com a novidade da sua descoberta. Sob esta realidade, as diferentes instituições psicanalíticas, através do prestígio das suas reconhecidas âncoras – eram chamadas de suficiências por Lacan – jogam o jogo do narcisismo das pequenas diferenças. Esse jogo, que leva à degradação do discurso psicanalítico, se dá mediante a articulação

do barulho das *maître-mots*<sup>1</sup> e o silêncio dos *petit souliers*,<sup>2</sup> os analistas em formação permanente e com menos cartaz, que pouco a pouco vão trocando sua ignorância e curiosidade pelo domínio das *maître-mots*<sup>3</sup>

O que está na base desta particular dinâmica de nossa comunidade sempre fica oculto: nossa descoberta nasceu e permanece, de forma estranha, ameaçada de extinção. Freud reconhecia esta ameaça desde três fontes equivalentes ao avassalamento do eu: a resistência vinda de fora da psicanálise, especialmente da comunidade da cientificidade médica;<sup>4</sup> a originada no seu interior, ou seja, aquela dos próprios analistas – basta lembrar a figura de Jung ou as correntes anticientíficas vinculadas com as doutrinas da telepatia – ;<sup>5</sup> e finalmente, aquelas vinculadas com as características intrínsecas à descoberta psicanalítica. Nas palavras de Freud isto quer dizer que o inconsciente é de difícil captação mediante a transmissão das ideias, exigindo que a sua comunicação ocorra mediante a experimentação.<sup>6</sup>

Pode-se fazer uma rápida atualização deste estado de coisas. Dessa forma, as neurociências de hoje representam a ameaça externa; as concepções psicologizantes dos não-analistas a ameaça interna; e as renovadas dificuldades de seus praticantes para captar a originalidade da psicanálise, funcionam como prova da impossibilidade da comunicação do inconsciente prescindindo da experiência da análise.

Para esse fantasma de desaparecimento, o *ghostbusters* desenhado foi a instituição psicanalítica (IPA). Aquela que se caracterizou pela manutenção formal e autoritária dos conceitos à custa de esquecer a verdade que estes articulam.<sup>7</sup> O tripé – formação permanente, supervisão e análise pessoal – sobre o qual se assenta a instituição psicanalítica, tem por finalidade a proteção e manutenção da originalidade de nossa descoberta. A formação permanente, que não sai dos estreitos limites das mesmas obras

---

1 Palavras mestres.

2 Sapatinhos apertados ou constrangidos.

3 Mezza, M. (2018). A divisão de classe psicanalítica (suficiências e *petits souliers*) e a Lei suprema.

<https://www.youtube.com/watch?v=IN2jRnka36M>

4 Freud, S. (1995). Las resistencias contra el psicoanálisis. Em *El yo y el ello y otras obras* (1925), tomo XIX, Buenos Aires: Amorrortu editores.

5 Freud, S. (1995). Psicoanálisis y telepatía (1941 [1921]). Em *Más allá del principio del placer, psicología de las masas y análisis del yo y otras obras*, tomo XVIII, Buenos Aires: Amorrortu editores.

6 Freud, S. (1995). ¿Pueden los legos ejercer el análisis? Diálogos con un juez imparcial (1926). Em *Presentación autobiográfica, Inhibición, síntoma y angustia, ¿Pueden los legos ejercer el análisis? Y otras obras*, tomo XX, Buenos Aires: Amorrortu editores.

7 Lacan, J. (1988). Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. p. 468.

ou até dos textos e frases de sempre – de Freud, Lacan e dos comentadores consagrados –, permite o isolamento próprio da política da avestruz em relação às críticas dos outros campos. Mas também, serve para evitar correntes alheias que assim como a telepatia da época de Freud venham a contaminar o discurso e dispersar a tropa. A análise pessoal é a que permite assegurar que tudo o que não se entende na comunicação das ideias, e é muito, será resolvido na experiência da análise. E finalmente, enquanto isso vai se demorando, o candidato a psicanalista tem a possibilidade de encurtar essa distância mediante a assistência da voz da experiência no dispositivo da supervisão.

Lacan, que não deixava de reconhecer as ameaças que pairavam sobre a precariedade de nossa descoberta e que tampouco deixou de jogar o jogo das pequenas diferenças, abordou o problema desde uma perspectiva completamente diferente. Para ele, a ameaça não estava no exterior (ciência), nem no interior (o analista em formação), senão na articulação entre a fragilidade do estatuto do inconsciente e na fortaleza da ética do analista. A resistência é do analista. O analista está integrado à ideia do inconsciente.<sup>8</sup>

O que quer dizer isto? Evidentemente tem diferentes desdobramentos. Escolhemos um deles: que os preconceitos dos analistas, incluindo os de Freud, formam parte do conceito do inconsciente. Muito cedo, antes de ser um psicanalista reconhecido, Lacan tinha advertido isto ao dizer que as "melhores mentes da psicanálise" se desviariam se seguissem "os preconceitos" presentes em Freud – nesse caso específico se referia ao preconceito paralelista.<sup>9</sup> Dessa maneira, Freud e os pós-freudianos – poderíamos acrescentar os lacanianos e os pós-lacanianos já que o projeto de Lacan fracassou –<sup>10</sup> formam parte do real problema que anima a fantasia de extinção da psicanálise. Resumidamente, pode-se dizer que a ética freudiana é constitutiva da fragilidade da descoberta psicanalítica – argumentaremos melhor adiante.

Lacan utilizou dois mitos para indicar esta problemática. Em 1953 qualificou a descoberta psicanalítica como prometeica.<sup>11</sup> Assim, quis indicar que Freud, antes de apreender a "antevisão"<sup>12</sup> do inconsciente, do fogo divino, de se apoderar da ferramenta

---

8 Caruso, P. (1969). Conversaciones con Lévi-Strauss, Foucault y Lacan.

<https://psicoanalisislaciano.com/entrevista-a-lacan-por-caruso-1969/>

9 Lacan, J. (1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. Em *Escritos*. Zahar, pp. 179-180.

10 Eidelsztein, A. El fracaso de Lacan. Conferencia dictada en Apertura, Sociedad Psicoanalítica de Buenos Aires, el 16 de octubre de 2008. [https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2015/09/REY2\\_10-fracaso.pdf](https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2015/09/REY2_10-fracaso.pdf)

11 Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em *Escritos*. Zahar, p. 243.

12 O termo *promēthēus* vem de uma junção no grego antigo onde *pro* significa "antes" e *manthano* significa "aprender", resultando em "antevisão".

utilizada para fazer fogo (*pramantha*), assustou-se e se desviou da sua própria descoberta. Os analistas da sua escola, comparados com a águia que todo dia volta para comer o fígado de um Prometeu acorrentado - Freud, a descoberta psicanalítica -, repetem o gesto do desvio.<sup>13</sup>

E já em 1964,<sup>14</sup> recorre ao mito de Eurídice<sup>15</sup> para assinalar que o analista, assim como Orfeu, ao olhar para trás – retorno a Freud – participa da segunda e repetida perda de Eurídice. Assim como Eurídice, a descoberta psicanalítica se perde tanto pela “própria índole” quanto pelo olhar – para trás – do analista Orfeu. O “analista é testemunho dessa perda”, uma perda que está comprimida entre a antevisão prometéica e a retrovisão orfiana.<sup>16</sup>

É perante este problema que podemos desenhar a curva traçada pelo desvio pós-lacaniano de inspiração milleriana. A vergonhosa (*hontologie*)<sup>17</sup> saída do problema aportada por esta corrente psicanalítica significou uma nova articulação da ontologia do inconsciente e da ética do analista. Por um lado, temos o aprofundamento da *hontologie* mediante a naturalização do conceito de gozo, que leva a um ser de gozo capaz de integrar o paradigma freudiano do isso pulsional.<sup>18</sup> Por outro lado, o reforço do *éthos* do analista mediante a institucionalização do passe, levando o analista a se transformar em uma testemunha hiperqualificada do inconsciente.

Esta forma de teorizar a descoberta psicanalítica é caracterizada por Lacan como a real resistência à psicanálise. Diferentemente de Freud, que pensava que a resistência estava na acentuação da sexualidade infantil, na vida pulsional que ameaça a razão – oposição atual entre gozo e simbólico –, Lacan entendia, e assim reconceitualizava a descoberta psicanalítica, que o real motivo de resistência é que existe uma razão sem um comandante,

---

13 Mezza, M. (2021). El retorno a Freud. Una palabra de orden en un lenguaje neurótico. Em Morales Montiel. *El estilo de Jaques Lacan*. Buenos Aires: Editora Arrebol.

14 Lacan, J. (1988). *Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar Editora, p. 133.

15 Eurídice morreu após ser mordida por cobra e foi levada ao mundo inferior. Orfeu, seu marido, desce e convence Hades para que ela voltasse ao mundo dos vivos. O deus deixa, mas com a condição de que Orfeu não olhasse para trás até que ele chegasse à sua casa, mas Orfeu desobedece, vê sua esposa e ela volta ao Hades. Eurídice é perdida pela segunda vez.

16 Mezza, M. (2020). Retorno a Freud. Entre el descubrimiento prometeico y la pérdida de Eurídice. APOLa Morelia. <https://www.youtube.com/watch?v=gE5J8reIL0c>

17 Neologismo criado por Lacan surgido do jogo de palavras: *honte* (vergonha) e *ontologie* (ontologia), *hontologie* (vergonologia) para marcar a impostura teórica dessa corrente mais próxima das vielas sem saída do existencialismo.

18 Miller, J-A. (1998). *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós.



que isso fala, que isso pensa em outro lugar –inconsciente–, aonde o sujeito não se conta nisso.<sup>19</sup>

E por acaso não é isso que se resiste ainda hoje, no ápice do individualismo e biologicismo, inclusive no seio da comunidade analítica sob os paradigmas da responsabilidade subjetiva e da naturalização do gozo? A resistência é do analista, o analista participa da noção de inconsciente.

### **Fragilidade ôntica do inconsciente**

Em 1964 este problema da perda do descobrimento ou originalidade da nossa experiência e da sua vinculação com a ação do analista, que colocamos na base da dinâmica histórica e atual de nossa comunidade, é reorganizado mediante a tensão entre a fortaleza ética e a fragilidade ôntica. A perda do campo aberto por Freud, esse sulco no real, passa a ser trabalhada mediante a participação da ética de Freud no caráter evanescente do inconsciente.

Quero marcar agora, por mais espantoso que a fórmula lhes possa parecer, que seu estatuto de ser tão evasivo, tão inconsistente, é dado ao inconsciente **pelo encaminhamento de seu descobridor.**

O estatuto do inconsciente, que eu lhes **indico tão frágil no plano ôntico, é ético. Freud, em sua sede de verdade diz** – o que quer que seja, é preciso chegar lá – porque, em alguma parte, esse inconsciente se mostra. E isto ele diz dentro da sua experiência daquilo que era para o médico, até então, a realidade mais recusada, mais coberta, mais contida, mais rejeitada, a da histórica, no que ela é – de algum modo, de origem – marcada pelo signo do engano.<sup>20</sup>

É verdade, pode parecer espantoso para a sensibilidade do analista freudolacaniano. Mas, de forma inequívoca, se diz que o estatuto “tão evasivo”, “tão inconsistente” do descobrimento psicanalítico –o inconsciente– foi dado “pelo encaminhamento de seu descobridor”, ou seja, pelo proceder de Freud. Se o estatuto do inconsciente é tão frágil no plano ôntico e passa a ser ético é pelo encaminhamento que lhe deu seu descobridor.

---

19 Lacan, J. (1957). Madeleine Chapsal, Entrevista con Lacan. *Periódico L'express*, 31/05/1957. n 310 pp. 20-21.

20 Lacan, J. (1988). *Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar Editora, pp. 36-37.

---

Pela sua sede de verdade que não hesita em saciar-se da realidade mais coberta, mais enganosa, mas rejeitada pela medicina – mediante a redução ao organismo biológico – e pela certeza cartesiana que se desentende da verdade como causa.

Em algum lugar está! Em alguma parte o inconsciente se mostra, diz Freud e avança sem duvidar. Acaso não é esse o núcleo de nossos problemas cotidianos na clínica? Não avançamos partindo da certeza de que em algum lugar está, mas após algumas sessões o achamos na parte do analisante que resiste ou o desmente? Ou ainda pior, acaso não acontece que afirmamos com todas nossas forças que está, mas não o achamos em lugar nenhum? E não é nesse ponto que glorificamos a genialidade de Freud e invocamos a supervisão de nossos mestres?

Já retomaremos isso. No entanto, antes disso, consideremos melhor o primeiro termo do problema sob a descrição feita por Lacan como realidade enganosa, fragilidade ôptica e caráter evanescente do inconsciente. A histeria, tomada aqui como paradigma de nosso campo, está marcada com o signo do engano. Trata-se de um estado de possessão ou de mentira e engano? Esse sintoma conversivo é real ou uma farsa?

... nós sabemos, graças a Freud, que o sujeito do inconsciente se manifesta, que isso pensa antes de entrar na certeza.

Temos isso no colo. É mesmo este o nosso embaraço [...] é um campo a que não nos podemos recusar, quanto à questão que coloca.<sup>21</sup>

Não podemos seguir o gesto de Descartes e manter a certeza deixando a verdade nas mãos de um Deus que garanta a exclusão completa do engano. Estamos no campo freudiano, aquele onde a verdade e o engano não se excluem completamente, onde o sujeito se manifesta antes de entrar na certeza e onde, ainda, reina a sede freudiana.

Temos acesso à “objetividade” do inconsciente mediante a estrutura “combinatória da linguagem”, mas não podemos interrogá-lo como o faz a linguística, por exemplo. O sujeito da psicanálise se manifesta, pensa, antes de entrar na certeza da combinatória. Não podemos partir do princípio de igualdade ou de identidade tão caro para a ciência e que, no campo das ciências da comunicação, se reformula como a impossibilidade de que o Outro minta – engane.

---

21 *Ibidem.* p. 40.

---

Estas ciências partem da premissa, digamos assim, que a mensagem que se formula é idêntica a si mesma, que não há mentira; que o locutor articula a mensagem que o interlocutor decodifica. A psicanálise parte da infração do princípio de identidade ( $a \neq a$ ) e da premissa que não há garantia de que o Outro diga a verdade. Inclusive, pode-se dizer a verdade na mentira e vice-versa, além da absoluta susceptibilidade ao engano como no caso da neurose. Em nosso campo, a verdade do desejo está marcada pelo signo do engano e não podemos colocar a sua garantia por fora da relação entre sujeito e Outro.

Isto significa que à diferença de outras ciências, não podemos isolar o sujeito nem fazer qualquer deslocamento para torná-lo objeto. A ciência psicanalítica somente pode esclarecer seu objeto enquanto *subjetum*, ou seja, entendendo que o sujeito sempre está implicado em seu discurso.<sup>22</sup> É outra forma de dizer que estamos embaraçados do engano da histeria, que não podemos expulsar a verdade ao mundo de Deus ou numa metalinguagem; que no caminho da formalização não podemos reduzir o sujeito a uma objetividade de combinatórias. Entre sujeito e Outro há imiçção. O Outro é um Deus maligno, joga os dados e pode tanto enganar quanto ser enganado; o Outro está barrado, a palavra verdadeira se afirma sobre uma mentira.

Formular o inconsciente estruturado como uma linguagem e caracterizá-lo como pré-subjetivo e combinatório é um passo para acessá-lo de forma mais objetiva<sup>23</sup> e rigorosa. Mas, dessa forma, não conseguimos estabelecer por completo o estatuto do inconsciente, já que este não se reduz a uma lei determinista de combinações. Existe aquela dimensão que Lacan apreendeu na estrutura temporal pulsátil de abertura e fechamento. Estrutura causal do inconsciente formulada mediante uma hiância que se capta através dos tropeços, da perda, da descontinuidade, ruptura ou fenda.

... é mesmo de **uma função ontológica que se trata nessa hiância**, pela que acreditei dever introduzir, como lhe sendo essencial, a função do inconsciente.<sup>24</sup>

---

22 Lacan, J. (2006). *Seminário. Livro 12. Problemas cruciales para el psicoanálisis*. Tradução Rodriguez Ponte. Inédito. Lição 2/12/1964, pp.14- 15. (Tradução nossa).

23 Lacan, J. (1988). *Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar Editora, p. 26.

24 *Ibidem*, p. 33.

**O que é ôntico, na função do inconsciente, é a fenda** por onde esse algo, cuja aventura em nosso campo parece tão curta, é por um instante trazida à luz – por um instante, pois o segundo tempo, que é de fechamento, dá a essa apreensão um caráter evanescente.<sup>25</sup>

Aqui temos esse caráter evanescente, esse algo tão débil ontologicamente que sai à luz apenas um instante para logo se fechar novamente. Esse algo que não alcança o estatuto ontológico de ser, mas tampouco de não ser; que se resolve nessa fragilidade do não-realizado, da falta-em-ser. Esta manifestação ontologicamente débil, não-realizada, se articula a um inconsciente pulsátil, a uma função ôntica entendida como uma fenda, um corte, por onde o não-realizado pode advir à *ex-sistência*.

Então, isto supõe um inconsciente articulado a uma dimensão simbólica que em nada se parece com a descrição pós-lacanianiana do registro simbólico, já que não é representacional. Aqui, o inconsciente se articula a uma concepção do simbólico como corte, como hiância, onde se teoriza a função estruturante da falta, do buraco.

### **Fortaleza ética**

Até aqui cernimos a própria índole – fragilidade ôntica - pela qual se perde a descoberta psicanalítica. No entanto, não podemos esquecer que também essa perda, essa fragilidade, está vinculada à presença do analista. O “analista é testemunha desta perda” e o proceder de Freud, sua sede de verdade, faz com que o inconsciente seja evanescente, que o inconsciente adquira um caráter inconsciente para os analistas.

Não é de modo impressionista que quero dizer que aqui seu encaminhamento é ético – não penso numa famosa coragem do cientista que não recua diante de nada, imagem a ser temperada, como todas as outras. Se formulo que **o estatuto do inconsciente é ético, e não ôntico, é precisamente porque o próprio Freud não adianta isto quando dá seu estatuto ao inconsciente.**<sup>26</sup>

---

25 *Ibidem*, p. 35.

26 *Ibidem*, p. 37.

---

Ainda hoje nos vemos obrigados a seguir temperando a imagem da genialidade, do talento clínico, do pai da psicanálise. Aqui a palavra ética não está colocada para denotar as virtudes de Freud. Ao contrário, seu significado surge da relação de oposição com a fragilidade ôntica. Parte do problema que nossa descoberta se perca constantemente, que habilite o desvio como norma, se deve a esta tensão entre a fragilidade ôntica e a fortaleza ética, ao encaminhamento dado por Freud e seguido pelos analistas da sua escola.

Que significa, que consequências podemos esperar do fato que Freud tenha formulado o estatuto do inconsciente ligado à sua sede de verdade? Que quer dizer que seu procedimento fez do inconsciente algo ainda mais inconsciente? Em algum lugar do seminário onze Lacan disse que aí onde Descartes duvidava, Freud afirma a sua certeza. Freud tem certeza de que na dúvida da narração do sonho se achava um pensamento inconsciente; certeza de que se o analisante resistia a uma interpretação ou demorava em uma associação, devia-se à proximidade de um conteúdo inconsciente; certeza de que sua sagaz interpretação o auxiliaria para descortinar o desejo edípico presente nas múltiplas formações de compromisso.

Embora Lacan não deixe de reconhecer que mediante esta certeza e com essa sede de verdade Freud avançou até constituir o campo psicanalítico, não hesita em dizer que é este mesmo procedimento que contribui à dificuldade da manutenção da descoberta. Para uma disciplina com vocação científica é um enorme problema que a sua descoberta, se não seu campo todo, fique colada à ética, às disposições pessoais, à sede de verdade, ao gênio interpretativo e à certeza do seu descobridor, assim como à exigência do desejo decidido e purificado dos seus novos praticantes. Isto é o que faz que o inconsciente seja mais inconsciente, que esteja exclusivamente vinculado à experiência intransferível da paixão do pai da psicanálise ou da análise pessoal dos seus praticantes.<sup>27</sup>

Esta problemática, com consequências severas para o desenvolvimento de uma disciplina que tem que disputar seu capital simbólico no campo científico, intelectual e terapêutico, reaparece constantemente mediante as dificuldades – abafadas – da transmissão. Há um tempo tive a oportunidade de presenciar uma cena que de forma escancarada manifestou o que silenciosamente guia as trocas entre mestres e alunos nas instituições psicanalíticas. Uma curiosa estudante de psicanálise teve a coragem, dos

---

27 O dispositivo do passe criado por Lacan e instituído pela sua escola tinha como objetivo tratar cientificamente, fazer transmissível, o que acontecia numa análise. Algo bastante distante de aquilo no que se transformou esse dispositivo após sua morte.

---

sábios ou dos tolos, de interrogar a certeza freudiana. Disse: “não entendo como ele [Freud] chega a essa interpretação”. Após algumas tentativas de explicação, bastante frágeis por certo, que não conseguiam satisfazer às expectativas de quem as dirigia e tampouco a quem eram endereçadas, a resposta em questão não se fez esperar muito: “você se analisa? (...), então já vai entender”.

Esta é a ideia que reina entre nós desde a época de Freud. Assim como ele, nossa comunidade pensa que o inconsciente somente pode ser apreendido na experiência, que não alcança a ser comunicado no plano das ideias. No seu lugar, se insiste pela via ética de fazer a experiência psicanalítica para poder apreendê-lo. Esse mesmo procedimento, encaminhamento freudiano, faz com que se reforce a fragilidade ôntica do inconsciente, dando sentido à expressão “o analista é testemunha dessa perda”. Também pode significar que no avesso da fortaleza ética do analista membro da escola se encontra a fragilidade ôntica do inconsciente.

Tal é o primeiro problema levantado pela comunicação em psicanálise. O primeiro obstáculo a seu valor científico é que a relação com a verdade como causa, sob seus aspectos materiais, ficou negligenciada no círculo de seu trabalho.<sup>28</sup>

É por isso, por nossa comunidade ter negligenciado os aspectos materiais da verdade como causa, que a curiosidade da nossa candidata não encontrou uma comunicação articulada e achou na suficiência do analista da escola a invocação da lei do silêncio, tendo que se conformar com o destino dos *petit souliers*. Tudo aquilo que não pode passar pela comunicação entre analistas, que não é pouco, se resolve na experiência do inconsciente. No entanto, Lacan segue outra via e por isso dirá que não basta com que o analista reconheça empiricamente a estrutura da fenda do seu sujeito para dirigir a sua práxis.<sup>29</sup> Se olharmos de perto, no manejo que ele faz dos conceitos – transferência, identificação, demanda, etc. –, veremos que o analista não sabe o que faz.<sup>30</sup>

---

28 Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Em *Escritos*: Zahar, p. 891.

29 *Ibidem*, p. 891.

30 Lacan, J. (2006). *Seminário Livro 12. Problemas cruciales para el psicoanálisis*. Tradução Rodriguez Ponte. Inédito. Lição 6/01/1965, p. 4. (Tradução nossa).

---

O mesmo diagnóstico cabe para Freud. Não se trata de um desvio da senda freudiana, senão de uma continuidade do desvio do próprio Freud. O descobridor da psicanálise viu um “clarão na escuridão”, “abriu a porta”, mas “não soube distinguir nem identificar maçanetas de dobradiças”.<sup>31</sup>

Não basta saber fazer algo, torner uma vasilha(vaso) ou esculpir um objeto, para saber sobre que se trabalha. Uma dada natureza pode ser sinalizada sem ser pensada?<sup>32</sup>

A comunidade analítica não teorizou seu descobrimento de uma forma compatível com a transmissão e comunicação própria do campo científico. Negligenciou os aspectos materiais e em seu lugar organizou uma teoria em torno de preceitos e normas que orientam a sua prática clínica. Um procedimento mais próximo de uma prática manual, de um ofício, que Lacan chega a comparar ironicamente com a “massoterapia”, com “exercícios respiratórios”, de “relax”, enfatizando o caráter corporal, interno e singular de uma experiência intransmissível e incomunicável. Desse modo, parece seguir a linha de demarcação entre práticas científicas e não científicas de Thomas Kuhn,<sup>33</sup> que entende que a cientificidade de uma disciplina começa a se gestar quando faz a passagem dos preceitos práticos para a formulação de problemas teóricos ou quebra-cabeças.

A proposta de Lacan é justamente formular os quebra-cabeças adequados para que estes orientem a teorização, a formalização do sujeito da psicanálise. Enfim, contribuir com um trabalho que possa estabelecer a materialidade da verdade como causa. As articulações lógicas do seu discurso,<sup>34</sup> assim como o dispositivo do não-analista,<sup>35</sup> são justamente para que a descoberta psicanalítica seja comunicável além da experiência, por fora desse dispositivo capenga do tripé psicanalítico que se orienta exclusivamente nas vias da

---

31 *Ibidem*, p. 3. (Tradução nossa).

32 *Ibidem*, p. 4. (Tradução nossa).

33 Kuhn, T. (2017). As ciências naturais e as ciências humanas. Em *O caminho desde a estrutura*. São Paulo, Editora Unesp, pp. 265-274.

34 Mezza, M. (2018). O psicanalista se faz na análise. Têm alternativas Dr. Lacan?

[https://www.youtube.com/watch?v=O\\_PCr6zKuos](https://www.youtube.com/watch?v=O_PCr6zKuos)

35 Mezza, M. (2019). Formação, pesquisa e o não-analista no PIC de APOLa.

<https://www.youtube.com/watch?v=Bl2SZqSgDcw>

---

fortaleza ética das suficiências – o analista recrutado como “uma mostra particularmente selecionada do progresso da análise”.<sup>36</sup>

### **A proposta de Lacan: redução significante**

Para este problema circunscrito entre a fortaleza ética do analista e a fragilidade ôntica do inconsciente, descrito como a certeza de Freud sobre o inconsciente à que se deve chegar a partir do fortalecimento da ética do analista mediante o dispositivo do tripé, Lacan propõe operar uma redução similar à do nascimento de toda ciência moderna.<sup>37</sup> Esta redução se faz sobre aquela já feita pela linguística moderna mediante o algoritmo do signo linguístico (Significado/significante). Redução de uma redução, que mediante a eliminação das flechas, do círculo e a mudança da hierarquia ontológica entre significante e significado, escreve a tópica do inconsciente (Significante/significado) e a função significante como a articulação horizontal (metonímia) e vertical (metáfora) da cadeia significante.<sup>38</sup>

À diferença de Freud, dos pós-freudianos e dos pós-lacanianos, que mediante um sesgo empiricista indagam o real e o sujeito de nosso campo mediante a experiência da análise, Lacan propõe fazê-lo mediante a função significante. É com a função significante que vai se tentar estabelecer a estrutura temporal e espacial da descoberta psicanalítica.

Dessa maneira, as elaborações produzidas no seminário onze podem ser entendidas como a tentativa de utilizar a função significante para apreender a estrutura temporal do inconsciente, mediante uma redução dos termos freudianos (inconsciente, repetição, transferência e pulsão). Já aquelas elaborações ligadas ao seminário doze, correspondem à determinação espacial do inconsciente. Aqui, a topologia é utilizada para apreender esse real. Passemos rapidamente a dar algumas provas destas afirmações.

A proposta do seminário onze não é estabelecer os quatro conceitos fundamentais como a tradução e a transmissão hegemônica do seminário o sugerem. Para Lacan, esses quatro termos (inconsciente, repetição, transferência e pulsão) não têm alcançado o estatuto de conceitos, têm se detido no nível de preceitos, de pré-conceitos. A partir de um trabalho

---

36 Lacan, J. (2006). *Seminário Livro 12. Problemas cruciales para el psicoanálisis*. Tradução Rodriguez Ponte. Inédito. Lição 16/12/1964, p. 3. (Tradução nossa).

37 Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Em *Escritos*: Zahar, p. 891.

38 Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Em *Escritos*: Zahar, p. 500.



---

que implica englobar esses termos na função significante se pretende explorar os fundamentos da psicanálise; esses que Freud e todos os analistas após Freud o fazem mediante o dispositivo analítico.

O que quer que ele seja, **tal modo de interrogar o campo da experiência**, no nosso próximo encontro, vai ser guiado pela referência seguinte – **que estatuto conceitual devemos dar a quatro dos termos introduzidos por Freud** como conceitos fundamentais, nominalmente o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão?<sup>39</sup>

[...] abordar os **fundamentos da psicanálise** supõe que lhe levemos, entre os **conceitos maiores que a fundam**, uma certa coerência.<sup>40</sup>

Fica claro. A experiência psicanalítica é interrogada sem a referência empírica, mediante a forma intelectual, teórica, que implica um esforço de pensamento para alcançar o estatuto conceitual. Os termos de Freud – inconsciente, repetição, transferência e pulsão – não são conceitos fundamentais do marco teórico de Lacan, nem sequer tem atingido o estatuto de conceitos. A pergunta justamente é que estatuto haveremos de dar-lhes.

... situei **estes conceitos em relação a uma função mais geral que os engloba**, e que permite **mostrar seu valor operatório neste campo**, isto é, a **função do significante** enquanto tal, subjacente, implícita – aí está o que nos fará, em nosso próximo encontro, dar o passo seguinte.<sup>41</sup>

Existe um passo seguinte e não é de retorno, senão de avanço. Trata-se de ver como esses quatro termos freudianos se situam no modelo de Lacan. Neste modelo, esses termos são redefinidos ao ser englobados pela função – geral, subjacente e implícita – do significante. E é esta função significante a que aportará o valor operatório em nosso campo e não a experiência do analista.

---

39 Lacan, J. (1988). *Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar Editora, p.19.

40 *Ibidem*, p. 121.

41 *Ibidem*, p. 19.

---

... com o termo sujeito [...] designamos [...] o sujeito cartesiano, que aparece no momento em que a dúvida se reconhece como certeza – só que pela nossa abordagem, as bases desse sujeito se revelam mais largas, mas, ao mesmo tempo, bem mais severas quanto à certeza que ela rateia. É isto que é o inconsciente.<sup>42</sup>

... a relação do sujeito ao significante é a referência que quisemos colocar no primeiro plano de uma retificação geral da teoria analítica, pois ele é também primeiro e constituinte na função radical do inconsciente.<sup>43</sup>

O que está na base, no fundamento da experiência analítica e é “constituente” da “função radical do inconsciente”, não é outra coisa que a relação do sujeito com o significante. Com essa função significante, que está longe de ser um retorno à representação freudiana, se pretende fazer uma retificação geral da teoria psicanalítica – se é geral inclui a Freud – e também explorar “as bases” mais largas desse sujeito.

De que sujeito e de qual largura está falando? Do sujeito da ciência, do sujeito cartesiano que aparece no momento em que a dúvida se reconhece como certeza, ou seja, o “penso logo sou”. As bases do sujeito que explora a psicanálise sejam mais largas, quer dizer que temos que lidar com a verdade como causa. Implica avançar na dimensão real e material da verdade que atravessa o engano descartado por Descartes; e que a experiência do sofrimento neurótico apresenta de forma contundente no campo da cientificidade médica.

Mas também quer dizer, que há que retificar, de forma geral, a teoria psicanalítica. Que para alcançar essa maior largura há que ir mais além da certeza de Freud sobre a existência do inconsciente. Temos que ir além da sede de verdade que implica o cogito freudiano: tropeço logo tenho certeza de que existe o inconsciente. No lugar de fazer uma experiência analítica do tropeço para alcançar a certeza do inconsciente, de seguir a sede de verdade e as palavras mestre de Freud como modelo ideal da ética do analista, Lacan propõe interrogar essa experiência, de tamanha fragilidade ôntica, mediante a função significante.

Com esta estratégia, no seminário onze, produz uma operação de corte e montagem. Rompe com a relação entre transferência-repetição e inconsciente-pulsão, utilizadas para

---

42 *Ibidem*, p. 122.

43 *Ibidem*, p. 132.

---

apreender a experiência psicanalítica nos moldes freudianos; e passa a rearticulá-las sob outra lógica: inconsciente-repetição e transferência-pulsão. Este é o movimento inicial, necessário e imprescindível, que permite redefinir o inconsciente em torno da causa, da fenda, como função estruturante de uma falta ligada à estrutura temporal pulsátil de abertura e fechamento. Para dar conta desta estrutura são fundamentais os conceitos de corte e traço unário.

Já no seminário doze, Lacan segue indagando a experiência psicanalítica, mas sem ter os termos freudianos como referência primordial. Avança na exploração da função significante mediante uma dupla operação epistêmica que poderíamos resumir da seguinte forma: a) determinar o específico de nosso sujeito no contexto das similitudes e diferenças com outras ciências que trabalham com o significante, particularmente a linguística;<sup>44</sup> b) estabelecer a espacialidade da relação sujeito e significante mediante a estrutura topológica, que supõe a exclusão das posições falsas sobre o real.<sup>45</sup>

Então, como se pode ver, Lacan aborda essa fragilidade ôntica da descoberta psicanalítica, oferece a esse destino funesto de perda e desvio, a construção de uma estrutura temporal e espacial. A estrutura temporal já foi indicada acima. Para a estrutura espacial, apenas nos basta salientar que se trata da inclusão da topologia como manobra de redução para uma espacialidade bidimensional; e que para isso, primeiro se viu obrigado a trabalhar a exclusão das posições falsas do real.

Quais posições falsas? Muitas, mas nos interessa particularmente aquela que estamos trabalhando, ou seja, a experiência do psicanalista como fortaleza ética. Tal como as outras posições falsas sobre o real que não mencionaremos aqui, a experiência do analista se apreende na sua generalidade e se define como o ato de colocar a alma – psique – antes que do discurso. Poderíamos dizer: o analista antes que da psicanálise. Iluminemos duas dimensões trabalhadas de forma extensa por Lacan: a alma bela do psicanalista e a filosofia psicanalítica.

É precisamente aí que está o **drama da comunicação entre analistas** [...] os analistas não se comunicam entre eles [...] ou se comunicam, de fato, mas não

---

44 Lacan, J. (2006). *Seminário Livro 12. Problemas cruciales para el psicoanálisis*. Tradução Rodriguez Ponte. Inédito. Lição 9/12/1964, p. 4. (Tradução nossa).

45 *Ibidem*. Lição 2/12/1964, p. 18. (Tradução nossa).

---

de uma forma capaz de ser codificada **nos moldes atualmente aceitos pela comunicação científica** [...]. Nada prepara o psicanalista para discutir efetivamente sua experiência com seu vizinho. Essa é a dificuldade — eu não digo insuperável pois estou aqui para tentar traçar suas vias — essa é a dificuldade da instituição de uma ciência psicanalítica.<sup>46</sup>

Os analistas não comunicam a experiência do inconsciente entre eles, nem com os vizinhos, de modo aceito na comunidade científica. Mantém-se a ideia de Freud, que o inconsciente somente é apreendido se experimentado na pele. Somente após a experiência psicanalítica, teremos uma amostra selecionada com a suficiente fortaleza ética para lidar com o caráter evanescente do inconsciente. Essa é a dificuldade - resistência do analista - para a psicanálise se instaurar como ciência: a sua posição falsa sobre o real da experiência psicanalítica, enquanto considera que somente pode ser apreendido uma vez que se passa pela experiência da análise; que primeiro está a bela alma do psicanalista e depois o discurso psicanalítico. E sobre esta posição falsa é que se edifica a instituição psicanalítica e se organiza a divisão de classe que comanda a dinâmica das trocas entre nós. Por um lado, temos os obreiros qualificados, que embora publicamente assumam o semblante dessa fortaleza ética, em privado – conversas particulares, grupos de leituras, supervisões, análise, etc. – manifestam todas suas dúvidas, incertezas, dificuldades, inclusive, suas rejeições. Por outro, estão as belas almas da psicanálise, as suficiências, aquelas âncoras que têm desenvolvido tamanha fortaleza ética que se contentam com todo tipo de artifício para impor a lei do silêncio, especialmente pelo seu apego às *maî-tre-mots*.

De onde **a mitologia ontológica** sobre a qual, com suficientes motivos, vem a atacar o psicanalista quando lhe diz: esses termos aos que você se refere, e que, ao final de contas, vão apontar para esse lugar de concorrência confusa da tendência... — pois é a isso que a filosofia comum da psicanálise se reconduzirá finalmente, e de maneira errada, a pulsão — é portanto sobre isso que você trabalha. **Você entifica, você ontifica uma propriedade imanente em algo substancial:** seu homem, antropologia do analista... nós a conhecemos há

---

46 Lacan, J. Op. cit. p. 24. (Tradução nossa).

---

muito tempo a essa velha ουσία [*ousia*], essa alma, sempre aí, bem viva, intacta, inatacada.<sup>47</sup>

Bom, aqui vocês têm o que em outro lugar chamou de *bêtise*.<sup>48</sup> A posição falsa do real mantida pela experiência do psicanalista e pela doutrina da psicanálise pode ser nomear como uma frágil mitologia ontológica. A fortaleza ética do analista, a bela alma do analista como anterior ao discurso - me analiso logo compreendo o inconsciente -; a pulsão, o gozo, o real, como dado primeiro e prévio à articulação significativa, levam até uma entificação, substancialização, ontologização frágil daquilo que é uma propriedade imanente ao discurso.

Para concluir vale advertir sobre uma possível carência desta articulação que poderia levar o leitor a pensar que estamos desestimando a ética do analista na ex-sistência do inconsciente ou advogando por uma ontologização do inconsciente. Nada mais longe disso. O trabalho sobre a tensão entre fragilidade ôntica e fortaleza ética que seguimos nas elaborações de Lacan, não é para optar por uma e deixar cair a outra. Ao contrário, quisemos mostrar que sobre essa fragilidade ôntica, nossa comunidade, mediante a certeza freudiana reanimada pela fortificação da ética do analista baseada na experiência, encaminha a descoberta psicanalítica para uma ontologização, para uma *hontologie*.

Dessa maneira, acreditamos ter apresentado um bloco de pensamento bastante promissor em si mesmo, assim como potente para considerar a reorganização destes elementos no devir das ideias de Lacan. A partir destas elaborações, parece coerente entrever que a formalização do discurso psicanalítico (seminários XVI e XVII) vem ao lugar desta fragilidade ôntica, permitindo que a ética do analista deixe de se apoiar na presunção da fortaleza da alma bela que imita a certeza freudiana, para achar seu sustento nas exigências lógicas do discurso da psicanálise.<sup>49</sup>

---

47 *Ibidem*. Lição 06/01/1965. p. 5. (tradução nossa).

48 Lacan, J. (1972-1973). *Séminaire XX. Encore*. <http://staferla.free.fr/S20/S20.htm>

49 Lacan, J. (1969-1970). *Séminaire XVII. L'Envers*. <http://staferla.free.fr/S17/S17.htm>

**BIBLIOGRAFIA**

1. Caruso, P. (1969). Conversaciones con Lévi-Strauss, Foucault y Lacan. <https://psicoanalisislacaniano.com/entrevista-a-lacan-por-caruso-1969/>
2. Eidelsztein, A. El fracaso de Lacan. Conferencia dictada en Apertura, Sociedad Psicoanalítica de Buenos Aires, em 16 de outubro de 2008. [https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2015/09/REY2\\_10-fracaso.pdf](https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2015/09/REY2_10-fracaso.pdf)
3. Freud, S. (1995). Las resistencias contra el psicoanálisis. Em *El yo y el ello y otras obras* (1925), tomo XIX, Buenos Aires: Amorrortu editores.
4. Freud, S. (1995). Psicoanálisis y telepatía (1941 [1921]). Em *Más allá del principio del placer, psicología de las masas y análisis del yo y otras obras*, tomo XVIII, Buenos Aires: Amorrortu editores.
5. Freud, S. (1995). ¿Pueden los legos ejercer el análisis? Diálogos con un juez imparcial (1926). Em *Presentación auto biográfica, Inhibición, síntoma y angustia, ¿Pueden los legos ejercer el análisis? Y otras obras*, tomo XX, Buenos Aires: Amorrortu editores.
6. Kuhn, T. (2017). *O caminho desde a estrutura*. São Paulo, Editora Unesp.
7. Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em *Escritos: Zahar*.
8. Lacan, J. (1988). Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
9. Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Em *Escritos: Zahar*.
10. Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Em *Escritos: Zahar*.
11. Lacan, J. (1988). *Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar Editora
12. Lacan, J. (2006). *Seminário. Libro 12. Problemas cruciales para el psicoanálisis*. Tradução Rodriguez Ponte. Inédito.
13. Mezza, M. (2021). El retorno a Freud. Una palabra de orden en un lenguaje neurótico. Em Morales Montiel. *El estilo de Jaques Lacan*. Buenos Aires: Editora Arrebol.
14. Miller, J-A. (1998). *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós.

**MARTÍN MEZZA**

Psicólogo (UBA); Mestre em Saúde Mental Comunitária (UNL,a); Doutor em Saúde Coletiva (UFBA-ISC); Psicanalista membro de APOLa e Diretor da sede Salvador-BA; pesquisador (NISAM-ISC). [Martinmezza@hotmail.com](mailto:Martinmezza@hotmail.com)

## **Sobre a recomendação de Lacan para estudar a escrita poética chinesa e o mal-entendido: “há que se fazer poesia”.<sup>1</sup>**

**About Lacan's recommendation to study Chinese poetic writing and the misunderstanding: “you have to do poetry”.**

GABRIELA MASCHERONI

### **RESUMO:**

O objetivo deste trabalho de investigação é pensar criticamente a respeito da ideia instalada no âmbito psicanalítico de que o analista deve fazer poesia – tentando sair dos polos da aceitá-la ou rejeitá-la. Para tanto, analisaremos o alcance da recomendação que Lacan faz aos analistas, no *Seminário 24*, para estudar o livro de F. Cheng, *La escritura poética china*, “para saber o que é a interpretação analítica”.

**PALAVRAS-CHAVE:** poética - poesia - interpretação - escrita - estrutura.

### **ABSTRACT:**

The idea of this research advance is to think critically about the installed idea in psychoanalytic field that the analyst must make poetry - trying to give up of the bipolarity of accepting or rejecting it. Therefore, we will analyze Lacan's recommendation scope to analysts at Seminar 24 to study F. Cheng's book Chinese Poetic Writing “to know what analytic interpretation is”.

**KEYWORDS:** poetics - poetry - interpretation - writing - structure.

A respeito da publicação do livro *La escritura poética china*, de F. Cheng, Lacan – que havia estudado por um longo tempo com o autor sobre esta temática – escreve-lhe uma carta datada de 22 de abril de 1977, na qual diz: “*Levei em consideração seu livro<sup>2</sup> no meu último seminário, dizendo que a interpretação* – isto é, o que o analista deve fazer – *deve ser poética* [palavra ressaltada por Lacan]”.<sup>3</sup>

---

1 Nota da tradução: ao longo do texto o leitor vai encontrar os termos “escrita” e “escritura”. Optamos pelo termo “escritura” quando se trata de distinguir a noção corrente da escrita como registro da língua falada [escrita] da formalização da estrutura significante [escritura]. Visamos acompanhar mais fidedignamente a ideia presente no texto de que a escritura inconsciente se assemelha à escrita chinesa.

2 Escrito por Cheng, depois de se despedir de Lacan, e publicado em 1977.

3 Cheng, F. (2003). Lacan y el pensamiento chino, vários autores. Em *Lacan, el escrito, la imagen*. Buenos Aires: Ediciones del Cifrado, pp. 151/172. (Tradução nossa).

Tanto no *Seminário 24* – que mais adiante analisaremos – como na carta que acaba de ser citada, Lacan, fazendo alusão à interpretação, fala de poética, não de poesia, embora a princípio pareça ser uma referência a esta. Primeiro, diferenciaremos minimamente poesia, poética e função poética para uma melhor análise do assunto.

O termo **poesia** vem do grego: ação, criação; adoção; fabricação; composição, poesia; poema, fazer, fabricar; engendrar, dar à luz; obter; causar; criar. Em sua definição clássica, é um gênero literário considerado uma expressão artística, uma manifestação do belo ou do sentimento estético por meio da palavra, em verso ou em prosa. Também é enquadrável como uma “modalidade textual”, um tipo de texto.<sup>4</sup>

Levando em consideração as ideias de “criação”, “causar”, “criar”, “engendrar”, já podemos dizer que a ideia de que a poesia seja apenas um fato estético, na medida em que belo, é pobre; basta ler os poetas que tratam deste tema ou ler um pouco de poesia. Edgar Bayley,<sup>5</sup> por exemplo, defende que, para ele, o poema constitui uma aposta para encontrar a verdade, enfatizando que esta é muito próxima de sua sombra: a mentira e/ou a falsidade. Sustenta que há uma tendência a acreditar que a mentira é o completo oposto da verdade e que, contudo, **a mentira – ou o falso – é o que mais se parece à verdade ou ao verdadeiro**. O poeta está sob o influxo dessa sombra, mas finalmente nos diz e se diz, e é uma descoberta, uma revelação. Uma voz própria, que devém, que chega a nós. Sendo que a presença do poético, assim como a dimensão do sagrado, estão em nós, mas têm que chegar a ser. E chegam a ser **quando nos tornamos nós mesmos**, quando cada um consegue **ser fiel a si mesmo**; este **si mesmo** não é um ponto final, mas um processo, um constante devir.

Interessante: aqui, Bayley diz que a poesia pode fazer advir uma verdade por meio de sua ação poética. Mas parece se tratar de uma verdade relacionada à dimensão do ser – encontrar-se a si mesmo, fazendo alusão ao fato de que a poesia e o sagrado são presenças que estão em nós e que têm que chegar a ser. Essa “voz **própria**”, embora “chegue a nós”, parece advir como uma revelação, como um ditado divino; isto é, que, neste sentido, a poesia se uniria a um discurso da essência, ontológico.<sup>6</sup> Mantenhamos isso em mente; depois, poderemos fazer uma diferenciação

---

4 <https://es.wikipedia.org/wiki/Poes%C3%ADa>

5 Cf. Bayley, E. (1989). *Estado de alerta y estado de Inocencia*. Buenos Aires: Argonauta. Revisado em: [http://bibliotecavirtual.unl.edu.ar:8180/publicaciones/bitstream/1/6313/1/Poesia\\_16\\_1994\\_pag\\_48\\_56.pdf](http://bibliotecavirtual.unl.edu.ar:8180/publicaciones/bitstream/1/6313/1/Poesia_16_1994_pag_48_56.pdf).

6 Para ampliar este ponto, recomendo ler o capítulo 5 do livro de Agamben, *El dictado de la poesía*, no qual analisa, na articulação linguagem-vida, como a teologia, a psicologia e a biologia têm se aproveitado desse terreno para deixar sua impressão. Agamben explica como a poesia ficou impregnada com vestígios do teológico que ainda perduram.



poesia tem a ver com o nosso trabalho.

A **Poética**, por outro lado, é uma ciência ou disciplina que se ocupa da elaboração de um sistema de princípios, conceitos gerais, modelos e metalinguagem científica para descrever, classificar e analisar o discurso das obras de arte verbal ou criações literárias.<sup>7</sup>

Também faz referência, em geral, ao que se diz de qualquer criação que implique a possibilidade de pensar **em outro ou outros sentidos para além do dito**. E isso se relaciona finalmente com a **função poética da linguagem**, tal como aponta Haydée Montesano:

... a função fundamental na construção da mensagem (mensagem pela mensagem) e é a possibilidade de **evar a língua à potência na sua polissemia**, fato que, para além de sua condição ligada à arte verbal, permite estabelecer os efeitos significantes. [...] estes efeitos não necessariamente implicam efeito sujeito em termos da existência do inconsciente, o efeito sujeito poderia se dar **quando a função poética se articula com o texto clínico**.<sup>8</sup>

Outras formas linguísticas nas quais se percebe a **função poética** são **os provérbios,<sup>9</sup> jogos de palavras, charadas, chistes**.<sup>10</sup> Como afirma Jakobson, em *Lingüística y poética*, é importante ressaltar que:

Qualquer tentativa de reduzir a esfera da função poética à poesia ou de confinar a poesia à função poética seria uma grande simplificação enganosa. A função poética não é a única função da arte verbal, mas apenas sua função dominante, determinante, enquanto **todas as demais atividades verbais atuam como constitutivo**

7 A origem da poética está na obra que Aristóteles assim intitulou. Em: <https://es.oxforddictionaries.com/definicion/poetica>

8 Montesano, H. (2021). *Texto clínico. Un nuevo género de discurso*. Buenos Aires: Letra Viva. (tradução nossa).

9 No Seminário 20, aula 2, Lacan afirma: "...é possível advertir, nas margens da função proverbial, que a significância é algo que se abre no espectro do provérbio [aforismo, refrão] à locução. Procurem no dicionário a expressão "beber a porrillo" [beber em abundância], por exemplo [...] Chega-se às expressões etimológicas mais absurdas. E há outras locuções igualmente extravagantes. O que querem dizer? Nada além disso: a subversão do desejo. Esse é seu sentido. Pelo barril furado da significância se esparrama a "porrillo" [em abundância] um bock, um bock cheio de significância. O que é esta significância? No nível em que estamos é o que produz efeito de significado." (tradução nossa).

10 Identificado por Roman Jakobson, o centro da função poética está na forma da mensagem que lhe imprime maior significação e contundência ao conteúdo. São próprias da função poética as diversas formas da literatura: o **romance**, o **conto**, a **poesia**, as **fábulas** e outras. Mas não é só reconhecível na literatura escrita ou consagrada no nível acadêmico, mas também nas formas populares do discurso, como os **provérbios populares**, as **lendas populares**, os **trava-línguas** e as **charadas e jogos de palavras**. Na linguagem como função poética, presta-se mais atenção às formas discursivas, em especial, às diferentes figuras retóricas ou literárias como a **metáfora**, a **analogia**, a **hipérbole**, a **metonímia**, o **hipérbato**, a **elipse**, a **descrição** e a **ironia**.

---

**subsidiário, acessório. Ao estudar a função poética, a linguística não pode se limitar ao campo da poesia.<sup>11</sup>**

Julia Kristeva também destaca que, no funcionamento poético, alguns sentidos suplementares se infiltram na mensagem verbal, rasgando seu tecido opaco e reorganizando outra cena significativa. Esta concepção nega a tese da linearidade da mensagem poética e a substitui pela da linguagem poética como rede complexa e estratificada de níveis semânticos.<sup>12</sup> Isto é, que pode surgir outro texto diferente da mensagem verbal – enunciado – e, para isso, é necessário que se reorganize em outra cena significativa, passando de uma linearidade aparente a uma rede de relações semânticas. Podemos advertir como primeira conclusão que: **a poética ou função poética não é exclusividade da poesia**. Levemos isso em consideração ao pensar melhor nos ditos de Lacan.

Pois bem, Lacan realmente disse que devemos fazer poesia? Por que o estudo da escrita poética chinesa? **O que significa dizer que a interpretação deve ser poética?**

Em *Función y campo de la palabra y el lenguaje*, Lacan, ao falar sobre as disciplinas que convém estudar para a formação do analista, menciona a retórica, a gramática, e, ápice supremo da estética da linguagem, a **poética**, que incluiria a **técnica, deixada na sombra**, da **frase engenhosa** – veremos mais adiante que será relacionado ao chiste.

Guardemos esta ideia: a poética incluiria a técnica da frase engenhosa, propondo que o que fica na sombra é o mecanismo ou técnica dessa poética – não visível – que faz com que uma frase diga mais do que diz – a técnica que provoca um impacto maior que o que “dizem” suas partes, isto é, um impacto poético.

Analisemos, então, a **citação** na qual recomenda estudar a **escrita** poética chinesa; vamos analisá-la por partes.

No *Seminário 24*, aula 7, “La variedad del síntoma”, Lacan fala da leitura que o analista tem que fazer do que o analisante diz e que acredita ser verdadeiro – “acredita ser verdadeiro” porque o analista sabe, no entanto, que não fala senão ao lado do verdadeiro, enquanto o verdadeiro o ignora –; e defende: “que o verdadeiro não é o núcleo traumático” como defendia Freud, mas sim:

---

11 Jakobson, R. *Linguística y poética*. (tradução nossa).

12 Cf. Kristeva J. (1988). *El lenguaje, ese desconocido*. Madrid: Fundamentos, p. 265.

... não há mais que a aprendizagem que o sujeito sofreu de uma língua entre outras, aquela que é para ele *lalíngua*, na esperança de *ferrer elle, lalíngua, aferrar, a ela*,<sup>13</sup> o que se confunde com *fazer-real (faire-réal)*.<sup>14</sup>

Então, o verdadeiro pode se depreender da análise de *lalíngua* – fazer advir a outra cena que a linguagem ocupa por sua estrutura.<sup>15</sup> Sustenta que **a função de verdade está amortecida**, por algo que prevalece; a cultura está aí tamponada ou apagada.<sup>16</sup>

O que um enunciado tem a ver com uma proposição verdadeira? Seria preciso [...] ver **sobre o que está fundamentado esse algo que não funciona senão para a usura, cuja verdade está suposta**. Seria necessário se abrir à dimensão da verdade como variável, do que chamarei de *varidad (varité)* [variedade],<sup>17</sup> com o *e* de *variedad (variété)* [variedade] engolido.<sup>18</sup>

Se a verdade é uma variável, varia de acordo com o contexto ou o assunto em jogo: diz que essa variedade está engolida na crença de que há uma e está suposta. Um sentido é coagulado como verdadeiro, e isso é o que precisa ser desarranjado. Continua dizendo:

Não se deve tomar os ditos “ao pé da letra” [seria um autismo a dois]; [...] o motivo, para isso, é um obstáculo, já que, para dizer as coisas, não faz mais do que girar em círculos, repete o sintoma. O único saber continua sendo o saber das línguas.<sup>19</sup>

Agora, na poesia, tampouco é possível ler “ao pé da letra”. A poesia funciona sem se ancorar a nada fixo. Um discurso inesperado que tem muitas ressonâncias, o que é utilizado por alguns analistas para defender que é preciso “fazer poesia” para romper com o significado... **Qual é a diferença?** A princípio tínhamos a ideia da “técnica deixada na sombra”; mas ainda não é suficiente.

13 Jogo de palavras que faz alusão a: “aferrar/selar a ela, *lalíngua*, isto é, *aferrá-la*”

14 Cf. Lacan, J. (1976/77). *Seminário 24*, aula 7. (tradução nossa).

15 Aqui, Lacan faz alusão à estrutura elementar do parentesco: os pacientes não falam senão da relação com seus parentes, porque são os que lhe ensinaram *lalíngua*.

16 Cf. Lacan, J. (1976/77). Op. Cit: *Seminário 24*, aula 7. (tradução nossa).

17 “**varité**”, foi traduzido ao espanhol como “*varidad*”, condensando “*vérité* (verdade)” e “*variété* (variedade)”, dimensão da verdade como variável.

18 Lacan, J. (1976/77). Op. Cit: *Seminário 24*, aula 7. (tradução nossa).

19 *Ibidem*. (tradução nossa).

Vejamos como a citação continua:

... o analisante não conhece sua verdade dado que não pode dizê-la. O que defini como **não cessando de escrever-se, a saber, o sintoma, é aí um obstáculo**. Volto a isso – o que o analisante diz, esperando ser verificado, não é a verdade, é a *variedad* do sintoma. [...]

O discurso serve para organizar, para assumir o comando, é hipnótico e tem um efeito de sugestão. Um discurso é sempre adormecedor, **salvo quando alguém não o compreende**. Então, desperta.<sup>20</sup>

Quando não compreendemos algo, fugimos da crença, nos fazemos uma pergunta, nos surpreendemos – a verdade que varia.

... **o despertar, é o real sob seu aspecto do impossível**, que não é escrito senão com força ou à força – é isso que se chama de contranatureza [...]

**A verdade desperta ou adormece?** Isso depende do tom com o qual é dita.

A **poesia** dita, é um fato, adormece.<sup>21</sup>

E me aproveito disso para mostrar-lhes a coisa que François Cheng *cogitou*,<sup>22</sup> [...] [em seu livro *La escritura poética china*], **cujo cerne gostaria muito que vocês extraíssem**, se são psicanalistas, [...] verão que é **o forçamento por onde um psicanalista pode fazer soar outra coisa que não o sentido**. O sentido é o que ressoa com a ajuda do significante. Mas o que ressoa, isso não vai longe, é sobretudo fraco. **O sentido, isso tampona. Mas com a ajuda do que se chama a escrita poética, vocês poderiam ter a dimensão que poderia ser a interpretação analítica.**

É certo que a escrita não é isso pela qual **a poesia, a ressonância do corpo**, expressasse.<sup>23</sup> Mas **é surpreendente que os poetas chineses se expressem pela escrita. É**

20 *Ibidem*. (Tradução nossa).

21 Por que introduz a poesia? No *Seminário 25*, propõe que falar é fazer poesia. E, na citação do *Seminário 24*, aula 9, homologa a poesia à aglomeração do sentido, ao dito, ao discurso, portanto, à razão.

22 Na verdade, chama-se Cheng-Tai-Tchen, mas ele se denominou François com o objetivo de “ser absorvido” na nossa cultura, o que não lhe impediu de manter firme o que diz, ou seja, *La Escritura poética china*.

23 Aqui, Lacan parece fazer alusão ao corpo como a consistência do imaginário, vinculado ao sentido. No *Seminário 2*, consistência e sentido são articulados no nó. (Grifo nosso).

**preciso que identifiquemos, na escrita chinesa, a noção do que é a poesia.** Não que toda poesia – a nossa especialmente – seja tal qual podemos imaginá-la por aí. Mas, talvez, justamente sentirão ali algo que seja diferente, diferente do que faz com que **os poetas chineses não possam fazer de outro modo que escrevendo.**

Há algo que dá o sentimento de que eles **não se reduzem a isso**,<sup>24</sup> é que eles cantarolam. François Cheng enunciou diante de mim um **contraponto tônico**,<sup>25</sup> uma modulação que faz com que isso se cantarole [...].<sup>26</sup>

Estar eventualmente inspirado por **algo** da ordem da poesia para intervir enquanto psicanalista? Isso é precisamente para onde (*vers* é “para onde”, mas também *verso*) é necessário orientá-los, porque a linguística é uma ciência muito mal orientada. Ela não se levanta [eleva] senão na medida em que um Roman Jakobson aborda francamente as questões de **poética. A metáfora, a metonímia, não têm alcance para a interpretação, exceto enquanto são capazes de fazer função de outra coisa, para a qual se unem estreitamente o som e o sentido.**

O que parece importante é que há algo da poesia que pode nos orientar, mas no sentido da relação som-sentido, como Jakobson o trabalha. **O que significa que se unam som e sentido?** Jakobson, citando Valery, diz que “a poesia é um ‘duvidar’ [ou um vacilar, o que fica entre] entre o som e o sentido”. Parece dizer que o que se escuta hesita porque o sentido não é *per se* desse som, mas que cada língua escuta um sentido diferente. Já veremos que a interpretação vai tratar de fazer furos no sentido, que, se está instalado ou cimentado no assunto abordado em uma análise, nosso trabalho consistirá em fazê-lo hesitar; estabelecendo cortes no discurso, para fazer cair o sentido coagulado. Mas, por sua vez, há momentos, quando a interpretação é mais exitosa e aparece a surpresa – “ah, é isso” –, que **se unem na interpretação som e sentido**, depois do processo de hesitação, e então **isso** cai, advém um sentido novo. Ao terminar o percurso da segunda volta da demanda e se estabelecer o encerramento do assunto particular dessa língua, advém um novo sujeito. Para que **isso** caia, primeiro, tem que haver vacilação, é necessário introduzir um furo. No fechamento se unem som e sentido.

24 ... a poesia falada, ao tamponamento de sentido, como “a nossa”.

25 Contraponto tonal. O *lǚ-shī* (*poesia de estilo novo*) é regido por regras tonais rigorosamente definidas. O poeta tem que respeitar a distinção entre o tom “plano” (o primeiro dos quatro tons) e os tons “obliquos” (os outros três tons, o “ascendente”, o “de ida” e o “de volta”). O primeiro tom é uniforme e de sílaba longa, e os demais tons são modulados e de sílaba breve (tema ampliado mais adiante). Embora se movam independentemente uma das outras, guardam relação entre elas. (grifo nosso).

26 Já veremos quando ressaltarmos as características dessa escrita que, nesse canto, se pode advertir a presença forte do Outro (A), assim como na simbologia que evoca. (Grifo nosso).

E a última parte desta citação:

É na medida em que **uma interpretação justa extingue um sintoma que a verdade se especifica por ser poética**. Não é do lado da lógica articulada – embora eu deslize ali dado o caso – que há de se sentir o alcance do nosso dizer. [...] A primeira coisa seria **extinguir a noção de belo** (poesia). Nós não temos nada de belo a dizer. **É de outra ressonância que se trata**, a ser fundada sobre o **chiste** [o que, em *Función y campo*, vemos que se denomina “a frase engenhosa”]. O chiste, para funcionar, requer uma estrutura compartilhada, uma *lalangue* particular. Daí sua função poética.

Um chiste não é belo. Não se sustenta senão por um **equívoco** ou, como diz Freud, por uma economia. Nada mais ambíguo do que esta noção de economia.

Mas pode-se dizer que a economia funda o valor. Ora! Uma prática sem valor, isso é o que devemos instituir.<sup>27</sup>

Essa citação é muito rica: 1) o poético terá a ver com a extinção de um sintoma; 2) não é a partir da lógica articulada que nossa **interpretação** terá êxito, mas não é sem ela – sem o discurso ou a “poesia”, tal como surgia da parte anterior da citação – que poderemos ler/escrever; 3) trata-se de **outra ressonância**, diferente daquela da poesia – enquanto bela –, e está relacionada com **a do equívoco** (chiste); 4) o real – o despertar – é escrito à força, é contranatural; 5) o chiste se sustenta em um equívoco ou em **uma economia que funda o valor**, pelo qual propõe **instituir uma prática sem valor. O que “sem valor” implica aqui?**

Lacan faz alusão à economia da qual fala Freud em “O chiste e sua relação com o inconsciente”, onde situa o equívoco como uma das técnicas do chiste. Todas as técnicas do chiste se baseiam, para ele, em uma tendência à compreensão, a uma economia ou poupança que só serve se traz consigo um alívio do gasto psíquico, uma poupança de energia psíquica;<sup>28</sup> esta economia está inspirada na biologia e/ou na física termodinâmica.

Para Lacan, o valor é fundado por variáveis econômicas, mas se tratará de variáveis de

27 Lacan, J. (1976/77). *Seminário 24*, aula 7. Inédito. (Tradução nossa).

28 Todas as técnicas são formas de condensação com formação substitutiva (1) e aceitação múltipla do mesmo material (2 e 3). Vejamos quais são: 1) A condensação: a) com formação de uma palavra mista; b) com modificação; 2) A múltipla acepção do mesmo material: a) todo e parte; b) reordenamento; c) modificação leve; d) a mesma palavra plena e vazia. Duplo sentido: a) nome e significado material; b) metafórico e material; c) duplo sentido propriamente dito (jogo de palavras); d) equivocidade; e) duplo sentido com alusão.

intercâmbio, de perda e ganho no marco de uma relação regulada pelo mercado que outorga o valor. Inspirada na economia política do mercado de Marx, **cada coisa adquire seu valor em relação a um todo**. A diferença é que, em Lacan, a economia política se diferencia da de Marx na medida em que **está entrelaçada pelo significante**, em um contexto histórico e no campo discursivo, **despojada de qualquer referência empirista, material e/ou naturalista**. O equívoco estará relacionado com a introdução inesperada de um elemento na cadeia que interfere na medida em que está fora do valor homogêneo e aceito.

Propor uma prática sem valor, implicaria um “sem valor de mestre”; aquela que não outorga valor à homogeneidade do valor para esse ponto, mas que faz surgir a dimensão do valor particular que outorga o objeto *a*, que vai além de qualquer valor de uso ou de troca. Na posição do objeto *a*, o analista habilita e põe em jogo o que não cessa de não se escrever, ou seja, o impossível simbólico. Por sua vez, o analista “vai cair” como resíduo no final do percurso analítico, enquanto se sustentou como objeto *a*, queda que implica “sem valor”. Não um sem valor para o analisante —que pode trazer emparelhada uma possível melancolização ou niilismo.

Lacan propõe no *Seminário 24*, aula 2:

O único que conta é se uma peça tem ou não valor de troca. A única definição do todo é que uma peça valha em toda circunstância, [...] ou seja, homogeneidade de valor. O todo não é mais que uma noção de valor, o todo é o que vale em seu gênero, o que em seu gênero vale outro, a mesma espécie de unidade [...] e nesse aspecto se apresenta como consistente, como signo do todo, ou seja, do significado. O material se apresenta a nós como consistente e o que é consistente pode ser chamado de unidade [seria o que se apresenta como possível].

[...] *L'une-bévue* (inconsciente como equívoco) é o que se troca **apesar de que isso não vale a unidade em questão** [...].<sup>29</sup>

O *limite* do possível é o impossível, o furo, a verdade, o **Real feito do significante**. Quando lido e introduzido no discurso deixa de ser equívoco.<sup>30</sup>

---

29 Lacan, J. (1976/77). *Seminário 24*, aula 2. Inédito. (Tradução nossa).

30 Cf. Baldovino, L. (2020). Tres toros anudados: otra especie de espacio. *El Rey está desnudo*, nº16, em <http://www.apola.com.ar/apola.asp>. Recomendado para ampliar o tema.

E, quando na citação, Lacan afirma que “**não é do lado da lógica articulada que tem de se fazer sentir o alcance de nosso dizer**”, parece fazer referência a que não é a partir do sentido, justamente a partir do senso comum, que se deve **intervir**. Não há que explicar, “nem tomar os ditos ao pé da letra”, nem ler a partir do valor de troca, a partir de uma lógica clássica com o valor de Verdadeiro ou Falso. É imprescindível uma leitura lógica relacional da matéria, na medida em que uma lógica engendrou realidade e tem um valor de verdade para essa realidade, para aquele sujeito/assunto. Uma interpretação com valor de verdade – poética, segundo o que propõe Lacan – tem que produzir um despertar desse lugar no qual se está adormecido. Será a leitura de um equívoco ou da introdução do mesmo a que pode produzi-lo, **mas dito equívoco só será tal em relação à lógica<sup>31</sup> da estrutura**; o impossível advém dentro dela. Estaremos centrados nos furos de sentido, nas falhas, nos esquecimentos, nas repetições, nas contradições, etc. Ao lê-los e introduzi-los no texto analítico, propõe-se uma nova ordem dos elementos existentes, que furarão o discurso claro e unívoco para que uma verdade-variedade advenha.

No *Seminário 25*, aula 3, Lacan afirma:

Trabalho no impossível de dizer. Dizer é outra coisa, diferente de falar. **O analisante fala, faz poesia. [...] O analista, ele, abre trincheira (*tranche*). O que diz é corte, ou seja, participa da escrita, [...].<sup>32</sup>**

Temos que escrever, traçar um corte, para que esse falar (ou poesia, em seu aspecto de sentido) possa ser um dizer, e dar lugar para que algo novo surja.

Continua:

... nem no que diz o analisante nem no que diz o analista há outra coisa diferente da escrita. [...] é por isso que o analisante diz mais do que quer dizer e o analista abre valas ao ler o que é aí do que quer dizer [...].

É pôr ênfase sobre o fato de que não há realidade. A realidade não é constituída mais que pelo fantasma e **o fantasma é, além disso, o que dá matéria à poesia...**”

Por que há algo que funciona como ciência? [suponho que esteja falando de ciência não conjectural/ religiosidade da ciência]. É pela **poesia**. [...] Seja o que for, inclusive

31 Parte da filosofia que estuda as formas e princípios gerais que regem o conhecimento e o pensamento humano, considerado puramente em si mesmo, sem referência aos objetos.

32 Lacan, J. (1977). *Seminário 25*, aula 3. Inédito. (Tradução nossa).



o que é desta prática, é também **poesia**, falo da prática que se chama a análise [e aqui é feita a advertência mais clara de sua posição com relação ao que chama de poesia...o recheio de sentido]: por que um certo Freud conseguiu com sua **poesia** – sua, quero dizer – instaurar uma arte analítica? É o que permanece absolutamente duvidoso.

Por que nos lembramos de alguns homens que triunfaram? Isso não quer dizer que o que eles conquistaram seja válido. **O que faço ali**, como observa alguém com bom senso, que é Althusser, **é filosofia. Mas a filosofia é tudo o que sabemos fazer.** Meus nós borromeanos são filosofia também. É filosofia que conduzi como pude, seguindo a corrente, se assim posso dizer, a corrente resultante da filosofia de Freud. [...]

**Tudo o que acabo de enunciar no que diz respeito ao tecido (*étoffe*) que constitui o pensamento**, não é nenhuma outra coisa além de dizer exatamente as coisas do mesmo modo.

O que se pode **dizer de Freud é que situou as coisas de um modo tal que isso triunfou.** [...] não é seguro que isto de que se trata seja uma composição, uma composição [...] – **para dar coerência a isso tudo** – [...].<sup>33</sup>

Já podemos estabelecer que é diferente para Lacan fazer poesia e alcançar um efeito poético. Lacan relaciona o “**fazer poesia**”, então, com o falar, com a razão, com o fantasma – pois lhe dá a matéria –; com a ciência (clássica e moderna), com a filosofia e com a prática que se chama análise. Apontando que é uma crítica que ele faz, considerando que seu tecido ou estofa é o pensamento, o que sabemos **fazer**, é completar ou recheio de sentido. Esse **fazer** estaria ligado ao significado, ao “estar adormecido”, ao discurso do ser – ditado pela poesia e ligado ao sagrado ou teológico, à verdade de si.<sup>34</sup> Usa “poesia” para indicar o recheio de sentido. Mas, no *Seminário 24*, aula 9, diz que **a poesia é efeito de sentido, mas também, e ao mesmo tempo, efeito de furo.** Pelo que temos visto, poderia se tratar do efeito poético que pode fazer advir outra coisa diferente ali, onde está claro como funcionamos, sair do relato no qual estamos apoiados. Mas o efeito poético – o advento do novo, da surpresa – **não é privativo da poesia; consegue-se também com outras produções de palavra.**

33 Lacan, J. (1977). *Seminário 25*, aula 3. Inédito. (Tradução nossa).

34 Ver Cap. 5, Op. Cit. Agamben, G. *El final del poema*.

Continuemos um pouco mais, com uma citação do *Seminário 24*, aula 9, e trataremos de pensar logo o porquê da escrita poética chinesa.

A ciência [...] é um despertar, mas um despertar difícil, e suspeito. [...] tudo o que é enunciado **até o presente** como ciência fica suspenso com a ideia de Deus. A ciência e a religião combinam muito bem juntas. **É um *dieu-lire*. Mas isso não presume nenhum despertar.**<sup>35</sup>

**Felizmente, há um furo.** Entre o delírio (*délire*) social e a ideia de Deus, não há medida comum. O sujeito se toma por Deus, mas é impotente para justificar o que se produz do significante, do significante S1, e ainda mais impotente para justificar que esse S1 o represente junto a outro significante, e que seja por aí que passam todos os efeitos de sentido, os quais são tampados imediatamente, estão em *impasse*. **A astúcia do homem é aglomerar tudo isso, já lhes disse, com a poesia, que é efeito de sentido (ou significado), mas também efeito de furo. Não há mais que a poesia, já lhes disse, que permite a interpretação e é naquela que eu não chego mais [ou “já não posso fazê-lo”], na minha técnica, ao que ela sustenta: não sou tão *poête*,<sup>36</sup> não sou *poête-assez* [ou “pouate-suficiente”].**<sup>37</sup>

Mais adiante, nessa mesma aula, diz que... **“um *poête* é muito comumente o que se chama de um débil mental...”**. Enfatiza a necessidade de introduzir algo que no contexto não faz sentido, o que teria uma incidência diferente do sentido; é o que ele faz em seu ensino com diferentes operações; uma delas os neologismos. E acrescenta:

Como não sou débil mental, senão relativamente – isto é, como quase todo mundo – pode ser que um pouco de luz chegue a mim.<sup>38</sup>

35 *dieu-lire*: condensação entre *dieu* (Deus) e *délire* (delírio), que deixa como plus o verbo *lire* (ler).

36 Em francês parece que figura **“*pouete*”- *poeta* + *pasta* – ou *guata* (recheio)**, se consideramos “ouate” – pouaete. Na versão de Paidós: *poête* poderia ser o resultado da condensação entre a palavra *poète* (poeta) e alguma outra, talvez a *atè* de que fala no Seminário de *La ética del psicoanálisis*, em relação à tragédia, insensatez, engano. Trata-se da Deusa da fatalidade ou ações irrefletidas, também da cegueira moral. **Por sua vez, “*poête assez*” é homofônico a “*potasser*”** (estudar de forma aplicada).

37 Lacan, J. (1976/77). *Seminário 24*, aula 9. Inédito. (Tradução nossa). “Eu não sou bastante poeta” é como foi traduzido por Paidós, mas não é isso que diz a citação em francês. Em Staferla: “Il n'y a que la poésie – vous ai-je dit – qui permet l'interprétation et c'est en cela que je n'arrive plus, dans ma technique, à ce qu'elle tienne: je ne suis pas assez pouate, je ne suis pas pouatassez!”

38 Lacan, J. (1976/77). *Seminário 24*, aula 9. Inédito. (Tradução nossa).

Então, “não sou tão *poâte*, não sou *poâte assez*”, de nenhuma maneira, está dizendo que “não é poeta o suficiente”, no sentido que ainda lhe falta para chegar a sê-lo e que isso é o que teria que ser; tampouco diz “poeta”. Como vinha criticando o ser poeta ou fazer poesia na função analítica, então, “não ser o bastante *poâte*” tem um sentido positivo. Ele não é *poâte* o suficiente – recheado de sentido, aplicado – para intervir no equívoco que se supõe ao dito/poesia. Nem há de se fazer poesia – ou ser poeta – nem há de se evitar **toda** função da poesia. Não se trata de que o analista faça jogo com as palavras ou que tente uma **depuração** destas – indo ao sem-sentido ou buscando o sentido inacabado sem lógica estrutural. Mas sim, daquilo que é poesia na fala – efeito de sentido; “é o único que há”. No tamponar de sentido, fazer uma “leituescrita” lógica – localizar a letra, a unidade mínima que mantém o efeito significante – envolvendo assim o furo ou equívoco relativo a dito sistema ou estrutura combinatória e colocá-lo em função, revelando o sistema de saber que mantinha o discurso e que funcionava fazendo consistência, coagulando um sentido aprendido de *lalangue* que enredava a realidade e trazia sofrimento. E isso implicará a necessidade de uma escritura, uma formalização.

Depois de todo esse desenvolvimento, analisemos a recomendação de Lacan de estudar a escrita poética chinesa de Cheng. Até agora, vimos que: 1) propõe estudar a **escrita** poética chinesa, dado que a poesia **só se sustenta na escrita**; 2) afirma que a poesia falada adormece; o cantarolar com o qual se diz a poesia chinesa indica que há uma pretensão distinta do falar e que surge de uma escrita bem particular; 3) que trabalha em outro lugar além do sentido; para extinguir o sintoma, Lacan não sugere fazer poesia ou realizar uma operação de esvaziamento qualquer; 4) ele diferencia essa poesia de outras, especialmente a nossa, tal como a imaginamos; 5) não busca a beleza, mas sim o equívoco; 6) que, nesta escrita poética, há outra ressonância além do sentido.

### Alguns aspectos da escrita poética chinesa<sup>39</sup>

Tabla 1

印刷体	甲骨文	金文	小篆	隶书	楷书	草书	行书
虎							
象							
鹿							
鸟							

馬 會 廣 號 區  
 马 会 广 号 区

Chinês tradicional

Chinês simplificado, usado atualmente.

39 Estudei majoritariamente o livro de F. Cheng que Lacan cita. Também *Vacio y plenitud* do mesmo autor, e alguns aspectos de *El carácter de la escritura china como medio poético*, de Ernest Fenallosa e Ezra Pound, cujos dados estão a seguir.

---

Fenallosa, em *El carácter de la escritura china como medio poético*<sup>40</sup> afirma que **o chinês é uma língua isolante** ou analítica, aquela na qual as palavras tendem a ser monomórficas – um morfema, unidade mínima da língua – e apresentam nenhum ou muito poucos procedimentos de derivação ou flexão – está livre do peso de casos gramaticais, gêneros, modos, tempos –, de modo que as palavras complexas são quase sempre o resultado de composição. É **não flexiva** – que não tem flexão gramatical: conjugação, declinação, gênero, número – e **é posicional** – valor posicional dos signos. Um caractere chinês constitui uma unidade móvel que exerce sua influência sobre as outras unidades e colabora com elas. A escrita chinesa não reproduz sons, mas sim evoca ideias; ideias que, quando se unem para constituir uma frase, mantêm sua independência. A frase chinesa adquire então o aspecto de um mosaico: uma clara tendência à abstração de estrutura analítica, precisa, concisa e de aspecto estático.

Por sua vez, em *La escritura poética china*, Cheng diz que se trata de **signos independentes do som e invariáveis; a escrita não é um mero suporte do idioma falado**, não há uma relação direta entre a escrita chinesa e a expressão oral. Cada ideograma ou caractere é monossilábico, uma unidade semântica mínima e invariável, o que lhe confere uma autonomia e, ao mesmo tempo, uma mobilidade no que diz respeito à possibilidade de se combinar com outros ideogramas, dado que estão isolados materialmente uns de outros por um vazio. Obtém-se um caractere complexo combinando dois caracteres simples. Por exemplo, a ideia “claridade” se obtém combinando o caractere simples do sol 日 e o da lua 月. Mas o caso mais geral de caractere complexo é do tipo “radical mais signo fonético”, ou seja, um **radical formado por um caractere simples, ou chave** – que indica a rubrica à qual pertence a palavra. Há 214 chaves: água, madeira, homem, etc.; e outra parte formada também por um caractere simples que serve de signo fonético — que para sua combinação ou concisão pode ser estilizado. Assim, a ideia “companheiro” está formada pela chave 人, “homem”, e por um caractere simples 半, que se pronuncia *ban*, que significa *metade*, — ideia de “outra metade” ou “homem que compartilha”. Os caracteres simples que buscam significar por si só têm um aspecto gestual e simbólico; mesmo quando são usados como elementos meramente fonéticos, são associados de qualquer modo com um sentido. Não é **uma linguagem denotativa**

---

40 Cf. Fenallosa, E. e Pound, E. (2001). *El carácter de la escritura china como medio poético*. Madrid: Visor. Fenallosa (1853-1908) estudou o chinês clássico e a ele se refere. Japonólogo, historiador de arte, filósofo, sociólogo, etc., Ezra Pound (1885-1972) não falava chinês; como Fenallosa, não o dominava completamente e houve críticas a algumas das interpretações de um livro que traduziram –“Cathay” –, escrito original de Li Po, de 1915. Françoise Cheng domina sim o chinês.

que “descreve” o mundo, senão, **uma representação que organiza as relações e provoca os atos de significância**. O vazio é o espaço onde os signos se entrecruzam e se intercambiam de maneira não unívoca.<sup>41</sup> A escrita poética chinesa, com seus ideogramas, carrega implicitamente a ideia verbal de ação – **ações em processo – e não a imagem de uma coisa**, que derivaria em um nome. Nesta composição, duas coisas unidas não produzem uma terceira coisa, mas sim **sugerem alguma relação fundamental**; por exemplo, o ideograma para “comensal” está formado pelo ideograma que corresponde a um homem e que corresponde a fogo. **Um autêntico nome, uma coisa isolada, não existe na natureza; as coisas são apenas os pontos de encontro de ações**. Um verbo puro, um movimento abstrato, tampouco cabe na natureza. O que o olho vê são coisas em movimento – e é o que a escrita chinesa tende a representar – ataca a ideia de “ser”. Em cada signo o sentido codificado nunca consegue solapar outros sentidos mais fundos sempre dispostos a brotar.

Cheng explica acerca de uma discussão que manteve com Lacan onde comentavam que o ideograma *yi*, que tem como sentido original “ideia” ou “intenção” (significado), goza de numerosas combinações com outros ideogramas para formar toda uma família de termos que giram em torno da noção de imagem, de signo e de significação. É assim que, a partir do núcleo *yi*, se monta a série: *yi-yu*, “desejo”; *yi-zhi*, “olha”; *yi-xiang*, “orientação”; *yi-xiang*, “imagem, signo”; *yi-hui*, “compreensão”; *yi-yi* ou *zhen-yi*, “significação ou essência verdadeira”; *yi-jing*, “estado para além do dizível”, que implica a ideia de superação com relação à palavra significada.

E toda esta série de palavras nos inspira constatar que, por um lado, o signo é o resultado de um desejo [...] e dotado de uma significação que, contudo, não a esgota, e que, por outro lado, **a verdadeira significação de um signo pode atuar eficazmente, e a superação do signo só pode se fazer a partir desta significação em si.**<sup>42</sup>

Cheng comenta que o que fascinava Lacan eram esses **signos escritos como sistema**; sistema que está a serviço da palavra, embora guardando uma distância em relação a ela. Sendo capaz de transcrever fielmente a palavra, o sistema também pode, por todo um processo de eclipse voluntária e de combinação livre, engendrar em seu seio um jogo aberto, sobretudo, na linguagem poética na

41 Ver pp. 22 e 34 do livro citado de Fenallosa e Pound. Ali há muitos exemplos de escrita, assim como no livro de Cheng.

42 Cheng, F. *Lacan y el pensamiento chino*. Em: <https://es.scribd.com/document/185023263/Lacan-y-El-Pensamiento-Chino-FCheng>. (Tradução nossa).

qual, no interior de um signo e entre os signos, o Vazio-central brinca de pulverizar o domínio da linearidade unidimensional.<sup>43</sup> É aqui, quando Cheng faz alusão à carta que Lacan lhe escreveu, na qual diz que, levando seu livro em consideração, sugeriu aos analistas que **a interpretação do analista deve ser poética.**

... a ênfase a ser colocada sobre a escrita é essencial para a justa avaliação do que faz referência à linguagem [...] fato evidente, pela simples existência **de uma escrita como a chinesa** [...] A saber, que há elementos fonéticos, mas que há também muitos deles que não o são. **Sendo isso mais surpreendente porque, a partir do ponto de vista da estrutura [...] escrita do que pertence a uma linguagem, nenhuma língua se sustenta de modo mais puro que esta língua chinesa na qual cada elemento morfológico se reduz a um fonema.**<sup>44</sup>

É então, precisamente aí, onde teria sido mais simples, se é possível dizer assim, que a escrita não fosse mais que a transcrição do que se enuncia em palavras. É surpreendente ver que, pelo contrário, a escrita longe de ser transcrição, **é outro sistema, um sistema ao qual eventualmente se prende o que é recortado em outro suporte: o da voz** [...].<sup>45</sup>

O suporte material de um discurso é a letra – e no discurso analítico isso é especificamente o que se deve ler/escrever para interpretar. A escrita chinesa se assemelha à letra; se a letra permite a leitura, dita leitura está operando em relação a uma escritura.

Em *La lógica del fantasma*, aula 2,<sup>46</sup> Lacan afirma que a letra é a forma mínima do significante, que não se significa a si mesma, mas requer uma leitura que dê conta da estrutura em sua dimensão sincrônica; seu valor depende exclusivamente de suas relações diferenciais com outras letras. A escritura reduz a linguagem a uma série de regras e axiomas que minimizam a equivocidade da

43 *Idem.*

44 Fonema: unidade fonológica mínima que resulta da abstração ou descrição teórica dos sons da língua. Não é uma palavra, tampouco um significante, senão **o elemento último e indivisível do significante. Nas fórmulas de Lacan, o fonema está reduzido ainda mais, está reduzido à letra, que seria o átomo literal.** Dá a possibilidade que tem de habilitar para o analista uma multiplicidade de leituras diferentes. Mas na combinatória estrutural de um caso que os organiza não serão qualquer um. Não há uma significação que possa ser absoluta, pois sempre remete a outra. Na vida, o pensamento racional sempre remete ao mesmo; por isso desmontar essa significação — que vem do Outro — com a interpretação, é tão importante. Os fonogramas são caracteres compostos por uma parte semântica que indica o campo semântico ao qual pertence o caractere, e um elemento fonético, que proporciona uma pronúncia aproximada deste. Muitos caracteres foram criados derivados de outros por sua pronúncia semelhante, enquanto outros foram gramaticalizados e perderam seu significado original dando lugar a novas palavras.

45 Lacan, J. (2008). *El Seminario. Libro 16*, aula 20. Buenos Aires: Paidós. (Tradução nossa).

46 Lacan, J. (1966/67). *Seminario 14*, aula 2. Inédito. Versão de R. Rodríguez Ponte. (Tradução nossa).

linguagem. Trata-se de despojá-la o máximo possível de seu significado – com o fim de que seja transmissível o meio dizer da verdade – meio dizer, pois justamente não há metalinguagem.

**A letra é, radicalmente, efeito de discurso.** [...] Sir Flinders Petrie acreditou observar que as letras do alfabeto fenício se encontravam muito antes do tempo da Fenícia, em pequenas cerâmicas egípcias que serviam como marcas de fábrica. Isto quer dizer que **a letra surgiu primeiro do mercado, que é tipicamente um efeito de discurso**, antes de que alguém tivesse a ideia de usar letras. [...] a **letra chinesa** surgiu do discurso chinês muito antigo de uma maneira inteiramente diferente de como surgiram as nossas. Por sair do discurso analítico, as letras que aqui levo em consideração têm um valor diferente das que podem sair da teoria dos conjuntos. Seu emprego difere, contudo, – isso é o interessante – não deixa de haver certo vínculo de convergência. O bom de qualquer efeito de discurso é que está feito de letra.<sup>47/48</sup>

Ao ler o *lapsus*, o significado fica em suspenso ou interrogado; esse é o valor do equívoco. Mas tal equívoco será em relação a uma lógica que está operando no nível do sentido e que não podemos desconhecer, não será sem ela; em tal caso não apelaremos a uma lógica clássica (V ou F) para interpretar, pois isso não desperta.

Sobre a linguagem poética chinesa propriamente dita, Cheng<sup>49</sup> aponta que é a cosmologia chinesa a que dá à poesia e às demais artes sua plena significação. Nela, apoia-se a poesia como linguagem, já que usa as ideias de Alento primordial, Vazio-Cheio, Ying-Yang, Céu-Terra-Homem, Cinco elementos, etc., relativos à Cosmologia. **O vazio é o eixo do pensamento chinês**; rege o conteúdo filosófico-religioso, o mecanismo de todo o conjunto de práticas significantes.<sup>50</sup> O **vazio** na filosofia chinesa é um elemento eminentemente vital e ativo. Ao introduzir descontinuidade e reversibilidade em um sistema determinado, permite que as unidades componentes do sistema superem a oposição rígida e o desenvolvimento em sentido único. O vazio é precisamente o signo pelo qual se definem como signos as demais unidades – como S ( $\bar{A}$ ). Tem um papel funcional, é ao mesmo tempo estado

47 Lacan, J. (2007). *El Seminario. Libro 20*, aula 3. Buenos Aires: Paidós. (Tradução nossa).

48 A letra, apesar de sua ausência de sentido, produz uma discursividade e é condição para a formalização de qualquer ciência: “pois, escrever que a inércia é  $MV^2/2$  —  $MV$  ao quadrado sobre 2 — o que quer dizer? Se não é que, seja qual for o número de pessoas que ponhamos sob estas letras, estamos submetidos a um número de leis.” (Lacan, *Seminário 20*, aula 10) (Tradução nossa).

49 No livro citado e também considerando algumas referências de seu livro *Vacio y plenitud*.

50 Pintura, poesia, música, teatro e também as práticas relativas ao campo fisiológico: a representação do corpo humano, a ginástica Tai Chi Chuan, a acupuntura.

supremo da origem e elemento central no mecanismo do mundo das coisas. O vazio é o fundamento mesmo da ontologia taoísta. Antes de “céu-terra” é o “não haver”, o “nada”, o “vazio”.

O filósofo Byung-Chul Han comenta que:

... para a sensibilidade oriental nem a constância do ser, nem a perduração da essência fazem o belo. Não são nem elegantes nem belas as coisas que persistem, subsistem ou insistem. Belo não é o que se sobressai ou se destaca, mas o que se retrai ou cede; belo não é o fixo, mas o flutuante. Belas são coisas que levam as pegadas do nada, que contêm em si os rastros de seu fim, as coisas que não são iguais a si mesmas. Belo não é a duração de um estado, mas a fugacidade de uma transição. Belo não é a presença total, mas um aqui que está revestido de uma ausência.<sup>51</sup>

A cultura do longínquo oriente se caracteriza pela **ausência**, em contraposição à cultura ocidental, que defende a **essência**. A essência é substância, o que subsiste, o imutável; o Um, que resiste ao Outro. O Ser, como exigência, **não** domina o pensamento chinês. A falta de essência no pensamento oriental está associada ao caminhar, ao não habitar. O andarilho se esquece de si mesmo, nada deseja, não se aferra a nada, e não deixa pegadas. Só o ser gera marcas.<sup>52</sup> E **o pensamento é um estar do qual não participa ninguém; o falante está ausente**.<sup>53</sup> No ocidente, o acontecimento é pensado com sujeito, no oriente sem ele; e sem direção.

Até aqui já temos elementos suficientes para interpretar o porquê da recomendação de Lacan do estudo da escrita poética chinesa para saber o que é uma boa interpretação analítica. Está claro que não sugere fazer poesia como modo de intervenção, mas que, sobre a poesia que é o falar, realizar uma escritura formal do que o texto afirma. A possibilidade de que as interpretações assumam uma forma similar à da escrita chinesa permite introduzir o vazio ou furo que faz advir as possíveis outras leituras semânticas além daquele discurso coagulado lido univocamente. Evidentemente, isso não implica romper o sentido de qualquer maneira e cair em um sem-sentido, mas sim responder a uma leitura formal estrutural que terá uma direção.

Para não contar tudo o que diz o livro – recomendo muito sua leitura –, limito-me a nomear certos procedimentos que permitem que a escrita chinesa seja ambígua, polissêmica, estruturada, sem

---

51 Byung-Chul Han (2019). *Ausencia. Acerca de la cultura y la filosofía del Medio Oriente*. Buenos Aires: Caja Negra. p. 136. (Tradução nossa).

52 Na Coreia, por exemplo, não se diz “penso que”, mas algo como “a ideia fez morada em mim” (embora tampouco seja de todo correto, porque falta subjetividade à formulação coreana, falta sujeito).

53 Em vez de “Veja o mar” se diz algo como “a vista do mar existe”. O “isso fala” parece articular com outro discurso que não é o do mestre. O sujeito está presente na oração às vezes, mas é alheio ao indivíduo, à pessoa.



protagonista, onde a relação com o Outro é intrínseca ao sistema. Ao ser semelhante à escrita da fórmula e da álgebra de Lacan, pensar nestes procedimentos será de utilidade para pensar nas nossas intervenções.

A poesia chinesa tem uma gramática poética específica; a função condiciona a língua. O conciso e o abstrato dessa escrita conduz a uma **ambiguidade bastante especial**: não quer dizer que uma determinada expressão, ou uma frase concreta, deixem a dúvida no leitor de uma correta interpretação do que o escritor queria dizer, nem que o leitor tenha que escolher uma das possíveis interpretações, nem que o poeta tenha querido abandoná-lo diante da possibilidade de escolher entre distintas interpretações. **Mas sim que o poeta quer comunicar simultaneamente uma multiplicidade de significados**. Qualquer interpretação seria unilateral e incompleta.

A escrita não é denotativa, está formalizada, não é unívoca, não encerra o sentido, não tampona, não significa. Responde a uma estrutura, a uma legalidade cujo elemento mínimo é a letra com um jogo combinatório de relações.

**Como se manifesta o vazio na escrita poética chinesa?** 1) mediante a supressão de certas palavras gramaticais – chamadas palavras-vazios – e 2) mediante a instituição, dentro de um poema, de uma forma original: o paralelismo.

- 1) O vazio é levado a cabo através do jogo sutil entre as palavras plenas e as palavras vazias. A **ausência de pronomes pessoais** na poesia é completa;<sup>54</sup> há também supressão de indicadores pronominais, o que faz com que o discurso objetivo e/ou descritivo coincida com o discurso interior e ao mesmo tempo haja **um diálogo incessante com o outro**. **Ao não haver protagonista**, o poeta procura criar a consciência de que **o outro nunca está do lado oposto**. Com a elipse das pessoas verbais, o homem fala através das coisas, criando uma linguagem ambígua – ausência de *shifter*. Combinado também com a **elipse de preposições e comparativos**, esvazia-se o verbo de qualquer indicação de direção, o que suscita uma linguagem reversível, na qual sujeito e objeto, fora e dentro, estão em uma relação de reciprocidade.

Introduzo apenas um exemplo para dar uma ideia, mas sugiro consultar os livros citados para um estudo mais exaustivo do sistema de escrita poética chinesa. O poema seguinte nos mostra o poeta quando vai visitar um ermitão:<sup>55</sup>

---

54 Há versos onde um “eu” e um “tu” estão implícitos no poema, sem que, em nenhum momento, sejam usados pronomes.

55 Com a limitação que tem o estar “traduzido”.

Um caminho / atravessar muitos lugares  
 Líquenes-musgos / perceber sandálias pegadas  
 Nuvens brancas / rodeando ilhota aprazível  
 Mato profuso / travando porta vã  
 Chuva passada / contemplar pinheiros cor  
 Colina contínua / alcançar água manancial  
 Córrego flor / revelar Chan espírito  
 Frente a frente / já fora de palavras<sup>56</sup>

O tempo verbal é expresso por meio de elementos adjuntos ao verbo, tais como advérbios, sufixos ou partículas modais ou de tempo; **não existem as conjugações verbais** – sou, és, é, somos, etc.–; os verbos costumam estar no infinitivo. Então, para expressar a pessoa verbal, elas devem estar sempre acompanhadas de um pronome.

A introdução do vazio na escrita poética chinesa afeta também o desenvolvimento linear do tempo, introduzindo um movimento circular que entrelaça o sujeito com o espaço originário; o vazio jaz ao mesmo tempo na origem e no seio de cada coisa – objeto *a*. O vazio favorece a interação, e ainda a transmutação entre céu, ligado ao espaço; e terra, ligada ao tempo, por isso, entre espaço e tempo.

A consequência de todas estas elipses é a diminuição das obrigações sintáticas, reduzidas a umas quantas regras mínimas, que é o mesmo que Lacan propõe sobre a escritura que temos que fazer. A forma na qual se agrupam as palavras permite decidir qual é o sentido. Os substantivos e os verbos, assim como certos advérbios, adquirem uma grande mobilidade combinatória. Como as palavras são invariáveis, a forma de uma palavra não indica a que classe pertence, incrementando o jogo entre o nominal e o verbal, e introduzindo na língua a dimensão do vazio.

2) **O paralelismo** se baseia na alternância ou oposição de versos paralelos – emparelhados ou dísticos –<sup>57</sup> e versos não paralelos que, por sua organização interna especial, introduz uma ordem

---

56 (Tradução nossa).

57 Estrofe de dois versos que rimam entre si em forma consonante ou dissonante. Também faz referência a começar os versos ímpares com uma mesma palavra e os emparelha com outra diferente que irá se repetindo. Utilizando paralelismos, pode-se repetir a mesma construção de versos.

Por exemplo:

distinta na progressão linear da linguagem, uma ordem autônoma que gira sobre seu próprio eixo, na qual os signos se correspondem e se justificam uns aos outros. Estes procedimentos, pela descontinuidade e reversibilidade que engendram na programação linear e temporal da linguagem, criam uma relação aberta de reciprocidade entre o sujeito e o mundo objetivo, permitem o processo de interiorização e de transformação mediante os quais cada coisa realiza sua identidade e sua alteridade, e com isso alcança a totalidade. Apesar da afirmação de uma ordem semiótica que contém sua própria negação, os signos continuam de pé, permanentes, invariáveis, independentes da mudança fonética.

No nível prosódico – investimento de certa sílaba –, o vazio é introduzido com o contraponto tonal e o paralelismo dos versos da “poesia regular” (oitava), que instaura a interação dialética entre Yin e Yang. A ordem fônica envolve o estudo da cadência, a rima, o contraponto tonal e os efeitos musicais.<sup>58</sup> No livro de Cheng, tudo está bem explicado; o que importa para nós é esse canto que Lacan mencionava e que se produz no dizer, que se impõe pela legalidade da estrutura – desligada do ser e sim, ligada ao entorno, ao Outro, às ideias filosóficas que sustentam seu mundo.

O conjunto que formam os signos, amortizando-se ou opondo-se, prova o sentido.

No **nível simbólico**, o vazio na poesia se manifesta nas imagens metafóricas retiradas da natureza, pela transferência de sentido e o movimento de ida e volta entre sujeito e objeto que implicam.<sup>59</sup> As imagens não são elementos que arrematam a posteriori uma linguagem pré-estabelecida, mas sim que constituem as fundações dessa linguagem e participam ativamente de sua estruturação.

O conjunto formado pelos ideogramas, pelos vínculos que estes mantêm com as coisas e entre si, constitui um sistema metafórico-metonímico.

---

As flores perfumadas      enchem o campo  
As andorinhas inquietas      cruzam os ares.

<sup>58</sup> A rima cai sempre nos versos pares, com exceção, às vezes, do primeiro verso. Os versos ímpares não têm rima, (outra oposição estrutural). O poeta tem que escolher para a rima uma palavra de tom “plano”, o tom mais uniforme e longo dos quatro tons de chinês antigo, e os tons “obliquos” (o “ascendente”, o “de ida” e o “de volta”). Este contraponto tonal gera pequenas colisões: a cesura é como uma parede contra a qual batem as ondas rítmicas: disso resulta uma força inversa que gera um ritmo contrário e suscita o movimento dinâmico do verso, e sintaticamente agrupa as palavras do verso em dois segmentos distintos que se opõe ou que mantêm vínculos de causa e efeito. Trata-se de um movimento que gira sobre si mesmo. Cada elemento, uma vez surgido, “volta” e remete em seguida ao seu contrário situado no outro extremo da figura e que surgiu primeiro. Jogo de perseguição (**perseguição de um eu sempre outro?**) ao par fora e dentro, no tempo e fora do tempo.

<sup>59</sup> Ver Op. Cit. Fenallosa, p.18.

**Exemplos de “figuras” metafóricas comuns na língua:**

- Ideogramas – ou caracteres – compostos de dois elementos: coração + outono = melancolia, tristeza; homem + palavra = confiança, fidelidade.
- Termos de dois caracteres que formam metáforas: tambor-dança = incentivar, incitar; lança-escudo = contradição

**Sintagmas que formam expressões simbólicas:** polvo vermelho: coisas deste mundo, vaidade da glória; vento primaveril: êxito, satisfação; pinheiro verde ou bambu reto: retidão, pureza. Estas estruturas permitem prescindir do discurso-comentário e unir, com grande economia, a consciência subjetiva e os elementos do mundo objetivo.

A poesia chinesa tem suas leis, sua estrutura. Podemos fazer uma tradução literal dos ideogramas nos poemas e depois podemos fazer uma interpretação, mas isto não chegará a dizer o que o poema diz. Os ideogramas têm uma presença mais intensa, laços aparentes ou explícitos que se costuram uns aos outros e orientam o sentido do poema em muitas direções diversas. **O que é o intraduzível? Aquilo que a letra não conseguiu transcrever, mas sobretudo aquilo que a letra acrescentou à língua.**

A interpretação analítica tenta furar o texto cuja significação é unívoca.

O significado não está relacionado com o que se escuta, mas com o ato de ler no que se escuta. O que se escuta é o significante, o significado é o efeito do significante [...].

[...] **chamamos interpretar a esse ler o que se fala.** Se é possível interpretar, no sentido de produzir um ato pelo qual converte o significante na letra e gera por essa via a significação, é evidente que esta não provém da fórmula proposta pelo fantasma (o que dá matéria à poesia, dizia antes Lacan na citação), segundo a qual estaria determinada, em cada um de nós, pelo modo particular em que se inscreve  $\$ \diamond a$ . Ali fica fixada a significação para nós, na medida em que **o atravessamento do fantasma implica o ato de ler o que é dito**, leitura que necessariamente irá modificando a significação. [...] **a fórmula não tem significação *per se***, quer dizer que o mais próximo que se pode chegar, em relação ao desejo, é o ato mediante o

---

qual se interpreta o que isso diz [...]. Foi feito um axioma dessa frase que oculta a castração do Outro. Por quê? Porque aí o significante significaria.<sup>60</sup>

Nosso trabalho é ler/escrever o texto analítico, a escritura que mantém o discurso.

A escrita poética chinesa se faz escrevendo, com os elementos mínimos dentro de uma estrutura com elementos e legalidades definidos, todos eles invariáveis. Escrita que trabalha à maneira da letra. Nós, ao estudar os procedimentos de escrita, podemos apreendê-la para interiorizar um modo de interpretar/escrever, traçar ou resolver o discurso de maneira ambígua, com seu vazio interno.

Então, “**interpretação poética**” não faz alusão, em Lacan, a fazer poesia. Mas sim, primeiro, a pôr em função a poética que a linguagem tem por estrutura que, como vimos, não é exclusividade da poesia e, além disso, e principalmente, que se sustente em uma escritura estrutural. Ele diz que, para nós, a interpretação tem que se apoiar na técnica da frase engenhosa – equívoco, chiste. Para tanto, escrevemos, formalizamos a estrutura mínima relacional significante – a letra – que mantém o assunto, colocando em função o vazio ou furo, para fazer balançar o já significado, e intervimos a partir daí com a ambiguidade necessária para que não volte a se preencher com o sentido, com a “poesia”, com a razão, etc.

A intervenção tem que cair no intervalo, para ver como esses termos se articulam. Encontrar, no dito, as possíveis combinações significantes para interpretar o dizer. Fazer uma intervenção cuja estrutura contemple a possibilidade de combinar os significantes de maneira tal que sejam geradas tensões entre opostos, um furo interno, que os elementos possam participar de outra cena além da significada, e que desvende a estrutura que mantinha o padecer. Por em tensão certas consistências imaginárias para restituir a dimensão da verdade foracluída ao campo do saber, um ato, um efeito “poético” resultante da estrutura<sup>61</sup> ficando implicado um impossível – ou um real – que possa produzir uma mudança de realidade. E isso é aleatório, porque é de cada caso.<sup>62</sup> A leitura/escritura do que sustentava o discurso a interpretação – via outra lógica – pode fazer advir uma verdade fora da lógica do sentido. Efeito surpresa.

---

60 Eidelsztein, A. (2004). Seminario dictado en la UBA: *La lógica del fantasma*. Inédito. (Tradução nossa).

61 Como as estruturas clínicas em Lacan, que são padrões de leitura puramente formais, não têm conteúdo já determinado por uma experiência. Ou outra ferramenta de leitura como são as instituições (o que pode dizer de sua família, religião, filhos, trabalho, dinheiro, moradia, cônjuge, drogas, escolaridade, etc.).

62 Na clínica da palavra — não do significante — isso não é possível (ou na poesia que imaginamos, segundo Lacan), o material ali é o que diz o paciente, não há mais do que isso.

Nossas intervenções têm que ter uma boa direção e apontar o fechamento – bucle/dupla volta – do assunto, envolvendo o objeto *a*, respondendo à estrutura em jogo e não a uma polissemia infinita indefinida.

A letra tem uma primazia sobre o significante – em um sentido lógico –; ao se definir como uma unidade mínima, indivisível, localizada e diferencial – puro traço – em sua combinatória produz o significante do qual dependem os efeitos de significação, é produtora de sentido. E, na medida em que carece de sentido, é o objeto teórico mais adequado para a formalização, suporte do matema. Lacan produz o matema para contrariar a verdade do ser, do recheio de sentido, da extrema singularidade, que não articula nada.

---

**BIBLIOGRAFIA**

- 1- Baldovino, L. (2020). Tres toros anudados: otra especie de espacio. *El Rey está desnudo*, nº16, em <http://www.apola.com.ar/apola.asp>
- 2- Byung-Chul Han (2019). *Ausencia. Acerca de la cultura y la filosofía del Medio Oriente*. Buenos Aires: Caja Negra.
- 3- Cheng, F. (2003). Lacan y el pensamiento chino. Em *Lacan, el escrito, la imagen*, Varios autores, Buenos Aires: Ediciones del Cifrado.
- 4- Cheng, F. (1977). *La escritura poética china*. España: Pre-textos.
- 5- Eidelsztein, A. (2004). Seminário apresentado naUBA: *La lógica del fantasma*. Inédito
- 6- Kristeva J. (1988). *El lenguaje, ese desconocido*. Madrid: Fundamentos.
- 7- Lacan. J. (1966). *Seminario 14*. Inédito.
- 8- Lacan. J. (1976/77). *Seminario 24*. Inédito.
- 9- Lacan. J. (1977/78). *Seminario 25*. Inédito.
- 10- Lacan. J. (2007). *El Seminario. Libro 20*. Buenos Aires: Paidós.
- 11- Montesano, H. (2021). *Texto clínico. Un nuevo género de discurso*. Buenos Aires: Letra Viva.

**GABRIELA MASCHERONI**

Psicanalista. Membro da APOLa Sociedade Psicanalítica.

Autora de *Los neologismos de Lacan. Una teoría en acto* (2014) e coautora de *La mujer y lo femenino. Un discurso disruptivo desde el psicoanálisis de Lacan*. (2020)

e-mail: [g\\_mmasch@yahoo.com](mailto:g_mmasch@yahoo.com)





## ***Parlêtre*, um dispositivo do discurso da psicanálise.**

***Parlêtre*, a device for psychoanalysis discourse.**

HAYDÉE MONTESANO

### **RESUMO:**

Com base na afirmação de Lacan de que "não há relação (proporção) sexual", surge como questionamento se a criação do neologismo *parlêtre*, em seu ensino, pode ser considerada uma resposta à instituição cultural que defende a existência do filho como o termo que resolve a impossibilidade de escrever a relação (proporção) sexual. Proponho pensar este termo como um dispositivo do discurso da psicanálise que inscreve a diferença com as noções do indivíduo, pessoa e sujeito dividido.

**PALAVRAS-CHAVE:** *parlêtre* - inconsciente - sexualidade - neologismo

### **ABSTRACT:**

Based on Lacan's statement: "there is no sexual (proportion) relationship ", it arises as a question whether the creation of the *parlêtre* neologism in his teaching can be considered a response to the cultural institution that supports the existence of the child as the term that solves the impossibility of writing the sexual (proportion) relation. I propose to think of this term as a device of psychoanalytic discourse that inscribes the difference with the notions of individual, person, and divided subject.

**KEY WORDS:** *parlêtre* - unconscious - sexuality - neologism

### **Introdução**

O que proponho compartilhar hoje é parte de uma investigação gerada a partir do que foi oportunamente apresentado na APOLa, e que me permitiu traçar um percurso acerca das derivações da expressão “a realidade sexual do inconsciente”; assim como da determinação simbólica sobre as formas nas quais se apresenta a sexualidade em diferentes épocas, sob uma perspectiva histórica; neste caso, fundamentada no livro de Louis-George Tin, *La invención de la cultura heterosexual*.

Dando um passo a mais, ficou evidente que, em boa medida, a lógica do proposto deve avançar em direção à afirmação de Lacan: "não há relação (proporção) sexual". Pensemos sobre as razões.

Alguns dos aspectos trabalhados se articularam com o problema fundamental, no ocidente moderno, a respeito do **ser** e seu particular entrelaçamento à sexualidade, ali onde a fundamentação biológica naturalista estabelece o registro ontológico quanto a: **ser homem** ou **ser mulher**, conforme uma inquestionável anatomia atada às funções reprodutivas.

Nessa perspectiva, a divisão sexual para garantir a continuidade da espécie implica a copulação entre os dois polos formulados na classificação que, tal como diz Lacan: "a tradição secular se empenha em caracterizar como um polo macho e um polo fêmea",<sup>1</sup> estabelecendo esta divisão como suporte da reprodução.

Portanto, a partir desse ideal de complementares que tende a manter a ilusão do Um, entra na conta o produto que fecha a unidade da copulação: o filho.

Nesse mesmo sentido, no mito do andrógino,<sup>2</sup> apresentado por Aristófanes em *O Banquete*, que define o amor como aquilo que fecha a proporcionalidade, é estabelecido o lugar de um terceiro termo – o filho, o amor – que tende a escrever a existência da relação proporção sexual.

No entanto, este ideal é posto em questão, no ensino de Lacan, em diferentes momentos e a partir da conceituação do quarto termo: o falo. Surgem – a respeito desse termo – divergências cruciais entre a proposta freudiana e a letra de Lacan e, embora não seja o núcleo no qual penso me deter nesta apresentação para não a estender demais, saliento que este é um aspecto fundamental desta investigação. Apenas introduzo que, se para Freud, o falo tende a se assemelhar ao pênis, vemos então como "a inveja do pênis" gera o interesse de uma mulher por ter um filho, dada a equivalência pênis = bebê.

De outro ponto de vista, o falo, no ensino de Lacan, é pensado sob diferentes perspectivas, segundo a articulação conceitual que esteja em jogo, mas nunca é equiparado ao pênis. Como María Inés Sarraillet especifica bem:

---

1 Lacan, J. (1993). *El seminario. Libro 11*. Buenos Aires: Paidós. p.156. (tradução nossa).

2 O mito se refere — na versão de Aristófanes — à razão de existir do amor. Fala da antiga natureza humana que incluía um terceiro sexo: o andrógino, composto pelos dois sexos integrados em uma mesma pessoa. Estes seres desafiavam os deuses e, por esse motivo, são castigados com a separação. A partir desse momento, cada um busca a metade que lhe corresponde, e é o amor que os reúne, voltando a ser um.

---

A noção lacaniana de falo abarca um campo semântico cultivado pelo trabalho da língua e sua sedimentação na cultura.<sup>3</sup>

É sob a lógica da função significante que o falo se articula ao desejo do Outro em uma das versões possíveis do **objeto a** se inscrevendo em um sistema de relações que incluem o Outro e o  $\mu$ , derivando na condição na qual o lugar do filho se inscreve como termo valorizado.

### **Proposta de pesquisa sobre *Parlêtre***

A partir do que foi sugerido na introdução, a proposta é abrir uma linha de pesquisa que considere a possibilidade de articular a noção de *parlêtre* com a função que sustenta o terceiro termo: filho, considerando que isto inclui o quarto termo, falo.

Para organizar o percurso que proponho, utilizei como ponto de partida uma citação de Lacan, da aula do dia 17/12/74, pertencente ao Seminário 22:

Falo aqui da debilidade mental dos sistemas de pensamento que supõem [...] a metáfora da relação sexual, não ex-sistente sob nenhuma forma, sob a da copulação, particularmente "grotesca" no parlêtre, que é considerado "representar" a relação que eu digo que não ex-siste humanamente.<sup>4</sup>

A citação em questão permite afirmar que a introdução do neologismo *parlêtre* implica uma necessidade lógica em termos conceituais, localiza uma função que responde a um problema particular. Para poder avançar neste ponto, proponho a seguinte hipótese: a criação do neologismo *parlêtre*, no ensino de Lacan, pode ser considerada uma resposta à instituição cultural que sustenta a existência do filho como termo que resolve a impossibilidade de escrever a relação (proporção) sexual. Proponho pensar este termo como um dispositivo do discurso da psicanálise que inscreve a diferença com as noções de indivíduo, pessoa e sujeito dividido.

---

3 Sarraillet, M. (2020) La cuestión del falo en Lacan, em *La mujer y lo femenino. Un discurso disruptivo desde el psicoanálisis de Lacan*. Buenos Aires: Prometeo. (Tradução nossa).

4 Lacan, J. (1974). *El seminario 22:R.S.I*. Versión EFBA Inédito. (Tradução nossa).

Para levar esta hipótese em consideração no desenvolvimento a seguir, uso como referência a noção de *parlêtre* estabelecida por Alfredo Eidelsztein no livro *Otro Lacan*, para depois revisar o problema sob a perspectiva dos discursos a partir do ensino de Lacan.

O contexto do tratamento que Eidelsztein realiza sobre *parlêtre* se inscreve na desconstrução que ele lê, no ensino de Lacan, a respeito da vertente ontológica do **ser**.

No ano de 1974, Lacan introduz este termo, que aparece com certa insistência nos anos seguintes em seus seminários e conferências.

A análise que propõe nosso autor de referência se organiza em dois níveis. Por um lado, a condição mesma do termo, enquanto neologismo e, por outro, a desconstrução do campo semântico que este implica.

O fato de ser um termo neológico faz parte da frequente manobra epistemológica de Lacan de introduzir noções que evidenciam a novidade conceitual em jogo; neste caso, é a desconstrução crítica à noção de **ser falante**, que sugeriria o **falante** como uma propriedade de um certo **ser**. De algum modo, indica a condição paradoxal:

... já que: há ser, mas não é idêntico a si mesmo, nem um, nem substancial, material ou tridimensional, mas apenas como criação da linguagem.<sup>5</sup>

É nesse sentido que Eidelsztein propõe traduzir *parlêtre* como: *hablanser* [falanser], de tal modo que se dissipe o problema de um **ser** prévio enquanto tal, indicando que este é efeito de linguagem. E, por sua vez, o plural em *hablan* [falam] implica tanto a imissão de Outridade, como também sua articulação ao inconsciente como discurso do Outro. Derivado desta formulação – o inconsciente é o discurso do Outro –, Lacan propõe *parlêtre* como substituição ao inconsciente.

## Discursos

Abro esse tópico com uma citação de Lacan do Seminário 20, na qual me apoio para desenvolver essa investigação sob a perspectiva do discurso. Antes da citação, esclareço

---

<sup>5</sup> Eidelsztein, A. (2015). *Otro Lacan. Estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis*. Buenos Aires: Letra Viva. p.196. (Tradução nossa).

que ela vem de um parágrafo anterior em que a relação sexual é situada como uma suposição:

Somente suposta [a relação sexual], pois enuncio que o discurso analítico só se sustenta com o enunciado de que não há relação sexual, de que é impossível formulá-la. Isso é o que sustenta o avanço do discurso analítico, e por aí é como determina qual é realmente o estatuto de todos os demais discursos.<sup>6</sup>

Neste sentido, considero que é possível introduzir a lógica e a espacialidade topológica que sancionam, a partir do discurso da psicanálise, as condições do discurso do mestre, que já antecipo, é de nosso interesse para este tema. Assim sendo, vale lembrar que Lacan propõe o discurso do mestre como o inconsciente, mas entendo que também é possível acrescentar que trata-se do inconsciente que inclui efeitos da teoria freudiana.

Introduzo brevemente os dois eixos que fundamentam e fornecem argumentos ao que foi dito; trata-se da psicanálise ao avesso e o reverso da psicanálise.

*A psicanálise ao avesso, achei que deveria dar título a este seminário [...] fiz alusão muito precisa, ou mais exatamente caracterizei, que tem sido o discurso – como eu me expressei – de uma retomada do projeto freudiano ao avesso.<sup>7</sup>*

Como ponto de partida, apresento esta afirmação de Lacan, justamente do início do Seminário 17. Tal como ele mesmo acreditou, segundo pode ser lido na frase destacada, o título do seminário é: *O avesso da psicanálise*.

A edição em espanhol, enfatiza a escolha do termo *reverso* [reverso], dado que depois de aceito: "projeto freudiano ao avesso", foi incluída a frase – ausente no texto em francês não estabelecido – "voltar a tomá-lo pelo reverso". Apesar disso poder ser considerado um detalhe mínimo, não o levar em conta seria subestimar um matiz importante; não é o mesmo que avesso. O **reverso** implica uma cara oposta à outra principal, mas também estabelece sua existência na simultaneidade. Se o reverso da **cara** de uma moeda é a **coroa**,

6 Lacan. J. (1995) *El seminario. Libro 20*. Buenos Aires: Paidós. pp.16-17. (Tradução nossa).

7 Lacan. J. [1970] *El seminario. Libro 17*. staferla.free.fr, p.6. (Tradução e grifo nossos).

---

esses dois lados coexistem ao mesmo tempo e no mesmo momento em que se faz a cunhagem da moeda. Já o advérbio *al revés* [ao avesso] significa: ao contrário ou invertendo a ordem; portanto, isso implica uma certa ação sobre algo, que além disso pode ocorrer posteriormente. Para ser mais preciso, o termo usado por Lacan em francês é: *à l'envers*, cuja tradução, [ao avesso], não apresenta dúvidas, uma vez que se trata de um advérbio e não do substantivo *l'envers*.

Considerando o precedente, que se refere à primeira aula do seminário, e somado aos desenvolvimentos que podem ser lidos nas aulas seguintes sobre os quatro discursos, é possível levantar a hipótese de que é válido pensar na coexistência, na obra de Lacan, de dois sentidos possíveis que sustentam por um lado **o projeto freudiano ao avesso** e, por outro, a condição de **reverso**. Esta última, proposta por Lacan em relação aos **giros** necessários para passar de um discurso a outro; para entendê-lo, temos que considerar a escritura dos matemas da estrutura de cada um deles. Trata-se do reverso construído no giro possível em um espaço topologicamente estabelecido e na temporalidade do bucle significante. Espaço-tempo que difere do reverso tridimensional e simultâneo dos dois lados da moeda.

A primeira indicação é a de que o reverso da psicanálise é o discurso do mestre; esta ideia pode ser sustentada tomando como fundamento a estrutura na disposição dos quatro termos em cada uma das fórmulas do discurso do mestre e do discurso da psicanálise. A produção do reverso é efeito de uma simetria que se constrói como **contraponto**, portanto, a relação é proposta com um ponto, não com uma linha ou um plano – tal como esclarece Lacan. Para ser mais preciso, acrescenta: "...é obtido dando uma **reviravolta** a este discurso do mestre".

Para dar a esta ideia seu devido alcance, é necessário revisar algumas condições.

Uma característica do discurso do mestre – segundo o que foi desenvolvido por Lacan em aulas precedentes – tanto em relação à tradição filosófica quanto à atualidade que o apresenta no nível da política, pode ser sintetizada na ideia de "abranger tudo"; inclusive o que se acredita ser uma revolução, a da tradição romântica, acrescenta Lacan.

Esta indicação, que enfatiza o tema da revolução, além de uma certa ironia sobre as revoluções de cunho político, cumpre a função de aclarar uma diferença chave. Uma forma de entender a revolução é aquela volta que retorna ao ponto de partida, portanto, não está sendo produzido algo diferente, o outro.

Nesse sentido, a revolução que o discurso do mestre realiza é uma volta que não gera passagem a outra condição além daquela de continuar como **Mestre**.

O percurso como a volta que se propõe em relação ao **contraponto** que articula o discurso do mestre com o da psicanálise, diferente daquele que retorna ao mesmo ponto, é um percurso efeito do **meio giro**, uma vez que são dois quartos de giro necessários para chegar, a partir do discurso do mestre, ao da psicanálise. O meio giro proposto em relação ao **ponto** mencionado por Lacan, no que diz respeito ao **contraponto**, realiza uma **semitorção**.

É nesse sentido que se evidencia o motivo de argumentar que é **um ponto** engendrado pelo meio giro – os dois quartos – que se faz necessário para operar a produção de um reverso. O que se deve esclarecer é o que implica o percurso de uma volta completa em relação à simetria que este ponto impõe. Dito em termos precisos, é o percurso que estabelece uma banda de Moebius.

O que interessa resgatar é que a proposta de Lacan mostra que a estrutura da banda de Moebius é a **mesma** que a do **reverso** na espacialidade do discurso.

O que foi apresentado permite apreender a espacialidade topológica do movimento discursivo. Contudo, em relação ao **fato de dito**, é necessário acrescentar que o **giro** que se engendra no **contraponto** é um fato de discurso, pelo que se pode deduzir que o reverso não está dado *per se*; necessariamente, no sentido lógico do termo, é um efeito de **dito** discursivo.

Este item, que percorreu metodologicamente o questionamento sobre o discurso da psicanálise no nível da estrutura topológica, permite propor algumas conclusões.

Uma primeira conclusão indica que a análise realizada sobre as citações de Lacan, centradas fundamentalmente no momento em que a formalização do discurso da psicanálise marca o seu ensino, revela uma tensão entre: "o projeto freudiano ao avesso" e o estatuto de **reverso** que se produz a partir da perspectiva dos discursos formalizados.

A tensão parece se localizar na passagem que articula o plano do efetivamente enunciado como proposta conceitual da teoria de Freud e a de Lacan, no nível da estrutura proposta a partir da fórmula do discurso da psicanálise. Contudo, tal tensão é solucionada na produção da escritura das fórmulas, na medida que a posição teórica sustentada pelo dizer: **a psicanálise ao avesso**, permite lê-lo como antecedente – na temporalidade do bucle

---

futuro anterior – para o advento da formalização dos discursos e a devida construção do **reverso** como localização específica da combinatória dos elementos nos lugares articulados nos quadrípodos.

A partir do que foi desenvolvido, torna-se possível começar a trabalhar com a ideia da relação que existe entre o inconsciente estabelecido por Freud em correspondência com regime do discurso do mestre e como isso é efeito do dizer do discurso da psicanálise. Apresento duas citações da aula do dia 18/02/70 para fundamentar esta ideia:

Por mais bobo que seja, este discurso do inconsciente corresponde a algo que depende da instituição do próprio discurso do mestre. Isso se chama inconsciente<sup>8</sup>

O que sabiam como etnógrafos era mais ou menos o próprio do jornalismo, mas seu inconsciente funcionava de acordo com as boas regras de Édipo. Era o inconsciente que lhes haviam vendido junto com as leis da colonização, forma exótica, regressiva, do discurso do mestre, frente ao capitalismo que chamam de imperialismo. Seu inconsciente não era o de suas lembranças de infância – isso era palpável –, mas sua infância era vivida retroativamente com nossas categorias familiares.<sup>9</sup>

Estas duas citações pertencem à aula na qual Lacan sinaliza sua diferença com Freud, não somente a respeito do complexo de Édipo, mas também ao questionamento sobre a condição de mito, tal como Freud o estabelece, respondendo a partir da estrutura; o que volta a colocar em destaque a diferença entre o inconsciente como produto do recalque que opera sob o cálculo de conteúdos de caráter universal e o inconsciente estruturado como uma linguagem, ao que se acrescenta "como discurso do Outro", que se articula com o discurso do mestre.

---

8 Lacan, J. (1992) *El seminario. Libro 17*. Buenos Aires: Paidós. p.96. (Tradução nossa).

9 *Ibidem*. (Tradução nossa).



### Primeiras conclusões

Este breve percurso aposta apenas em traçar algumas pontuações que pretendem ser abertas, investigadas e devidamente desenvolvidas. Portanto, estas primeiras conclusões deixam conexões teóricas propostas em seu ponto de partida.

Por um lado, se – como lemos na pesquisa de Alfredo Eidelsztein – *parlêtre* é o inconsciente freudiano, trata-se de uma operação efeito do discurso da psicanálise na tensão do avesso e reverso, segundo o apresentado em relação ao discurso do mestre.

Por sua vez, tal como proposto na investigação prévia, a tendência do ocidente moderno é estabelecer o casal conjugal como a condição garantidora da existência, não só da perpetuação da espécie, mas também introduzindo o querer ou desejar um filho, segundo sejam os matizes discursivos. Sendo assim, a causa existencial reside nas condições resultantes de tal querer ou desejar. Neste sentido, podemos propor que a psicanálise trabalha com esta apresentação, que aloja na particularidade essa marca de ordem simbólica. A partir disso, podemos ler duas citações de Lacan:

Não há outro trauma do nascimento além do nascer como desejado. Desejado ou não, dá no mesmo, posto que se dá pelo ser falante [*parlêtre*].

O ser falante em questão se divide, em geral, em dois falantes. Dois falantes que não falam a mesma língua. Dois que não se escutam ao falar. Dois que não se escutam, e ponto. Dois que se conjuram para a reprodução, mas a partir de um mal-entendido consumado, que seu corpo transmitirá com a chamada reprodução.<sup>10</sup>

É pelo fato de ter nascido deste ventre e não por outra parte que um certo ser falante ou ainda isto, que chamo por enquanto, isto que designo com o nome de Parlêtre, o que aparece como outra designação do inconsciente, é de haver nascido de um ser que o desejou ou não desejou, mas que, por este único fato, situa-o de uma certa maneira na linguagem, que um Parlêtre se encontra excluído de sua própria origem, e, a audácia de Freud nesta ocasião, é simplesmente dizer que há, em alguma parte, a marca no sonho em si.<sup>11</sup>

---

10 Lacan, J. (1980-1981). *Seminário XXVII*. Versão inédita. (Tradução nossa).

11 Lacan, J. (1975-01-26). *Réponse de Jacques Lacan à une question de Marcel Ritter*. Em Pas-tout-Lacan, [ecolelacanienne.net](http://ecolelacanienne.net). (Tradução nossa).

Embora o *parlêtre* seja uma formulação ligada ao inconsciente freudiano, com tudo o que isso implica, será o discurso da psicanálise que o formula como dispositivo na necessidade de introduzir uma categoria distinta do sujeito dividido entre saber e verdade, com sua específica articulação ao campo do desejo. É diferente do indivíduo, que, sem atenuantes, é definido como o Um garantidor da cópula, enquanto produto certo da continuidade da espécie na reprodução. Mais ainda, se diferencia da noção de pessoa, definida a partir dos atravessamentos jurídicos e linguísticos que tendem a estabilizar em dita categoria uma posição insuficiente em sua generalidade para articular a particularidade no contexto do sujeito da ciência com o qual a psicanálise opera.

Surgem, por sua vez, perguntas que tornam complexo o proposto e, que, nesta oportunidade, sintetizo assim: será que a posição teórica do inconsciente freudiano, ao recobrar o mesmo sentido de época, inscreve-se na lógica do discurso do mestre? Será um dos pontos chave que o discurso da psicanálise sanciona no **avesso** e **reverso**? Talvez o *parlêtre* seja o dispositivo adequado para abordar este problema.

**BIBLIOGRAFIA**

1. Catelli, P. y otros (2020) *La mujer y lo femenino. Un discurso disruptivo desde el psicoanálisis de Lacan*. Buenos Aires: Prometeo.
2. Eidelsztein, A. (2015) *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva.
3. Lacan, J. (1992) *El seminario. Libro 17*. Buenos Aires: Paidós.
4. Lacan, J. (1995) *El seminario. Libro 20*. Buenos Aires: Paidós.
5. Lacan, J. (1980) Seminário XXVII. Inédito.
6. Lacan, J. (1975-01-26) *Réponse de Jacques Lacan à une question de Marcel Ritter*. Em Pas-tout-Lacan, école-lacanianne.net.

**HAYDÉE MONTESANO**

Doutora em Psicologia, pela Universidade de Buenos Aires.

Psicanalista, membro da APOLa. Integrante da Comissão Executiva.

Docente e pesquisadora da Cátedra Ética e Direitos Humanos. Faculdade de Psicologia, UBA.



## **Pontuações sobre a realidade na obra de Jacques Lacan.**

### **Thoughts on reality in the works of Jacques Lacan**

CARINA RODRIGUEZ SCIUTTO

#### **RESUMO:**

A física quântica e a ciência cognitiva propõem ideias interessantes que questionam nossos conceitos intuitivos de realidade e objetividade. Pretende-se pesquisar a associação do conceito de realidade na obra de Jacques Lacan através de conceitos covariantes para compreender seu funcionamento nas estruturas clínicas. Lacan propõe uma realidade transindividual que depende do campo do inconsciente. A realidade humana adquire sua dimensão a partir da operatória do significante Nome-do-Pai que organiza e funda o Outro como campo simbolizado e legalizado. A realidade alienada percebida do eu depende das condições de estruturação dos significantes da realidade do inconsciente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lacan – realidade - imissão de outridade - estruturas clínicas -topologia - esquema R.

#### **ABSTRACT:**

Quantum physics and quantum cognitive science propose interesting ideas that challenge our intuitive concepts of reality and objectivity. We investigate the articulation of the concept of reality in the works of Jacques Lacan through covariant concepts in order to understand the functioning of reality in clinical structures. Lacan proposes a transindividual reality that depends on the unconscious field. Human reality attains its dimension through the function of the Name-of-the-Father significant, which organizes and grounds the Other as a symbolized and legalized field. The alienated reality, perceived by the I, depends on the conditions that structure the signifiers within the reality of the unconscious.

**KEYWORDS:** Lacan – reality - inmixion of otherness - clinical structures – topology - R scheme.

### **1. Introdução**

Seguindo o programa de pesquisa da APOLa, podemos pensar o inconsciente como uma máquina significante; e a realidade, por conseguinte, pode ser proposta como um de seus efeitos: uma realidade virtual. Esta é uma ideia muito difícil de processar e apresentada

atualmente por alguns cientistas da física e da ciência cognitiva quântica: a realidade propriamente dita é inacessível, e vivemos em uma virtualidade. No entanto, no que diz respeito ao nosso trabalho, esta é uma ideia central para considerar as possibilidades de mudança na análise.

Existe uma realidade na análise? Como se apresenta, articula-se, sustenta-se?

Durante as análises, é possível mudar a realidade de nossos pacientes?

Os filósofos se perguntam, desde sempre, se existe algo fora de nossos pensamentos. Poderíamos traduzir este problema em nosso campo: existe uma realidade fora do campo de nossos pensamentos? A realidade da qual nos ocupamos na psicanálise é de estrutura virtual? Se esta hipótese é possível, podemos pensar como modificá-la, determinar elementos e relações, e introduzir a ideia de outras realidades possíveis.

## **2. Algumas propostas atuais sobre a realidade nas ciências quânticas**

A física quântica e a ciência cognitiva quântica propõem ideias interessantes que questionam nossos conceitos intuitivos de realidade.

### **2.1. Elon Musk: vivemos em uma simulação**

Elon Musk é engenheiro, inventor, empreendedor, formado em física. Definiu seu objetivo pessoal como sendo o de transformar a espécie humana em multiplanetária e postergar sua destruição. No dia 2 de junho de 2016, apresentou suas ideias sobre o impacto atual e o futuro da tecnologia em nossas vidas, nossas comunidades e o mundo, durante a conferência chamada Code, nos Estados Unidos.

Um participante do público perguntou sua opinião sobre a ideia de que uma civilização avançada poderia ter criado uma simulação que seja similar àquela na qual existimos e sobre as consequências desta teoria: estamos em uma simulação?

Elon Musk respondeu que o argumento mais forte proposto atualmente, para pensar que estamos em uma simulação, é que contamos com simulações muito realistas com milhões de pessoas que participam simultaneamente no mundo todo, e que a cada ano são melhores do que no ano anterior. Temos realidades virtuais e, se pensarmos nos jogos, vamos chegar a um momento no qual estes não poderão ser diferenciados da realidade. As possibilidades de que estejamos em uma realidade base (não virtual) é de uma em

bilhões. Musk disse que deseja que esta teoria seja verdade, que vivemos em uma simulação, porque, ou criamos civilizações que são realidades virtuais, ou a civilização vai acabar. No dia seguinte, as notícias simplificaram seu comentário, dizendo que ele estava louco, e que acredita que vivemos em um jogo de videogame.

O cerne de seu comentário foi a ideia de que vivemos em uma realidade virtual. Não é esta ideia similar à proposta por Lacan sobre a realidade na qual vivem os seres humanos? Em seu texto “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, propõe estas ideias sobre o caso Dora de Sigmund Freud:

Outro exemplo notável: quando obriga Dora a comprovar que, nessa grande desordem do mundo de seu pai, cujos danos são objeto de sua reclamação, ela mesma fez mais do que participar dele, que ela se tornou sua engrenagem, e que este não teria conseguido continuar sem sua complacência. Há muito tempo tenho enfatizado o procedimento hegeliano dessa inversão das posições da "bela alma" no que diz respeito à **realidade** que ela acusa. Não se trata de adaptá-la, mas sim de mostrar a ela que já está demasiado adaptada, já que **contribui para sua fabricação**.<sup>1</sup>

Nós vivemos em uma realidade fabricada à qual estamos, como Dora, perfeitamente adaptados? E como ela; sem acesso direto a sua trama, estrutura, funcionamento, determinantes, e ao drama de sua repetição sintomática?

## 2.2. Gabriela Barreto Lemos<sup>2</sup> e a proposta da realidade óptica quântica

A pesquisadora brasileira Gabriela Barreto Lemos<sup>3</sup>, especialista em óptica quântica, afirma que estamos acostumados a pensar que vivemos em um mundo independente de nós; mas o que aconteceria, se apenas observando-o, nós o modificássemos? Pensemos nesta ideia com determinação, porque está no centro da nossa prática clínica: produzimos resultados apenas observando?

---

<sup>1</sup> Lacan, J. (1958). La dirección de la cura y los principios de su poder. Em *Escritos*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. (Tradução nossa).

<sup>2</sup> Comentário baseado em sua apresentação na Conferência TED: <https://www.youtube.com/watch?v=gEdQQA97V7g>

<sup>3</sup> Membro do “Vienna Center for Quantum Science and Technology”, na Áustria

Gabriela, em sua conferência TED, conta que um dos fundadores da teoria quântica — Werner Heisenberg — propõe que as partículas elementares e átomos que formam toda a matéria não são reais, mas formam **um mundo de possibilidades**, não um mundo de fatos. Isto é, vivemos em um mundo onde nada está predeterminado.

A mecânica quântica desafia a ideia de que **a realidade existe independentemente de nós**. Algumas pessoas acreditam que existe algum tipo de realidade fora; esta crença é questionada fortemente por essa teoria. Propõe, além disso, que a mecânica quântica muda todas as nossas ideias intuitivas de como são e funcionam **o espaço e o tempo**.

Em nosso campo, estas ideias novas sobre a realidade como mundo de possibilidades, e não de fatos, pode ser muito poderosa para pensar casos clínicos. Podemos verificar, muito frequentemente, que temos casos nos quais a realidade está comprometida em relação às funções de tempo e espaço. Por exemplo:

- Pacientes que vivem continuamente em um tempo presente e sentem dificuldade em se localizar na sua história ou projetar um futuro.
- Outros que têm dificuldades espaciais-geométricas: diante de outro, pode acontecer de não conseguirem se diferenciar, ou repetir circuitos de interação onde não é possível saber se provêm de um outro ou de seu eu (o que Lacan denomina regressão ao estágio do espelho).
- Pacientes que sofrem de outros problemas espaciais em relação a se mover no espaço físico: não conseguem dirigir um veículo por não dimensionar o espaço; ou não conseguem sair de determinado espaço físico, tal como em uma agorafobia.

Estes sintomas específicos em relação ao tempo e ao espaço são efeito de uma determinada estrutura da realidade.

### 2.3. Donald Hoffman: uma proposta contra a realidade

Donald Hoffman é um cientista da área cognitiva quântica que, durante os últimos 30 anos, dedicou-se a estudar a percepção, inteligência artificial, teorias dos jogos e o cérebro.



Nosso comentário é feito a partir de seu artigo na revista *The Atlantic: The case against reality*.<sup>4</sup>

A ciência cognitiva quântica cria modelos computacionais dos processos mentais que ocorrem, por exemplo, na aprendizagem, na memória, na linguagem e na percepção. Propõe ir além da teoria cognitiva clássica, e se baseia na teoria dos jogos,<sup>5</sup> e na computação quântica.

Compartilhamos algumas ideias interessantes do autor deste texto para pensar a realidade:<sup>6</sup>

- O mundo que se apresenta às nossas percepções não é nada como a realidade, é uma ilusão que temos que agradecer à evolução.
- A pergunta pela natureza da realidade — e a possibilidade de desenredar o observador do observado — é um esforço que ultrapassa as fronteiras da neurociência e da física fundamental. Os físicos quânticos estão maravilhados com o fato singular de que os sistemas quânticos não parecem ser objetos definitivos localizados no espaço até que nós aparecemos para observá-los. O ensino central da física quântica é claro: não há objetos públicos localizados por aí afora em um espaço preexistente.
- Os físicos quânticos se debatem com o mistério de como pode existir algo que não seja realidade em primeira pessoa. Todos os caminhos levam ao **observador**. Aí é onde Hoffman se encontra, tentando criar um modelo matemático do observador, tratando de chegar à realidade atrás da ilusão.
- Tudo o que vemos é uma grande ilusão? Temos percepções que nos mantêm vivos, e temos que levá-las a sério. Exemplo: cobras, trens; como as partículas na física, não tem objetivo, não tem características independentes do observador. Minhas cobras e meus trens são minhas representações mentais, as suas são suas representações mentais.

---

4 <https://www.theatlantic.com/science/archive/2016/04/the-illusion-of-reality/479559/>

5 [https://en.wikipedia.org/wiki/Quantum\\_game\\_theory](https://en.wikipedia.org/wiki/Quantum_game_theory)

6 tradução nossa.

- Quando era criança, Hoffman estava preocupado com a pergunta: somos máquinas? Se fosse assim, gostaria de saber qual é essa máquina mágica e especial; para além da máquina — nós, em psicanálise, temos uma resposta para essa pergunta: é o campo da linguagem, que Lacan chama de Grande Outro. Ele se dedicou ao estudo da inteligência artificial e percepção das máquinas, inspirado por Alan Turing, e decidiu desenvolver modelos matemáticos para habilidades visuais específicas, ao perceber que parecem ter em comum uma estrutura matemática. Como Turing, deseja inventar uma formalização simples para fundar a ciência da observação.
- Existe um mundo externo? Chamou-o de **realismo consciente**: a realidade objetiva é somente formada por agentes conscientes, somente pontos de vista. Se consideramos que existam apenas agente conscientes, o que acontece, então, com a ciência que sempre foi uma descrição do mundo em terceira pessoa? A ideia de **objetividade**, de que podemos medir o mesmo objeto na mesma situação e obter os mesmos resultados, não pode se sustentar a partir da mecânica quântica.

### 3. Jacques Lacan: algumas pontuações teóricas sobre o conceito de realidade em sua obra.

#### 3.1. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953).

Lacan sustenta que, na análise, trata-se de uma **realidade transindividual**:

Seus meios são os da palavra enquanto confere às funções do indivíduo um sentido: seu domínio é o do discurso concreto enquanto campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história na medida em que constitui a emergência da verdade no real.<sup>7</sup>

O inconsciente é aquela parte do discurso concreto enquanto transindividual que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente.

---

<sup>7</sup> Lacan, J. (1953). Función y Campo de la palabra y del lenguaje. Em *Escritos*. Buenos Aires: Paidós. (Tradução nossa).

Assim, desaparece o paradoxo que apresenta a noção do inconsciente, se ela se refere a uma realidade individual.<sup>8</sup>

Não trabalhamos com uma realidade individual como as ciências quânticas fazem. A **realidade transindividual** proposta por Lacan depende de um campo determinado por um discurso. Esse discurso é compartilhado pelo sujeito com outros. A realidade está determinada por operações de sua história que produzem emergências da verdade no real. Com os conceitos que trabalhamos em APOLa, seria similar a pensar a realidade em **imissão de outridade**. Esta seria uma diferença fundamental com as propostas da física quântica, a óptica quântica e a ciência cognitiva quântica.

### 3.2. “O simbólico, o imaginário e o real” (1953)

É o título da conferência que será a primeira **comunicação científica** de Lacan:

... a confrontação desses três registros, que são precisamente os registros essenciais da **realidade humana**, registros muito distintos e que se chamam: o simbólico, o imaginário e o real.<sup>9</sup>

Como a realidade humana é determinada? Pela articulação particular dos três registros. O que existe são os três de Lacan: **o real, o simbólico e o imaginário**. Desde o início de seu ensino, insiste nisso: seus três.

### 3.3. “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958).

Além disso, esse jogo [dos significantes], na medida em que é instituído como regra para além de cada partida, estrutura, já no sujeito, as três instâncias: eu (ideal), realidade, supereu, cuja determinação será obra da segunda tópica freudiana.<sup>10</sup>

---

8 Idem.

9 Lacan. J. (1953). *Conferencia: Lo simbólico, lo imaginario y lo real* (versão crítica). Traduzida por Ricardo E. Rodríguez Ponte. (Tradução nossa).

10 Lacan. J. (1958). De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis. Em *Escritos* Buenos Aires: Paidós. (Tradução nossa).

O jogo dos significantes determina a realidade. O Outro, campo transindividual, determinado por articulações de cadeias significantes, determina a realidade. A forma na qual está articulado o Outro condiciona o *perceptum*: condicionam a realidade tal como a percebo. **O esquema R** proposto neste texto consiste em um sistema de elementos relacionados que nos permite pensar em como se organiza a realidade em um determinado material clínico.

**R** no esquema não é o real, mas o **campo da realidade**, e encobre o real. Tem uma estrutura imaginária, e como tal se apoia no simbólico. O destaque responde a isso: a realidade encobre o real, tela. Também indica que a realidade está sobreposta ao campo do imaginário e apoiada no simbólico.

O quarto termo é dado pelo **sujeito em sua realidade**, como tal foracluída no sistema e só entrando sob o modo do morto no jogo dos significantes, mas tornando-se o sujeito verdadeiro à medida que esse jogo dos significantes vem dar-lhe significação.<sup>11</sup>

Inscrevamos aqui desde já, a título de visualização conceitual desse duplo ternário, o que chamaremos doravante de esquema R, e que representa as linhas de condicionamento do *perceptum*, ou, em outras palavras, do objeto, na medida em que essas linhas circunscrevem o campo da realidade.<sup>12</sup>

Em *Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan*, Alfredo Eidelsztein propõe esta acertada definição do esquema R:

O esquema R é a teorização da função paterna na articulação, no entrelaçamento peculiar do simbólico, imaginário, e real que é a neurose.<sup>13</sup>

O **esquema R** é uma superfície, portanto, requer ser abordada a partir da topologia. O texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” foi escrito nas mesmas semanas que as aulas do *Seminário 5*, no qual Lacan trabalha a **metáfora paterna**.

11 Lacan, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. Em *Escritos*. São Paulo: Zahar. p. 557.

12 Idem p. 559

13 Eidelsztein, A. (2010) *Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva. p. 8. (Tradução nossa).

### 3.4. *Seminário 5: As formações do inconsciente (1958)*

Neste Seminário, o problema da realidade aparece na segunda seção, a partir da aula do dia 8 de janeiro de 1958, em relação ao Complexo de Édipo e a operatória da metáfora paterna. Lacan nos apresenta o sujeito como dependente dos três polos chamados: ideal do eu, supereu e **realidade**.<sup>14</sup> Esses três polos fazem parte do que ele chama de **tema histórico do complexo de Édipo**.

Na aula seguinte, do dia 15 de janeiro de 1968, propõe que, nos casos de perversão e de psicose, trata-se de perturbações da função imaginária, operando sobre o campo da realidade.

... trata-se certamente de manifestações patológicas nas quais **o campo da realidade** está profundamente perturbado por imagens.<sup>15</sup>

Apresenta essas perturbações da realidade determinadas pela articulação do Complexo de Édipo, pela função — ou não funcionamento — do pai, apresentado como significante Nome-do-Pai. O pai é o pai simbólico, é uma metáfora:

É um significante que vem em lugar de outro significante. Digo que isto é o pai no complexo de Édipo, embora deixe alguns atônitos.<sup>16</sup>

O pai é o significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização: o significante materno. O Édipo, para Lacan, pode ser resumido como a intervenção do pai como significante na estrutura que permite que seja possível a substituição de um significante por outro significante. Isso implica a introdução da lei no campo do Outro: um significante representará um sujeito para outro significante; nunca um sujeito de forma direta.

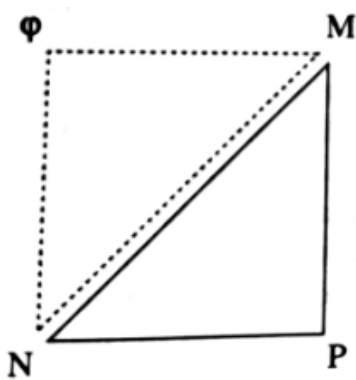
---

14 Lacan, J. (1957-1958) *Seminário 5: Las formaciones del inconsciente*. Buenos Aires: Paidós. p. 61. (Tradução nossa).

15 Idem, p. 168. (Tradução nossa).

16 Idem, p. 179. (Tradução nossa).

A primeira **relação de realidade** se apresenta entre a mãe e a criança, e é aí onde a criança experimenta as primeiras realidades de seu contato com o meio vivente.<sup>17</sup>



Nesta primeira relação com a mãe, estabelece-se o triângulo imaginário, na medida em que a criança depende do desejo da mãe e desta primeira simbolização: a mãe como aquele ser que pode estar ou não estar. Como resultado desta operação, seu desejo é o desejo da mãe. Esta simbolização abre a dimensão de que a mãe poderia desejar **outra coisa**. Aparece o desejo de Outra coisa: **o falo**. Este desejo do Outro se apresenta como um para além. A posição do falo no ternário imaginário é consequência da localização do pai no ternário simbólico:

O pai é, no Outro, o significante que representa a existência do lugar da cadeia significante como lei.<sup>18</sup>

Na aula de 5 de fevereiro de 1958, volta a abordar o problema da realidade; e nos propõe pensar que não existe a introdução do sujeito a uma realidade qualquer a partir da pura e simples experiência de vida.<sup>19</sup> A introdução à realidade é produzida no homem a partir do significante; e especialmente através da palavra, da voz do outro. Antes, inclusive, de que um sujeito domine a linguagem, existe uma simbolização na origem, em seus primeiros vínculos com o objeto primordial do qual depende que subsista no mundo. Nessa primeira relação da criança com sua mãe, constitui-se a primeira relação com a realidade. Articula

<sup>17</sup> Idem, p. 186. (Tradução pessoal).

<sup>18</sup> Idem, p. 202. (Tradução pessoal).

<sup>19</sup> Idem, p. 230.

este encontro com uma primeira realidade com o conceito de **estádio do espelho**. O sujeito se encontra neste estádio com uma imagem virtual cativante: a imagem de seu corpo,

... que tem a propriedade de ser um sinal cativante que se isola na realidade, que atrai e captura certa libido do sujeito, certo instinto, graças ao qual, com efeito, alguns pontos de referência, pontos psicanalíticos no mundo, permitem ao ser vivo organizar seus comportamentos.<sup>20</sup>

Este encontro com sua imagem do corpo lhe oferece uma **realidade virtual**, irrealizada, a ser conquistada e, dela, depende a possibilidade de construção de toda a realidade humana. Esta imagem vai permitir uma cristalização do eu do sujeito que vai se constituir como a possibilidade de organização do imaginário. Também lhe permite localizar-se na realidade e em um movimento duplo, começar suas primeiras identificações no campo simbólico. A

realidade se constrói por uma articulação de dois planos: plano imaginário e plano simbólico em um duplo movimento de oscilação:

Por um lado, a realidade é conquistada pelo sujeito humano na medida em que dita realidade alcança um de seus limites sob a forma virtual da imagem do corpo. Em correspondência com isto, se o sujeito consegue ampliar o campo desta experiência até à medida que tem para o sujeito humano, é porque introduz em seu campo de experiência os elementos irrealis do significante.<sup>21</sup>

A realidade humana cobra sua dimensão a partir da operatória do significante Nome-do-Pai, que organiza e funda o lugar do Outro como campo legalizado. Lugar organizado dos significantes: o inconsciente é o discurso do Outro. As possibilidades de estruturação da realidade do sujeito vão depender de como este lugar esteja organizado. A **realidade alienada**, percebida pelo eu, depende das condições de estruturação dos significantes da **realidade do inconsciente**.

---

20 *Idem*, p. 233. (Tradução pessoal).

21 *Ibidem*, p. 236. (Tradução nossa).

### 3.5. “Da psicanálise em suas relações com a realidade” (1967)

Por mais assombroso que possa parecer, direi que a psicanálise, ou seja, o que um procedimento abre como campo à experiência, é a realidade. A **realidade** é baseada nele como absolutamente **unívoca**, o que é único em nossa época, comparado com a maneira na qual enredam os outros discursos.<sup>22</sup>

Propõe-nos, na introdução desse texto, que a psicanálise **é a realidade**, uma realidade que nos é apresentada como **unívoca**. Não se trata da mística de um sentido para além da realidade, nem da realidade de uma "experiência interior", nem da realidade do consultório do analista. Propõe-nos pensar uma **relatividade** introduzida pelo inconsciente, que se inscreve na realidade.

É uma realidade restringida que implica ela mesma uma realidade como material, que não é interpretável como prova de outra realidade que a transcenderia. Sobre essa realidade, opera a interpretação psicanalítica, que produz mudanças sobre os elementos significantes que a recortam. Propõe pensar que o psíquico faz parte da **realidade do inconsciente**, não de uma realidade dura ou sólida. Trata-se de construir o que é suporte, o que é causa, o que está em jogo organizando essa realidade: o inconsciente como lugar do Outro.

Tanto o princípio do prazer como o princípio da realidade se sustentam sobre a realidade do inconsciente comandada pelo fantasma, não de uma realidade biológica ou externa.

A realidade, em vista disso, é comandada pela fantasia como aquilo em que o sujeito se realiza em sua própria divisão.<sup>23</sup>

A realidade alienada do sujeito tem que ser considerada como a realidade pensada do eu penso, sujeito do conhecimento. O analisante é aquele que consegue identificar essa alienação e descobrir o fantasma como motor da realidade psíquica e o sujeito dividido. Nessa tarefa, o analista não é a medida da realidade, como propõe os psicanalistas do eu. Oferece-se como sustentação desse des-ser para que possa pensar-se como sujeito dividido.

---

22 Lacan, J. (1967). Del psicoanálisis en sus relaciones con la realidad. Em *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós. p. 371. (Tradução nossa).

23 Lacan, J. (1998). Da psicanálise em suas relações com a realidade. Em *Otros Escritos*. São Paulo: Zahar. p. 357.



O objetivo é que se possa articular a realidade do inconsciente aos olhos da realidade alienada, a partir de uma topologia particular que determina seus pontos de ancoragem.

... o analista não recusa nem o princípio do prazer nem o da realidade, simplesmente ele é, ali, igual àquele a quem guia, e, não pode, nem deve, de forma alguma, levá-lo a transpô-los.<sup>24</sup>

Temos a **realidade alienada do sujeito** e a **realidade do inconsciente**, a separação entre ambas sustentada pelo ato do analista. Lacan finaliza este escrito com uma proposta enigmática para pensar nossa prática:

O analista faz-se guardião da realidade coletiva, sem sequer ter competência para isso. Sua alienação é redobrada – pelo fato de lhe ser possível escapar dela.<sup>25</sup>

#### 4. **Esquema R: a realidade como resultado da articulação do Complexo de Édipo e do Complexo de Castração em Lacan.**

O esquema R proposto por Lacan implica a reformulação do Complexo de Édipo e de Castração de Freud no novo paradigma proposto por Lacan. Neste esquema, a **realidade** aparece como campo topológico resultado da articulação dos três registros. Para entender esta profunda mudança conceitual, é necessário poder diferenciar, em uma primeira etapa, o Complexo de Édipo em Freud e o Nome do Pai em Lacan.

Proponho seguir a proposta de Alfredo Eidelsztein, na Revista *El Rey Está Desnudo*,<sup>26</sup> na qual resume, nestes elementos mínimos, a teoria de Lacan sobre a estrutura da **metáfora paterna**:

- **Filho** é um "objeto" genérico da estrutura, e seu significado será estabelecido caso a caso, depois da operação da metáfora.
- **Desejo da mãe** é uma função que encarna o **Outro** e que pode ser qualquer um.

24 Lacan, J. (1967). Del psicoanálisis en sus relaciones con la realidad. Em *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós. p. 379. (Tradução nossa).

25 Lacan, J. (1998). Da psicanálise em suas relações com a realidade. Em *Otros Escritos*. São Paulo: Zahar. p. 358.

26 Eidelsztein, A. (2018). *El conflicto del psicoanálisis ante las problemáticas actuales*. Revista *El Rey está desnudo*, 13, 7-16

- **Nome do pai** é um significante: não deve nem pode ser ninguém. Indica como a função de legalidade opera em todos os participantes, a lei sobre todos eles. Trata-se de uma lei que não pertence a nenhum código, e que afirma que nenhum dos participantes pode ser equiparado ao Outro (A), o que significaria sua onipotência. Ninguém impõe a lei a outro, a questão é se todos aqueles que encarnam a função **Desejo da mãe** estão ou não submetidos à lei da estrutura.

O esquema R corresponde então à estrutura das neuroses, e se caracteriza por operar a legalidade do pai. O que quer dizer que o significante Nome-do-Pai (P) opera na estrutura (A). O pai é um puro significante, diz Lacan, e sua operação produz simultaneamente três efeitos:<sup>27</sup>

- A barrado: A
- Sujeito barrado: \$
- Extração do objeto a

Lacan articula o complexo de Édipo e o de Castração fazendo da função paterna a operação de significantes (metáfora paterna). Só depois que o significante Nome do Pai substitui o significante Desejo da Mãe em seu lugar, é introduzida a função da lei no Outro pela via da interdição, e são articulados lei e desejo. Sem esta associação, a mãe permanece no lugar do Outro onipotente e seu desejo opera como capricho, uma vez que não opera sua castração.

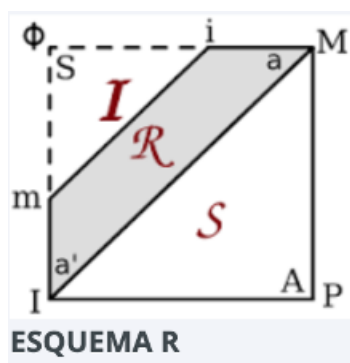
A **realidade normatizada**, que vemos aparecer na clínica das neuroses, requer a operatória da metáfora paterna; ou seja, do funcionamento do significante Nome do Pai. A operatória deste significante particular determina que a realidade se apresente como **fechada** nas neuroses (esquema R); ou **aberta** como na clínica das psicoses (esquema I). Lacan propõe que a extração do **objeto a** é a operação fundamental que sustenta o marco da realidade. O problema na psicose é que a extração do objeto a não está inscrita, o que produz um funcionamento anômalo da realidade, porque não se inclui nenhum ponto que opere como impossível.<sup>28</sup>

---

27 Eidelsztein, A. (2020). Apresentado em seu *Seminário de Casos Clínicos*, online, setembro 2020.

28 *Ibidem*, p. 202.

**Esquema R:** análise de seus elementos e articulações para pensar a realidade.<sup>29</sup>



Lacan define a estrutura do esquema como um duplo ternário. O simbólico: **MIP** e o imaginário: **φaa'**. No triângulo imaginário, distingue-se o triângulo **Sim** do sujeito no imaginário, do quadrângulo da realidade **MimI**. A relação dos dois ternários imaginário e simbólico é de homologia, ou seja, são qualitativamente equivalentes. Também são homólogos: os pares **a-a'** com **M-I**; e **S** sob **φ** com **P** sob **A**.

O quadrângulo da realidade é uma **banda de Moebius**, que tem um só lado e uma só borda. A realidade para o ser humano é a consequência da articulação do simbólico, o imaginário e o real. A R (realidade) tal qual se dá na neurose é uma superfície com uma só borda e duas dimensões: uma superfície de projeção, uma tela.

Definições das letras do esquema:

- **I**: registro imaginário.
- **R**: registro real, velado pela realidade.
- **S**: registro simbólico, a estrutura da linguagem e o sistema legal que implica.
- **A**: O Outro que deve ser diferenciado de S
- **m**: o *moi*, o eu, decantado de identificações narcisistas.
- **i**: imagem do semelhante, complemento de *moi*.
- **a**: o objeto imaginário, vinculado com a função materna, com laços de amor e ódio.

<sup>29</sup> A lista e descrição de todos estes elementos foi confeccionada a partir do texto de Lacan “De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de las psicosis”, e os livros de Alfredo Eidelsztein: *Topología en la Clínica Psicoanalítica y Modelos, Esquema y grafos en la enseñanza de Lacan*.

- **a'**: figuras do outro nas quais o eu se identifica, até a identificação paterna ao ideal do eu.
- **M**: significante do objeto primordial.
- **P**: a posição em A do Nome-do-Pai. Implica a função P em A, do significante que, no Outro, enquanto lugar do significante, é o significante do Outro enquanto lugar da lei.
- **φ/S**: a significação do sujeito **S** sob o significante do falo. Não é o significante fálico, é a significação fálica, produto da operatória de metáfora paterna.
- **I**: é o ideal do eu, significante operando como o ideal. Tem duas vertentes: **MI**, que são as marcas significantes, insígnias das respostas deste Outro onipotente aos chamados da criança. **I** são as marcas da onipotência do Outro. A criança enquanto desejado constitui o vértice **I**.
- **MI**: relação de amor
- **S**: sujeito no simbólico, embora se encontre em um triângulo imaginário. O significante do sujeito está foracluído na neurose. O quarto termo **S** (a respeito de **M**, **I** e **P**) está dado pelo sujeito em sua realidade, como tal foracluído do sistema, e somente entra no jogo significante sob o modo do morto.

Onde localizamos o **objeto a** neste esquema? A realidade barra o Real, o **objeto a** se encontra barrado pela realidade. O **objeto a** é o marco do fantasma que sustenta o campo da realidade por sua própria extração. É localizável no esquema em função do corte: é reduzido ao próprio corte. O corte está representado por: **mi**, **MI**, que Lacan denomina o único corte válido, que isola uma banda de Moebius.

O que acontece se o objeto **a** não é extraído? Lacan responde a este problema com o Esquema I, correspondente à clínica da psicose.



- **Infinitização:** as quatro extremidades do sombreamento estão abertas.
- esquema I mantém o caminho do esquema R: Saa'A: o relacionamento com o outro semelhante é possível.

### **R (realidade) no esquema I:**

- Representa as condições sob as quais a realidade foi restaurada.
- É uma espécie de **ilhota**, determinada por retoques excêntricos do imaginário e do simbólico, que a reduzem ao campo de desnível entre os dois.
- A realidade está subordinada em sua causa e processo a este procedimento de restauração.

A realidade para Lacan é a **realidade do inconsciente**; que se diferencia e opõe como conceito à **realidade alienada** do eu penso do sujeito do conhecimento. Não se trata da realidade individual, subjetiva, a visão particular de um indivíduo. O inconsciente de Lacan é transindividual, portanto, opera com uma realidade produzida em **imissão de outridade**. Realidade é, para Lacan, o que retorna sempre ao mesmo lugar como articulação dos 3 registros.

## **6. A estrutura da realidade em Lacan, segundo Alfredo Eidelsztein**

O texto de referência de Alfredo Eidelsztein (A.E.) neste tema é *La topología en la Clínica Psicoanalítica*. Nos três últimos capítulos deste livro, ele apresenta sua pesquisa sobre a estrutura da realidade na obra de J. Lacan associada à topologia.

A.E. nos oferece um material preciso para poder pensar o esquema R de Lacan do escrito “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” articulado a superfícies da topologia:

- O quadrângulo da realidade corresponde a uma banda de Moebius.
- Todo o esquema R pode ser pensado como um cross-cap.
- A operatória do objeto a, em relação a um plano projetivo.

A primeira ideia que A.E. apresenta é que, para Lacan, a extração do **objeto a** sustenta o marco da realidade, como é apresentado em uma nota de rodapé do escrito “De uma questão preliminar...”. No campo da psicose, a não inscrição da extração deste objeto produz funcionamentos anômalos na realidade. Para Lacan, a realidade no mundo humano é o resultado da articulação dos 3 registros a partir da extração do objeto a.

A. E. nos propõe pensar que não há realidade psíquica, entendida como a realidade pessoal ou individual:

Não, não há realidade psíquica. O que opera para cada um de nós é uma maquininha que nos escreve um limite, um marco e um roteiro para ela.  
[...] E isso não significa que sejamos relativistas na noção de verdade, embora não haja verdade da verdade. Sim, estamos abertos a que, se foi certo, se foi verdadeiro o que dissemos, poderemos chegar a nos surpreender de que se inscreva em uma realidade superior que o retifique.<sup>30</sup>

No capítulo seguinte, é introduzido o **plano projetivo** para dar uma noção estrutural do objeto a e a operação de sua extração. Apresenta o problema da extração clinicamente, com as alucinações do campo das psicoses, onde vemos que não foi incorporado um elemento simbólico puramente abstrato: o Nome-do-Pai.

O **plano projetivo** é uma superfície fechada sem bordas, com uma só face e é usado para representar a realidade das neuroses. A realidade se apresenta como fechada quando consegue incorporar um elemento abstrato no lugar onde se produz o fechamento: nesse lugar encontramos o objeto a.

O **esquema R** topologicamente é uma semiesfera que se fecha na forma de cross-cap:

O cross-cap é uma superfície que [...] sendo fechada, não possui exterior nem interior: há continuidade entre o interior e o exterior; ou seja, eu sou eu, mas você está dentro de mim; isto é, o sujeito entendido como imiçãõ de Outridade.<sup>31</sup>

30 Eidelstein, A. (2006). *La Topología en la Clínica Psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós. p. 211. (Tradução nossa).

31 *Ibidem*, p. 229. (Tradução nossa).

No caso das psicoses, esta superfície se apresenta como aberta e com dois abismos; é a ilha flutuando no nada do caso Schreber do **esquema I**. Não contam com elementos abstratos (N. do Pai) que produziria o esvaziamento que chamamos de extração do objeto a; e que permite diferenciar entre A — o Outro como campo simbólico — e sua incorporação em outros. Como a estrutura é aberta, a subjetividade pode ser invadida pelo Outro.

No último capítulo, apresenta a superfície topológica chamada de **cross-cap** para operar com a fórmula do fantasma: a união impossível de representar em três dimensões de uma esfera furada e uma banda de Moebius auto atravessada por sua linha média. É uma superfície fechada que coloca em continuidade o interior e o exterior; e nos permite pensar o inconsciente como discurso do Outro (exterior), que opera a partir de dentro. Esta superfície topológica nos permite pensar a realidade como estruturada a partir de algo que funciona como fora de linha: a extração do objeto a.

O que o cross-cap nos ensina de melhor [...] é que, para além da condição neurótica, para além do fim de análise, sempre resta, como parte integrante da estruturação normal da realidade humana, um ponto anômalo. Nos casos de psicose, poderíamos testar a ideia de se não se trata de que esse ponto não está, sob a forma da ausência do funcionamento do impossível para o sujeito.<sup>32</sup>

As superfícies topológicas possíveis para operar com a realidade na clínica psicanalítica — como nos ensina A.E. — são o **plano projetivo** e o **cross-cap**. São superfícies fechadas, sem bordas, de uma só face que nos permite pensar uma realidade fechada determinada pela operatória do objeto a elemento externo abstrato que funciona como fora de linha. Nas psicoses, a falta da inscrição deste elemento determina uma superfície aberta, onde a subjetividade pode se apresentar invadida pelo Outro. Também podem ser produzidos efeitos sobre a percepção do espaço e do tempo.

## 7. A realidade do inconsciente é a realidade sexual

No *Seminário II*, é apresentado o conceito de realidade associado a vários conceitos fundamentais: transferência, inconsciente, sujeito, significante, desejo e realidade sexual.

---

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 253. (Tradução nossa).



---

Na aula de 22 de abril de 1964, Lacan propõe que a realidade imaginária do sujeito foi constituída no Outro. O sujeito se vê no espaço do Outro e o Ideal do eu é ali, o ponto a partir do qual se olha. No final desta aula, nos propõe este aforismo:

...a transferência é a atualização da *realidade do inconsciente*.<sup>33</sup>

A realidade da qual se trata é a da constituição do sujeito; uma realidade que a análise “não só traz à luz, como também engendra”.<sup>34</sup> Na aula seguinte, continua esse aforismo desta forma: “a transferência é a atualização da realidade do inconsciente. A realidade do inconsciente é a realidade sexual”. O problema central é que o sexual, para Lacan, não é a sexualidade biológica:

A sexualidade só concerne à análise na medida em que se manifesta, em forma de pulsão, no desfiladeiro do significante...<sup>35</sup>

Para Lacan, o inconsciente são os efeitos sobre o sujeito da fala, e está estruturado como uma linguagem. Propõe pensar, neste Seminário, esta ideia subversiva: “uma afinidade entre os enigmas da sexualidade e o jogo do significante”.<sup>36</sup> Propõe como equivalentes a estrutura significante e a estrutura genética; e as duas compartilhariam estas características: (1) função dominante de uma combinatória, que opera em termos imprescindíveis de alienação, (2) processos de redução e perda de elementos, e (3) operam pela expulsão de restos (objeto a).

A reprodução sexual humana consiste em funções que se distribuem segundo um jogo de alternâncias, trocas que são produzidas no plano da aliança, que é o plano do significante. Esta é a manobra de Lacan: substituir o conceito de libido de Freud por seu novo conceito de desejo, reformulado completamente a partir de seu grafo do desejo. A duplicidade do sujeito do enunciado e do sujeito da enunciação de sua proposta, demonstra a presença de um sujeito que deseja, e deseja sexualmente.

---

33 Lacan, J. (1964). *Seminário 11: Los Cuatro Conceptos Fundamentales del Psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. p.152. (Tradução nossa).

34 *Ibidem*, p. 156. (Tradução nossa).

35 *Ibidem*, p. 274. (Tradução nossa).

36 *Ibidem*, p. 157. (Tradução nossa).

Eu sustento que, com a análise [...] deve revelar-se o ponto nodal pelo qual a pulsação do inconsciente está vinculada à realidade sexual. Este ponto nodal se chama o **desejo**...

...o desejo se situa na dependência da demanda — demanda que por articular-se a significantes, deixa um resto metonímico que desliza sob ela, um elemento que não é indeterminado, que é uma condição, ao mesmo tempo absoluta e incompreensível, um elemento que está necessariamente em impasse, um elemento insatisfeito, impossível, não reconhecido, que se chama desejo.<sup>37</sup>

O campo do desejo deve ser abordado a partir de uma topologia, e requer a articulação dos conceitos: desejo, demanda (associada pelo significante) e objeto a.

A transferência, em Lacan, como atualização da realidade sexual do inconsciente implica uma proposta não **individualista**, já que se produz em **imissão de outridade**. Requer um espaço **topológico** para ser pensada onde os critérios de interior-exterior não são fixos. Precisa de novas superfícies bidimensionais fundadas no funcionamento de um furo como o são o esquema da nassa, o oito interior, e cross-cap. É **antibiologicista**: a reprodução biológica

humana como estrutura combinatória; mesmo nossos cromossomos, por mais biológicos que sejam, podem ser abordados como estruturas combinatórias. É **criacionista**: a transferência é **um ato**, uma relação criada pela atualização do desejo do analista e baseada na teorização dos conceitual que sustenta — saiba ele ou não.

Por que a realidade sexual está unida ao inconsciente? Por que “a realidade sexual é a introdução do desejo, como desejo do Outro no sujeito”.<sup>38</sup> O desejo está articulado no discurso, mas não é articulável. O sujeito não pode dizer o que quer, não o sabe, não tem acesso. O desejo é interpretação. Como os mensageiros indígenas que levam as mensagens escritas em suas cabeças, está escrito, mas precisa ser lido. É por isso que a transferência é a atualização da realidade sexual do inconsciente, porque é o processo de leitura desse desejo, que insiste nas voltas da demanda.

---

37 *Ibidem*, p. 160. (Tradução nossa).

38 Frase de Lenadro Gomez, no trabalho sobre o Seminário 11, APOLa Posadas, 2020. (video disponível online).

## 8. Conclusões

A psicanálise **é a realidade**, afirma Lacan em 1967. No Seminário 11 ele nos propôs essa ideia:

[...] a sexualidade é a realidade do inconsciente.<sup>39</sup>

A transferência é a atualização da realidade do inconsciente; uma realidade que Lacan chama de sexual. Trata-se da integração do plano do significante à realidade sexual, dado que a sexualidade só entra em jogo a partir do aparelho significante. Trata-se de construir esse aparelho, essa **máquina significante**, que permite aos corpos emparelharem-se, a partir de pulsões parciais. Na análise, trata-se de estabelecer qual é essa montagem particular do sujeito, que Lacan chama de **fantasma** e **sustenta a realidade**. A realidade sexual desconhecida para o sujeito, velada, desliza sob o discurso analítico.

Para Donald Hoffman, a consciência é a realidade primária, e a realidade física, secundária. Lacan de certa forma sustenta a mesma proposta: a psicanálise é a realidade primária para nosso campo.

Para concluir, a realidade proposta por Lacan é engendrada em análise e implica uma construção em imissão de outridade. A introdução do sujeito em uma realidade não existe a partir das experiências de vida, apenas se produz a partir do ingresso na ordem significante; especialmente, através da voz do outro. Para Lacan, a realidade da qual nos ocupamos na análise produz efeitos de verdade a serem lidos e associados rigorosamente via interpretação e manobras do discurso. A **realidade do inconsciente** pode ser analisada e modificada na clínica psicanalítica.

---

39 Lacan, J. (1964). *Seminário 11*. Buenos Aires: Paidós, p. 159. (Tradução nossa).

---

<b>NÍVEL DE REALIDADE</b>	<b>CAMPO</b>	<b>PROPRIEDADES</b>	<b>DIMENSÕES</b>
Realidade objetiva	Realidade da ciência	Inacessível em forma objetiva -subjetividade do observador	n D
Realidade individual	Realidade psíquica de Freud	Individual, percebida, do eu	3D
<b>Realidade em psicanálise</b>	<b>Proposta de Lacan</b>	<b>Transindividual = imiçãõ de Outridade. Materialidade significante.</b>	<b>2D</b>

**BIBLIOGRAFIA**

1. Eidelsztein, A. (2006) *La Topología en la Clínica Psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
2. Eidelsztein, A. (2010) *Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva.
3. Eidelsztein, A. (2018) *El conflicto del psicoanálisis ante las problemáticas actuales*. Revista El Rey está desnudo, 13, 7-16.
4. Lacan, J. (1953). *Conferencia: Lo simbólico, lo imaginario y lo real* (versión crítica). Traduzida por Ricardo E. Rodríguez Ponte.
5. Lacan, J. (1953). Función y Campo de la palabra y del lenguaje. Em *Escritos*. Buenos Aires: Paidós.
6. Lacan, J. (1957-1958) *Seminario 5: Las formaciones del inconsciente*. Buenos Aires: Paidós.
7. Lacan, J. (1958). La dirección de la cura y los principios de su poder. Em *Escritos*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
8. Lacan, J. (1958). De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis. Em *Escritos*. Buenos Aires: Paidós.
9. Lacan, J. (1964) *Seminario 11: Los Cuatro Conceptos Fundamentales del Psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós
10. Lacan, J. (1967). Del psicoanálisis en sus relaciones con la realidad. Em *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós.

**CARINA RODRIGUEZ SCIUTTO**

Psicanalista, residente em Fort Lauderdale, Flórida, USA; onde trabalha em clínica privada e na difusão da psicanálise. Membro da comissão diretiva de APOLa Internacional

Site: <https://www.carinarodriguezsciutto.com/>

E-mail: [mhc.carina.rodriguez@gmail.com](mailto:mhc.carina.rodriguez@gmail.com)



## **O estatuto do sujeito na psicanálise como sujeito dividido entre saber e verdade.**

**The status of the subject in psychoanalysis as a subject divided between knowledge and truth.**

ROSANA VELLOSO

### **RESUMO:**

Este trabalho tem como ponto de partida a investigação que venho realizando desde 2018 em torno ao tema do Estatuto do Sujeito na Psicanálise por considerar ser este um tema central no ensino de Lacan e na prática psicanalítica. No percurso que realizo de modo sucinto neste escrito, destaco a perspectiva de Lacan que toma o funcionamento do Sujeito como determinado pelo inconsciente estruturado como uma linguagem, linguagem essa constituída por lalangue (lalíngua ou alíngua), ou seja, um saber articulado como uma combinatória de letras, que implica uma escritura lógica e revela a estrutura de um Real como um impossível.

**PALAVRAS CHAVE:** sujeito – saber – verdade – inconsciente – linguagem – lalíngua – letra - real.

### **ABSTRACT:**

This work has as its starting point the investigation I have been carrying out since 2018 on the theme of the Statute of the Subject in Psychoanalysis, considering that this is a central theme in Lacan's teaching and in psychoanalytic practice. In the course I briefly take in this writing, I highlight Lacan's perspective that takes the functioning of the Subject as determined by the unconscious structured as a language, a language constituted by lalangue (language), that is, an articulated knowledge as a combination of letters, which implies a logical writing and reveals the structure of a Real as an impossible.

**KEYWORDS:** subject - to know - truth - unconscious - language - lalengua - letter - real.

Para introduzir as ideias que quero trazer aqui, vou partir da afirmação de Lacan, feita em diversos momentos do seu ensino, a de que o Sujeito é determinado pela linguagem e pelo registro significante no contexto do discurso. No texto “Posição do Inconsciente”<sup>1</sup> - intervenção que fez Lacan em 1960, retomada em 1964-, por exemplo, há várias citações onde ele afirma que a linguagem é causa do sujeito. Mas a novidade proposta por Lacan na

---

<sup>1</sup> Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

---

década de 60 é a demarcação de que o Sujeito sobre o qual operamos na psicanálise só pode ser o Sujeito da Ciência Moderna dividido entre Saber e Verdade.

Na primeira classe do Seminário *O Objeto da Psicanálise*,<sup>2</sup> que tem como título “A Ciência e a Verdade” (1965-66), classe esta publicada também nos *Escritos*<sup>3</sup> em 1966, Lacan é preciso:

... um único sujeito é aceito nela (na psicanálise) como tal, aquele que pode constituí-la científica.<sup>4</sup>

E deixa muito claro que:

por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis.<sup>5</sup>

Ou seja, a nossa prática dependerá de como manejamos a concepção de Sujeito. Importante esclarecer que a noção de ciência que Lacan trabalha tem a ver com o campo das **Ciências Conjecturais**, constituído por aquelas disciplinas que operam com o saber mediante a formalização através da ferramenta do matema, ou seja, da letra, com entes puramente abstratos, na contraposição das Ciências Experimentais, além de distinguir claramente a psicanálise das ciências ditas humanas com seus ideais de normalidade e suas generalidades estatísticas que universalizam.

É interessante seguir a elaboração que faz Lacan para introduzir a hipótese do Sujeito da Ciência,<sup>6</sup> tomando como seu guia, Alexandre Koyré, um dos mais influentes historiadores da ciência do século XX, entre outros pensadores de diversos campos do saber. Nessa interlocução, Lacan recolhe as pistas que permitirão a ele situar que a psicanálise tem relação com mudanças relevantes que aconteceram no Ocidente a respeito do Saber e da Verdade. Vejamos brevemente: No saber mítico, há o saber verdadeiro que se sabe e se atualiza nos ritos, e sua transmissão guarda algo de indizível, inefável, misterioso. Nesse contexto discursivo, a relação do saber à verdade é absolutamente garantida, não está posta em dúvida. Há uma Verdade transcendente. Já o Saber Religioso, é aquele enviado do céu, de Deus, e revelado nos sonhos e visões. Aí está a crença em mensageiros divinos e a

---

2 Lacan, J. (1965-1966). *Seminário, livro 13: l'objet de la psychanalyse*. Inédito. Recuperado de [www.staferla.free.fr](http://www.staferla.free.fr).

3 Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

4 Lacan, J. (1966). A ciência e a verdade. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. p.873.

5 *Ibidem*.

6 *Ibidem*.



---

verdade será interpretada. Existe a Verdade, um saber verdadeiro (saber-verdade), e é verdadeiro porque está no céu, no cosmos, é de Deus. Podemos escrever com o matema A maiúsculo que nos permite pensar o lugar da verdade, um A sem barra. Um saber já sabido, prévio, unido à verdade religiosa, ao pecado original, à fé nos dogmas. Lacan (1966)<sup>7</sup> diz que na verdade cristã está a “formulação de um Deus Trinitário e Uno”. Pai, filho e espírito santo. E que o poder eclesiástico desencoraja aí o pensamento, pois, pensar sobre o dogma é se deparar com impasses, é tropeçar em heresias, e aí Lacan faz uma articulação entre a palavra ‘heresia’ e ‘RSI’, considerando que é nessa estrutura topológica de três dimensões que essa imagem da Trindade – a questão do Filioque - deve ser apreendida.

### **O Saber a partir da Ciência**

Com o início da investigação científica, numa proposta de desassociar as influências teológicas e escolásticas da investigação da realidade, as certezas compartilhadas pelos homens são postas em dúvida, e pode-se aceder a um saber exclusivamente pela racionalidade, pela razão. Há um rechaço ao saber previamente estabelecido, destituindo o cosmos, as coisas já não são em si mesmas e algo se racha, se rompe. É quando começam a despontar as ideias geniais de um Galileo e um Descartes que aplicam ao céu o algoritmo e começam a propor teorias e perguntas ao mundo, formuladas em termos matemáticos, e deduzidas de uma combinatória de letras, mais além dos dados sensoriais, e em oposição a um mundo aristotélico, onde a coisa se manifestava em seu ser e em si mesma. Uma nova visão do mundo aponta para uma estrutura que já não está plena, pois, o aparato formal inventado revelou a estrutura de um Real, de um impossível lógico, um Real impossível de dizer e escrever.

Algo que já estava no estado da língua, em desenvolvimento, é produzido. Passamos de um mundo fechado, ordenado, hierárquico a respeito de uma ordem superior, à criação de um universo infinito. Há mundos. E essa ruptura faz calar a Deus e é aí onde a Verdade cai sob a barra, o matema ‘A’ como lugar da Verdade fica barrado e será como o limite ao infinito do saber que poderá ser apresentado em diversas versões, hipóteses, sempre provisórias. Podemos nos aproximar, mas, nunca chegar à Verdade.

---

<sup>7</sup> Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Op.Cit. p.887.

---

Lacan<sup>8</sup> diz que a ciência forclui a verdade, e não o Sujeito como comumente pensamos. Dizer que a verdade é forcluída é dizer que é suprimida de um modo tal que não pode retornar no mesmo campo do qual foi excluída, campo do saber. O saber e a verdade estão agora em exclusão mútua, houve uma disjunção. Essa é a *Spaltung* da que se trata, o saber está amputado, e traz como consequência a pergunta pela verdade. E é aí que está para Lacan o eixo fundante da possibilidade da psicanálise, pois, o que falta no que se sabe é o que causará o movimento em direção ao saber. A chave, então, será definir a relação do sujeito com esta verdade que opera como causa.

Além disso, dada a uma manobra sobre o saber feita pela ciência, produz-se um efeito sujeito, sujeito da ciência, que lhe é antinômico, contrário à sua tendência em propor um sujeito unificado, suturado. O sujeito da ciência é barrado, dividido, pois, a função da verdade, verdade particular, é eliminada. E é aí que a psicanálise fará sua entrada. É com esse sujeito, efeito do discurso da ciência, que ela vai operar, ofertando-se para a recuperação da condição particular de cada sujeito, ou seja, sua verdade no campo do saber e seu desejo.

E o que é que está no núcleo desse problema para nós psicanalistas? O núcleo da estrutura do inconsciente que é a hiância causal. Nas palavras de Lacan:

... o efeito Sujeito funcionando como um corte, e por esse efeito, ele não é causa dele mesmo...<sup>9</sup>

Ou seja, a relação ao simbólico permite a existência na linguagem, na ordem significante, que já está operando desde sempre, mas o valor significante que vem do campo do Outro não orienta e está dado por algo que falta. A falta de um referente real, e a impossibilidade para o *parlêtre* (*falasser*)<sup>10</sup> de uma relação direta com uma ordem natural, implica a falta do ser dado do sujeito, pois não há nenhuma realidade pré-discursiva. Se trata então da articulação da ‘falta’ em ser do Sujeito (S) com algo da falta no Outro (Outro barrado), e assim Lacan vai juntar uma dimensão a esse lugar do A barrado, mostrando que ali há uma falha, um furo, um buraco, e é o ‘objeto a’ que vem funcionar em relação a essa falha

---

8 Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Op. Cit. p.889.

9 Ibidem. p. 849.

10 “Parlêtre”, neologismo utilizado por Lacan em diversas ocasiões na década de 70 para assinalar a prioridade da fala sobre o ser, e mais ainda, a dependência deste último com respeito à primeira.

---

estrutural. É essa articulação que interessa a Lacan, onde o que é essencial é o buraco, que, por sua vez, tem uma função essencial no funcionamento da ordem simbólica.

Na causação do sujeito da psicanálise, essa relação com a falta no Outro, essa relação de desejo, poderia ser para a psicanálise o lugar onde, de alguma maneira, aparece uma versão possível da verdade. E a Psicanálise vem oferecer o lugar para alojar algo disso que acontece com o saber e a verdade em nossa cultura, um modo de padecer no Ocidente moderno, e que, no contexto discursivo da análise, terá que ser considerado em sua forma particular em cada caso, sem generalizações.

Ainda sobre a causação do sujeito, é importante mencionar que ‘causa’ para Lacan não se refere àquilo que esteve antes, ou à relação entre fatos. Advertido do sentido habitual do termo ‘causa’, ele rechaça a possibilidade de que exista primeiro um significante ao qual se lhe agrega um segundo e posteriormente os outros e sustenta a preexistência da sociedade de significantes, uma estrutura que já está desde o começo, um começo sincrônico, e que nenhum significante se adequa a ser em si mesmo nem passado nem futuro do outro, o que implica um tempo circular.

É sempre bom lembrar também que, quando falamos de Sujeito na perspectiva do modelo teórico de Lacan, estamos falando de uma noção que recebe uma aceção específica, valores novos. E é certo que a nossa prática dependerá de como manejamos a concepção de Sujeito. Portanto, o conceito de Sujeito aqui não se confunde nem com o indivíduo biológico ou um organismo individual que se adapta, nem com a pessoa, nem com o analisante, nem com o cidadão, nem com o orador. O Sujeito não é a sua inteligência, sua excelência e perfeição, não se situa no mesmo eixo do Eu consciente (*moi*), nem é algo de unívoco. Importante chamar a atenção para esse aspecto para estarmos advertidos e não sermos levados por atitudes ingênuas ou pelos desvios teóricos-técnicos, como aqueles realizados pelos pós-freudianos com sua psicologia centrada na ilusão de um Eu autônomo, concebido com um valor supremo.

Mas então quem é o ou o que é um Sujeito? Sujeito é o que um significante representa ante outro significante, é, portanto, um Sujeito dividido. Aqui se trata de situar o Sujeito da relação analítica em uma existência excêntrica, que não ocupa espaço, não se pode ver, é pontual e evanescente. Se quisermos falar de uma localização para o Sujeito, esta será a descontinuidade na qual algo se manifesta como vacilação na análise, como um lapso, um equívoco, um chiste.

---

E se o Sujeito aparece, não se trata de uma verdade oculta que foi rechaçada pelo eu, reprimida e que tem que ser recuperada e assumida. Não se trata de tomá-la como uma verdade própria, individual, um desejo individual, pois cairíamos na responsabilidade subjetiva. Há determinadas coisas das quais se padece, se está implicado, mas, não se é responsável. Algo funciona mais além de si próprio e de maneira lógica. É precisamente neste mundo simbólico que o sujeito surge como operante, e esse momento não é de forma alguma dedutível de qualquer modelo que seja da ordem de uma estruturação individual.

Passamos da categoria de indivíduo como pessoa para a condição estrutural do Sujeito em imissão com o campo do Outro, noção que Lacan propõe em Baltimore no ano de 1966.<sup>11</sup> Essa imissão é condição necessária do Sujeito, seria como uma mescla, o Outro já funcionando no que Lacan chama Sujeito, e não existe Sujeito sem o campo do Outro. Isso Fala, Isso Pensa, Isso Goza, e sustenta um texto que se encarna, já que habitamos a linguagem, e, portanto, sempre dizemos mais do que queremos dizer.

Então, parece importante sublinhar que, ao contrário do que muito se escuta nos meios psicanalíticos, Lacan diz no *Seminário 17*:

... há um saber perfeitamente articulado, pelo qual, falando propriamente, nenhum sujeito é responsável<sup>12</sup>

Mas essa combinatória pode chegar a produzir um efeito sujeito. E esse sujeito que fala mais além, Lacan vai abordar de forma matematizada, lógica. Avancemos um pouco mais com Lacan.

Na última classe do *'Encore'*, *Seminário XX*, intitulada "O rato no labirinto",<sup>13</sup> Lacan coloca sua teoria do saber inconsciente, definindo-o como um enigma a decifrar ou interpretar. O saber para o *parlêtre* é o saber que não é de nenhum sujeito, é sem sujeito, o saber é o que se articula, que é estruturado como uma linguagem. Esse é o saber não-sabido de que se trata na psicanálise. Ao fazer essa formulação, Lacan enfatiza que não está se referindo à linguagem comum, àquela como todo mundo usa, com fins comunicacionais, ou a do dicionário. E afirma que a experiência do inconsciente tem

---

11 "O discurso em Baltimore" como conhecido, trata de uma comunicação feita por Lacan no Simpósio Internacional do Centro de Humanidades John Hopkins em Baltimore (USA) no ano de 1966. Disponível em espanhol em <https://www.acheronta.org/lacan/baltimore.htm>.

12 Lacan, J. (1992). *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. p.81.

13 Lacan, J. (1985). *Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar.

---

mostrado que está feito de *lalangue*<sup>14</sup> -noção traduzida ao português por lalíngua ou alíngua-. Encontramos aí uma das noções que nos interessa nessa investigação. Quando Lacan faz essa afirmação está dizendo que o inconsciente não tem finalidade de comunicação, pois, lalíngua não é ferramenta de comunicação. Lalíngua designa o que é o assunto de cada um com respeito à língua materna e como cada um vai servir-se dela. Ou seja, o que existe é lalíngua de cada um, a relação problemática que cada um tem com a ‘língua materna’ - que se chama ‘lalíngua’ – e que exige uma operação aí, caso por caso, pois, não há referente que dê um sentido prévio.

Então, temos o saber inconsciente como ‘Isso Fala’, ‘Isso Pensa’, ‘Isso Goza’, e aqui nesse *Seminário XX*, Lacan vai dizer que lalíngua articula. Essa é a ideia de Lacan que representa um salto. Lalíngua sabe mais que o ser falante que padece de seus efeitos sintomáticos. Estes lhe escapam e há que ter um dispositivo especial para captar isso, o testemunho daquele que sofre os efeitos de lalíngua, os efeitos de gozo, isso que lhe resulta enigmático.

Isto significa que só há verdade matematizada: isto é, escrita. E naquilo que não possui nenhum sentido a priori, é mesmo difícil dar um sentido, pois, as letras do matema não são ideias já elaboradas. Entretanto, pode-se fazer algo com isso. Trata-se agora de rigor formal com base dedutiva. O inconsciente dito por Lacan como estruturado como uma linguagem é agora o inconsciente estruturado como os conjuntos como sendo letras. O suporte será a leitura de letras por ausência da parte do real que não pode vir a se formar em ser. Dito de outro modo, a escrita de letras matemáticas é o que suporta o Real – Real como um impossível lógico - e é no jogo mesmo dessa escrita que temos que encontrar, mesmo sem certezas e garantias, o ponto de orientação para o qual nos dirigir, bordeando o Real. Será uma aposta, pois a racionalidade do inconsciente está para ser construída.

Portanto, na análise, trata-se de uma elucubração de saber sobre lalíngua, fazendo operações de leitura e de escritura. E nada é senão na medida em que se diz que é, pois, a fala define o lugar da verdade, que tem estrutura de ficção, e, nesse sentido, aproxima-se da verdade mítica. Citando Lacan (1966):

Eu, a verdade, falo ... Isso é tudo o que há por dizer da verdade, da única, ou seja, que não existe metalinguagem ... nenhuma linguagem pode dizer o verdadeiro

---

14 O termo “lalangue” surge pela primeira vez em o Saber do Psicanalista, 1971, p.15.

---

sobre o verdadeiro, uma vez que a verdade se funda pelo fato de que fala, e não dispõe de outro meio para fazê-lo.<sup>15</sup>

Então, o verdadeiro sobre o verdadeiro tem falsa aparência. E o que vai nos interessar, portanto, mais do que a verdade, é a constituição das vias de acesso a ela. Além disso, a verdade só pode ser semi-dita e não se pode esgotá-la, embora esse meio-dizer se apresente como um todo. Como diz Lacan:

... é aqui que reside a dificuldade: é que é necessário fazer sentir a aquele que está em análise que esta verdade não é toda, que ela não é verdadeira para todo o mundo, que ela não é - esta é uma velha ideia - que ela não é geral, que ela não vale para todos.<sup>16</sup>

Então, parece importante ressaltar que hipotética é a elucubração de saber na análise, não Lalangue, pois, o inconsciente é um saber que está articulado como uma combinatória de letras, mas que implica que há uma parte significativa que não se sabe. Na dimensão da escrita, o significado não tem nada a ver com o que se escuta, mas somente com a leitura, pois, há uma escritura lógica em jogo. E no registro do discurso analítico, com a intervenção do analista, a letra, que não significa nada em si mesma, poderá ser lida por aquele que, por ser falante, está em posição de proceder à operação de decifração, imaginando compreender o Real do Simbólico, fazendo novas leituras, até atingir um sentido, pois, como diz Lacan, “é preciso parar!”.<sup>17</sup> Essa escrita, ponto-chave do trabalho analítico, carrega em si seu próprio limite de interpretação, que tem a ver com a estrutura do desejo indestrutível e invariante. O analisante convocará, assim, um saber que lhe escapa para tentar dar conta dos efeitos enigmáticos de gozo que são produzidos. Há algo que goza, não alguém que goza, e há que armar um saber-fazer com lalangue.

Um analisante queixa-se: “Meu problema maior é que estou sempre pos-ter-gan-do”. É possível perceber que nessa fala há uma referência a algo que se repete na vida dessa pessoa - “sempre pos-ter-gan-do” - e se expressa a despeito de si através de sua conduta.

---

15 Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Op. Cit. p.882.

16 Lacan, J. (1975). “O sintoma”. Conferência na Universidade de Columbia. Auditório da Escola de Assuntos Internacionais. Lacan in North Armórica. [recurso eletrônico] / Frederico Denez; Gustavo Capobianco Volaco (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016, p.69. Disponível em: <http://www.editorafi.org>

17 Lacan, J. (2016). *Seminário, livro 21: os não-tolos vagueiam*. Bahia: Publicação não comercial – Circulação exclusiva para os membros do Espaço Moebius Salvador. p.13.

---

Mas há que atentar também para a jaculação do dito na sessão, o modo de dizer que também é significativo. E dizer que é significativo é dizer que se presta a equívocos e tem sempre diversas significações possíveis. No caso aqui, essa separação de sílabas feita pelo analisante em seu dito não pode passar despercebida. Dizer “pos-ter-gan-do” no contexto de uma análise não é o mesmo que dizer “postergando”. Há que propor ao analisante que faça sua ou suas leituras sobre esse dizer, levando em conta os elementos que estruturam essa escrita, tomada como uma composição formal. É buscar decifrar a escritura que se oferece dentro de um contexto discursivo, desenvolvendo a estrutura lógica que lhe corresponde, e buscando reconhecer a problemática de seu destino, integrando-a a um texto histórico, fazendo laços, o que significa que se trata de algo que está entre ele e outros.

Nos seus últimos seminários, Lacan tomará a cadeia borromeana como ponto de partida para dar conta do Sujeito na psicanálise. E será o buraco topologicamente estabelecido o que, com mais precisão que o intervalo significativo, criará e alojará o nada da criação ex-nihilo na cadeia borromeana. O buraco cumprirá tanto a função do lugar onde existem S barrado, A barrado e o objeto a, como também onde se dissolve a função material das substâncias tridimensionais para o parlêtre. Isso retomarei em outra oportunidade.

Para concluir por agora, parece importante enfatizar que é a posição teórica do analista que constrói um dispositivo de leitura que permite estabelecer e localizar a hipótese de um Sujeito. Se se trabalha com a ideia do inconsciente na clínica, o inconsciente como o não-sabido de um saber, que ex-siste ao analisante, ainda que lhe diga respeito, este vai aparecer. Caso contrário, não há inconsciente. Do mesmo modo, depende do psicanalista se a clínica será referida a um corpo de carne e osso com seus gozos biológicos singulares à que depois o significativo tentará apreender em suas redes, logrando sempre êxitos parciais, ou a um trabalho na dimensão da verdade em estado nascente, um dizer que está primeiro, na origem e que funciona como fato. Estamos convocados a assumir uma posição a respeito.

Além disso, quero sublinhar que a entrada em análise requer que se considere que há um saber não sabido, o que é bem diferente de ter que assumir a responsabilidade subjetiva pelo que diz. Assim, os que nos procuram para atendimento, serão levados a se perguntar, entre tantas outras interrogações, e sempre no registro de sua autobiografia, de sua história textual: “Por que digo o que digo?”, “Por que penso isso?”. É a função da pergunta, as boas perguntas que serão formuladas, e é o que fará com que o saber possa ir se constituindo no

dispositivo analítico, sob transferência. Não tem nada a ver com um saber que terá que ser recordado para ser conhecido ou um saber reprimido. Aquele que sabe que sabe, é o ‘eu’ (*moi*), imaginário, e a novidade revelada pela psicanálise de Lacan é a produção de um saber não sabido por ele mesmo, saber não nascido, sem Sujeito, um Sujeito suposto, a ser produzido no manejo da linguagem que se desenvolve na situação analítica, e que não pode ser pensado por fora dela e sem a presença de um analista ocupando o lugar de causa, semblant de ‘a’. Esta é uma concepção que “dessubstancializa” a noção de inconsciente e de sujeito. É um sujeito a cada vez, efeito de significação, sempre pontual e evanescente, e não O sujeito.



**BIBLIOGRAFIA**

1. Cuasnicú, R. (2018). Clase 14 del primer curso de enseñanza de Apertura. Tema: El analista como posición ética de no saber (crítica a la experiencia). Clínica: Posición del analista. <https://www.youtube.com/watch?v=HqHXQRijcc0&feature=youtu.be>.
2. Eidelsztejn, A. (2016). Las estructuras clínicas a partir de Lacan. [Volumen I]. 3ªed. Buenos Aires: letra viva.
3. Eidelsztejn, A. (2016). Ciencia y psicoanálisis. Conferência realizada na Sociedad Psicoanalítica Apertura, Psicoanálisis Por Venir. Buenos Aires. <https://www.youtube.com/watch?v=HAZ1G0Xm3TU>
4. Eidelsztejn, A. (2017). Cómo trabaja un psicoanalista?: [https://www.eidelsztejnalfredo.com.ar/como-trabaja-un-psicoanalista-seminario-internacional-dictado-en-chile-el-2-de-septiembre-de-2017/?fbclid=IwAR0jsL9TgpHtQ4qSyyFk\\_2h\\_OqHDBdH75mr21fJsw2NsJJUDLJWPprLBsWQ](https://www.eidelsztejnalfredo.com.ar/como-trabaja-un-psicoanalista-seminario-internacional-dictado-en-chile-el-2-de-septiembre-de-2017/?fbclid=IwAR0jsL9TgpHtQ4qSyyFk_2h_OqHDBdH75mr21fJsw2NsJJUDLJWPprLBsWQ)
5. Eidelsztejn, A. (2018). El origen del sujeto en psicoanálisis: Del big bang del language y el discurso en la clínica psicoanalítica. 1ª ed- Buenos Aires: letra viva.
6. Koyré, A. Del mundo cerrado al universo infinito. Siglo XXI editores, 1979.
7. Krymkiewicz, M. (2009). *El descubrimiento del cogito y la alteración de la estructura del saber y el amor em Occidente*. Clase n.3 del Curso de Posgrado - UBA "El psicoanálisis por venir" a cargo del Prof. Dr. Alfredo Eidelsztejn. Disponible em <http://sujetodelaciencia.blogspot.com/2011/05/el-descubrimiento-del-cogito-y-la.html>.
8. Krymkiewicz, M. (2013). *La obra clara de Milner. ¿Qué es ciência para los postlacanianos?* Disponible em <https://www.youtube.com/watch?v=71Pu7Cwm3NA>.
9. Krymkiewicz, M. (2013). Ciencia, história y psicoanálisis. Disponible em <https://www.youtube.com/watch?v=II5RpCFL93M>.
10. Krymkiewicz, M. (2018). *La ciencia y el sujeto de la ciencia*. Clase 6 do primeiro curso de enseñanza de Apertura. Disponible em <https://www.youtube.com/watch?v=8jmqyR55VOE&feature=youtu.be>
11. Krymkiewicz, M. (2018). *La ciencia y el sujeto de la ciencia*. Clase 12 do primeiro curso de enseñanza de Apertura. Disponible em <https://www.youtube.com/watch?v=nkykeqOCN3E&feature=youtu.be>
12. Lacan, J. (1954-1955). Seminario, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. 2.ed. Rio de Janeiro: zahar, 2010.

13. Lacan, J. (1955-1956). Seminário, livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: zahar, 1985.
14. Lacan, J. (1964). Seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: zahar, 1988.
15. Lacan, J. (1965-1966). Seminário, livro 13: l'objet de la psychanalyse. Inédito. Recuperado de [www.staferla.free.fr](http://www.staferla.free.fr).
16. Lacan, J. (1966). “O discurso em Baltimore”. Disponível em espanhol em <https://www.acheronta.org/lacan/baltimore.htm>.
17. Lacan, J. (1968-1969). Seminário, livro 16: de um Outro ao outro. Publicação do Centro de Estudos Freudianos do Recife.
18. Lacan, J. (1969-1970). Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: zahar, 1992.
19. Lacan, J. (1971). Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: zahar, 2009.
20. Lacan, J. (1971-1972). Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne. Rio de Janeiro: zahar, 2011.
21. Lacan, J. (1971-1972). O Saber do Psicanalista. Publicação do Centro de Estudos Freudianos do Recife.
22. Lacan, J. (1972-1973). Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: zahar, 1985.
23. Lacan, J. Escritos. Rio de Janeiro: zahar, 1998.
24. Lacan, J. (1973-1974). Seminário, livro 21: os não-tolos vagueiam. Bahia: Publicação não comercial – Circulação exclusiva para os membros do Espaço Moebius Salvador, 2016.
25. Lacan, J. (1975). “O sintoma”. Conferência na Universidade de Columbia. Auditório da Escola de Assuntos Internacionais. Lacan in North Armórica. [recurso eletrônico] / Frederico Denez; Gustavo Capobianco Volaco (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. Disponível em: <http://www.editorafi.org>
26. Lacan, J. (1975-1976). Seminário, livro 23: o sinthoma. Rio de Janeiro: zahar, 2007.

## **ROSANA VELLOSO**

Psicóloga, Especialista em Psicologia Hospitalar. Psicanalista, Membro de APOLa – Sociedade Psicanalítica Internacional. Membro do Grupo de Pesquisa ‘Literatura, Cinema e Gramática Política’ vinculado à Universidade Federal do Ceará (UFC) e cadastrado junto ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Exerce sua prática clínica no Serviço Público de Saúde e em Consultório Privado em Salvador-Bahia, Brasil.

Correio-eletrônico: [rosanavl2004@yahoo.com.br](mailto:rosanavl2004@yahoo.com.br).

